

Editora ABRIL
edição 2902 - ano 57 - n.º 29
19 de julho de 2024

Clube de Revistas



veja

www.veja.com

E SE ELE GANHAR?

Donald Trump sai de um atentado contra sua vida com ferimentos leves, aura de herói e chances multiplicadas de vencer Joe Biden na corrida pela Casa Branca. Sua eleição terá impactos no Brasil, na economia global e na geopolítica atual

CLUBE DE

REVISTAS



Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!



João Victor
Instituto Baccarelli

Tudo se transforma quando a excelência dá o tom da sua vida.

Quem busca a excelência encontra harmonia na vida financeira. Conte com o BTG Pactual: assessoria dedicada e especializada, atendimento humanizado 24x7 e mais de 1.000 produtos de investimento.

A excelência está em você.

Dê um BTG na sua vida.



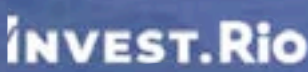
Abra sua
conta.



23º FÓRUM EMPRESARIAL

LIDE

PATROCÍNIO

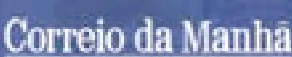


Caminhões
Ônibus



Grant Thornton

MÍDIA PARTNERS



GRUPO
JOVEM
PAN



NEWS



FLEISHMANHILLARD



Mistral

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE:
WWW.LIDE.COM.BR



16 DE AGOSTO

RIO DE JANEIRO HOTEL FAIRMONT COPACABANA

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:



CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO



RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESTADO
ESPÍRITO SANTO



RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO
DE GOIÁS



WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO
DO AMAZONAS



GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ACRE



EDUARDO PAES
PREFEITO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO



FELÍCIO RAMUTH
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
DE SÃO PAULO



DIAS TOFFOLI
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF



LUIZ FUX
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF



AYRES BRITTO
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF (2012-2014)



RAUL JUNGSMANN
PRESIDENTE DO IBRAM
MINISTRO DA DEFESA (2016-2018)



LEONARDO LOBO
SECRETÁRIO DA FAZENDA DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



NICOLA MICCIONE
SECRETÁRIO-CHEFE DA CASA CIVIL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



CHICÃO BULHÕES
SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO
URBANO E ECONÔMICO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO



FÁBIO ARAÚJO
DIRETOR DE TECNOLOGIA DO
BANCO CENTRAL DO BRASIL



CAROLINA SANSÃO
DIRETORA DE TECNOLOGIA
DA FEBRABAN



WILSON FERREIRA
CEO DA ELETROBRAS (2022-2023)
CONSULTOR EMPRESARIAL



CAIO MEGALE
ECONOMISTA-CHEFE DA XP INVESTIMENTOS
SECRETÁRIO DO TESOIRO NACIONAL (2019-2020)



CRISTIANO PINTO DA COSTA
PRESIDENTE DA SHELL BRASIL



MAURÍCIO QUADRADO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER
DE INVESTIMENTO



PATRÍCIA ELLEN
CEO DA AYA
SECRETÁRIA DE DESENVOLV. ECONÔMICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019-2022)



PATRICK BURNETT
FUNDADOR E CEO DA
INOVETECH



GISELA MAC LAREN
PRESIDENTE DO ESTALEIRO MAC LAREN



ROBERTO CORTES
PRESIDENTE DA VW ÔNIBUS E
CAMINHÕES AMÉRICA LATINA



ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

VENDAS

www.assineabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONE: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

**Vendas corporativas, projetos
especiais e vendas em lote:**
assinaturacorporativa@abril.com.br

**Atendimento exclusivo para
assinantes:**
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30



Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO
DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco



Fundada em 1950

VICTOR CIVITA
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA
(1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima



Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenès Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall’Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, Fernando Schüller, José Casado, Lucília Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS** ESPECIAIS Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 902 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 29. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornalista. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC

GoRead

SIP



www.grupoabril.com.br

ISABEL LIMA ANTONIO MILENA



OURO Monica, em Paris, e Fábio (no Rio, em 2016): cobertura completa da Olimpíada na revista e nas plataformas digitais

UM OLHAR DIFERENTE

OS JOGOS OLÍMPICOS nunca foram apenas competições esportivas — servem como rascunho da história, espelho dos humores da sociedade e da política. Foi assim com a Olimpíada de 1936, que Hitler usaria como plataforma de



HISTÓRIA As capas de VEJA: os Jogos como retrato do vaivém político da humanidade, para muito além do esporte

ascensão do nazismo e de defesa da raça ariana, e que resultou na humilhação imposta pelo velocista negro Jesse Owens. Foi assim no infame atentado terrorista de Munique, em 1972, e nos sucessivos boicotes de 1980, em Moscou, e 1984, em Los Angeles. No auge da pandemia de covid-19, Tóquio teve de adiar o torneio de 2020 para 2021 — acompanhado por arquibancadas silenciosas. É possível, enfim, contar os passos e tropeços da civilização por meio do mais esperado evento do planeta. Segui-los de perto, a cada quatro anos, é atalho para compreender as idiossincrasias do ser humano e, muitas vezes, do cenário global.

A Olimpíada de Paris, com cerimônia de abertura prevista para a próxima sexta-feira, 26, servirá — mais até do que outras que a antecederam recentemente — como palco e espelho do mundo em ebulição. Não haverá como escapar, em meio a glórias e dramas dos atletas, de duas guerras em andamento, a de

Israel e Gaza e a de Rússia e Ucrânia. O impasse francês, depois das eleições legislativas, sem que um premiê tenha sido nomeado, também fará parte da costura geopolítica das disputas. O espanto com o atentado contra Donald Trump estará em cena, a calibrar os olhares para vitórias e derrotas. Hoje, mais do que nunca, uma medalha de ouro não será apenas uma medalha de ouro. Histórias de fora das quadras, das pistas e das arenas permearão cada pódio. Cada alegria ou frustração.

Para acompanhar de perto as duas semanas do torneio, VEJA designou um time de primeiríssima linha: a editora-executiva Monica Weinberg e o redator-chefe Fábio Altman. Já em Paris, Monica escreveu a extraordinária reportagem que começa na pág. 60, retrato minucioso e inteligente da cidade que nunca parou de se reinventar. Fábio segue para sua quinta Olimpíada. Eles serão acompanhados, no Brasil, pelo repórter Caio Saad. Com o avanço das tecnologias e a revolução imposta pela internet, é natural que o trabalho olímpico se expandisse para outras direções. Neste ano, além da cobertura na revista, haverá vídeos diários no canal VEJA+, reportagens no site de VEJA, postagens nas redes sociais e um programa ao vivo no fim de tarde, horário brasileiro, ancorado pelo editor Ricardo Ferraz. Em paralelo, dois blogs — *Paris É uma Festa*, para iluminar o que acontecerá fora das arenas, e *100 Loucos Anos*, passeio centenário entre os Jogos de 1924 e os de agora — entregarão um olhar diferente, ao modo tradicional de VEJA, de jornalismo profissional, bem cuidado e exclusivo. Esta Olimpíada, certamente, não será igual às outras. ■



VILLAGE

GOLF • SURF • TÊNIS • EQUESTRE • TOWN CENTER

FOTO REAL DO SURF LODGE RESIDENCES

O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXCELÊNCIA JHSF JÁ É REALIDADE.

O Village com cultura, liberdade, diversão e senso de comunidade, num projeto arquitetônico por Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson e paisagismo de Maria João d’Orey.

**SURFSIDE
RESIDENCES**



PERSPECTIVA
ARTÍSTICA

**GOLF
RESIDENCES**



FOTO REAL

**GRAND LODGE
RESIDENCES**



PERSPECTIVA
ARTÍSTICA

**FAMILY
OFFICES**



PERSPECTIVA
ARTÍSTICA

**VILLAGE
HOUSES**



PERSPECTIVA
ARTÍSTICA

**LOTES
EXCLUSIVOS**



PERSPECTIVA
ARTÍSTICA

JHSF
SURPREENDENTE

SAIBA MAIS



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

Aviso Legal: O presente se refere aos loteamentos e às incorporações do Boa Vista Surf Lodge, do Boa Vista Golf Residences, do Grand Lodge Hotel & Residences, do Surfside Residences, do Village Family Offices, registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina para prática de surf, ao spa, ao equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária, no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village já constituído e nos regulamentos específicos. A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.

ENTREVISTA GUIDO MANTEGA



CLAUDIO GATTI

TENHO UMA VIDA NOVA

O ex-ministro de Lula e Dilma garante que não pretende voltar à esfera pública, critica o presidente do Banco Central e revela mágoa por ter sido desaprovado pelo mercado financeiro

AMAURI SEGALLA



O ECONOMISTA Guido Mantega tem extensa trajetória de serviços prestados ao PT. Nos dois primeiros mandatos do presidente Lula, ocupou os cargos de ministro do Planejamento, ministro da Fazenda e presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Na gestão Dilma Rousseff, comandou mais uma vez a Fazenda, tendo sido um dos responsáveis pela criação de uma série de medidas controversas que ficaram conhecidas como “nova matriz econômica”. Adepto da linha desenvolvimentista, que prevê o aumento da participação do Estado como indutor do crescimento, ele defende, na entrevista a seguir, a agenda econômica do atual governo e diz que as críticas de Lula ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, fazem sentido. Mantega também revelou ter ficado magoado com a reação negativa do mercado à indicação de seu nome para a presidência da Vale e da Petrobras, assegura que não pretende voltar à esfera pública e afirma que os xingamentos que recebia nas ruas e restaurantes ficaram para trás. Confira os principais trechos da entrevista.

O senhor compartilha das críticas que o presidente Lula faz ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto? Vamos colocar no contexto em que isso aconteceu. Todo mundo sabe que o Brasil tem uma taxa de juros muito elevada. É a segunda maior taxa real de juros do mundo e, evidentemente, o Brasil não é o segundo pior país — afinal, a taxa de juros tem de ser relacionada com a solidez da economia.

Então, é óbvio que há um excesso de juros no Brasil. A inflação vem caindo desde o pico de 2021 e agora está em torno de 4%. Portanto, permanece sob controle. O Banco Central estava no caminho certo, de redução da Selic, mas mudou a direção da política monetária. Foi um movimento abrupto, que ameaça o bom desempenho da economia brasileira.

Para o presidente Lula, Roberto Campos Neto age movido por interesses políticos. O que pensa sobre isso? O presidente teve uma reação de indignação. Ele questiona se o Banco Central tem uma política técnica e independente. Não me parece que manter os juros elevados foi uma decisão técnica, mesmo porque, um tempo depois, o Roberto Campos Neto se reuniu com o governador de São Paulo, Tarcísio de

“O Banco Central estava no caminho certo, de redução da Selic, mas mudou a direção da política monetária. Foi um movimento abrupto, que ameaça a economia”

Freitas, e sinalizou que aceitaria ser ministro da Fazenda em um governo futuro. Isso não é postura independente.

O senhor acha que há espaço para um corte de juros ainda neste ano? Acho. Nos últimos dois meses a inflação americana começou a cair, e já se fala em três reduções de juros nos Estados Unidos em 2024. No Brasil, a inflação continua sob controle. Em uma análise estritamente técnica, voltaram as condições para o Banco Central retomar a redução de juros. A Selic alta encarece o crédito. Eu mesmo peguei um empréstimo no Banco do Brasil com a taxa de 4% ao mês. É muito caro.

As críticas recorrentes do presidente Lula ao Banco Central aumentaram a tensão no mercado financeiro. O presidente não deveria ter sido mais comedido? A verdade é que o Roberto Campos também respondeu com novas provocações. Houve, de fato, um clima inadequado, que não ajudou ninguém. Não foi um bom caminho. Tanto é assim que o presidente Lula viu que essa não era a melhor estratégia e decidiu não continuar com a polêmica. Mas é importante dizer que o presidente da República tem todo o direito de questionar o comportamento da taxa de juros. Isso não ameaça de forma alguma a autonomia do Banco Central.

Há um projeto para fortalecer a independência do Banco Central, inclusive do ponto de vista financeiro. Qual é a

sua opinião a respeito? O Banco Central tem independência operacional, que é o que interessa. Assim, ele pode determinar qual é a taxa de juros e perseguir as metas inflacionárias estabelecidas pelo Conselho Monetário Nacional. Essa é a independência que interessa. Não acho adequado transformar o Banco Central numa empresa.

Há alguns dias, o real sofreu forte desvalorização. Isso não é um sinal da falta de confiança na economia brasileira? O contencioso entre o governo e o Banco Central acabou aumentando a desvalorização do real, mas isso explica apenas uma pequena parte do movimento. Outro fator importante é o mercado brasileiro de derivativos, um dos mais líquidos do mundo. Havia muita gente na posição comprada de dólar, apostando na elevação da cotação da moeda. Isso gerou enorme pressão.

Muitos analistas afirmam que o desequilíbrio fiscal é o principal problema da agenda econômica. O governo não deveria estar mais preocupado com essa questão? Nós temos um arcabouço fiscal que limita o aumento de gastos. Portanto, você não pode acusar o governo de ser irresponsável do ponto de vista fiscal. O ministro Haddad está fazendo malabarismos para conseguir ajustar as contas. É preciso lembrar que o governo Bolsonaro deixou uma herança de contas a pagar, como os precatórios. Não pagou nem sequer organismos internacionais. Houve um momen-

to em que o Brasil não podia participar de votações na ONU porque não havia honrado seus compromissos.

Ainda assim, fechar 2023 com um rombo de 230 bilhões de reais nas contas públicas não representa um grande problema? É um déficit alto, mas reforço que o governo Lula tem um comportamento fiscal responsável e busca fazer um controle eficaz das despesas. Há um controle que ele não consegue fazer, que são as emendas parlamentares. Esse é um governo de coalizão ampla, o que exige ampla capacidade de negociação com o Congresso. Essa coalizão faz exigências, e o governo precisa ceder porque é assim que a política brasileira funciona.

Uma crítica que se faz ao governo é o fato de olhar apenas para as receitas e não cortar despesas. O governo Fernando Henrique foi muito bem avaliado do ponto de vista fiscal e ele aumentou a arrecadação, criando novos tributos. Com isso, conseguiu um equilíbrio fiscal. O ministro Haddad corrigiu algumas distorções, como a não tributação de fundos offshore. O que quero dizer é que é correto olhar para certas distorções e buscar o aumento de arrecadação, como o Haddad tem feito.

O governo não deveria ser mais firme na busca do equilíbrio fiscal? O objetivo dos governos não deveria ser simplesmente obter um bom resultado fiscal, mas combinar

contas públicas equilibradas com um bom crescimento da economia. Veja os governos Temer e Bolsonaro. Eles fizeram contingenciamento de gastos e a economia não cresceu nada, ou cresceu muito pouco.

O senhor falou de malabarismos do ministro Haddad para tocar a agenda econômica do país, mas ele sofre críticas principalmente da base petista. O governo é liderado pelo PT, mas essa é uma gestão que resultou da composição de vários partidos. O PT está no seu direito de ter posições diferentes das políticas adotadas pelo governo. Isso é absolutamente normal.

Ao contrário do primeiro mandato de Lula, a impressão que se tem agora é que o governo não está preocupado

**“Achar que o ministro da
Fazenda mais longo do Brasil
não está preparado para
presidir a Vale é um absurdo.
Mas não estou interessado
nessa posição”**

em melhorar o ambiente de negócios. Essa percepção está equivocada. O governo aprovou a reforma tributária, que dá um passo gigantesco para melhorar o ambiente de negócios e a competitividade no país. Foi um grande feito. Eu mesmo tentei fazer uma reforma tributária em 2004 e não consegui.

O senhor foi mencionado como uma possível indicação do presidente Lula para comandar empresas como a Vale. Houve conversas nesse sentido? Não houve indicação do presidente Lula. No caso da Vale, membros do conselho de administração estavam pensando na sucessão do CEO e em como melhorar o relacionamento da Vale com o governo. Foi nesse contexto que cogitaram o meu nome como alguém capaz de fazer essa ponte.

O senhor se sente preparado para assumir a presidência da Vale? Achar que o ministro da Fazenda mais longo do Brasil, ex-presidente do BNDES e professor de administração na Fundação Getúlio Vargas por vinte anos não teria qualificação para administrar uma empresa como essa é um absurdo. Claro que estou preparado. Fiquei insatisfeito com as reações negativas em relação ao meu nome. De todo modo, não estou interessado nessas posições.

Tem interesse em voltar para a administração pública? Não. Eu agora trabalho no setor privado, como consultor.

Trabalhar no governo me trouxe muita dor de cabeça. Enfrentei processos que me causaram prejuízos financeiros, tive de pagar muitos advogados.

Muitos analistas consideram a gestão Dilma um desastre econômico. Onde o governo errou? Quando eu era ministro, a dívida pública caiu. É bom que se diga. Todo mundo fala que houve uma farra fiscal, mas isso não é verdade. A imagem que se tem é que a Dilma quebrou o país. Não quebrou.

A desoneração da folha foi uma política do seu mandato no Ministério da Fazenda, mas agora o governo quer reverter o programa. A desoneração foi um erro? A medida foi correta. Nós estávamos em um contexto marcado por ataques dos produtos asiáticos ao mercado brasileiro e por uma recaída da crise global. Os países da Europa e os Estados Unidos começaram a desempregar. Então, eu estabeleci o programa que barateava o custo tributário das empresas e elas se comprometeram a não demitir. A medida foi boa porque as companhias ganharam competitividade naquele momento e não demitiram.

A pedalada fiscal em 2014 foi o maior erro cometido pelo governo? Não houve pedalada fiscal. A Dilma sofreu impeachment aparentemente por esse motivo, mas depois a acusação passou a ser a de que ela descumpriu os limites de gastos estabelecidos pelo Congresso sem ter autorização para isso.

O presidente Lula trocou o CEO da Petrobras. Esse tipo de intervenção não faz mal para a empresa? Não acho que houve intervenção. A Petrobras é uma empresa pública e quem nomeia o seu CEO é o presidente da República. Se ele acha que um funcionário não está dando certo, tem o direito de trocar.

Sob Lula, a Petrobras retomará políticas que não deram certo antes, como investimentos na indústria naval. Faz sentido? Qualquer empresa que para de fazer investimento fica para trás. Não sei se a nova administração da Petrobras vai estimular a indústria naval, mas ela precisa continuar investindo.

O senhor chegou a ser vaiado em restaurantes. A sua vida voltou à normalidade depois de tudo o que ocorreu nos últimos anos? Foram tempos difíceis para mim, mas felizmente não tem mais nada disso. Aquilo foi uma perseguição da Lava-Jato, que transformou todos nós em supostos corruptos. Também sofri um desgaste familiar muito grande. Mas superei essa fase. Hoje tenho uma vida nova. ■

A PRINCESA COROA O NOVO REI



A **CENA** foi comovente. Ao entrar no túnel que dá acesso à tribuna de honra da **quadra central de Wimbledon**, e depois descer com delicadeza os degraus do mítico espaço,

ROB NEWELL/CAMERASPORT/GETTY IMAGES

a princesa **Kate Middleton** foi ovacionada. Acompanhada de um clone, a filha, Charlotte, de 9 anos, sorria a não mais poder. Ela já havia aparecido em um evento tradicional, de honraria a tropas britânicas, mas não com a amplitude do clássico torneio de tênis. Em tratamento de um câncer, supostamente no intestino (os detalhes nunca foram revelados), Kate sorria como sempre. Magra — ou simplesmente elegante, convém ressaltar —, foi de roxo, em um vestido da grife londrina Safiyaa, avaliado em pouco mais de 1 080 dólares, o equivalente a 6 300 reais. A cor, dizem os otimistas, significa esperança para quem tem problemas oncológicos. “É maravilhoso estar aqui novamente”, postou nas oficialíssimas redes oficiais. “Nada se compara a esse campeonato.” A tarde findou com uma cena inesquecível: a coroação do novo rei do lugar, o espanhol **Carlos Alcaraz, 21 anos, bicampeão do torneio**, que atropelou o fenomenal sérvio Novak Djokovic, 37 anos, por 3 a 0. Antes de receber o troféu, Alcaraz fez duas breves genuflexões, de quem sabia estar diante da mulher do futuro monarca da Inglaterra. E onde estava William? Em Berlim, ao lado de George, de 10 anos (a cara do pai), na arquibancada do Estádio Olímpico, testemunhando a derrota da Inglaterra para a Espanha, na final da Eurocopa. Nem tudo foi um domingo de alegria para os Windsor. ■

Simone Blanes

“AS PROVAS SÃO CABAIS”

O compositor mineiro de 62 anos explica por que pede na Justiça indenização de 1 milhão de reais da popstar Adele pelo suposto plágio de *Mulheres*, música famosa na voz de Martinho da Vila

DUELO

O compositor Toninho e Adele, alvo de seu processo na Justiça: “É batom na cueca”



INSTAGRAM @ADELE

DIVULGAÇÃO

O senhor ouviu *Million Years Ago* pela primeira vez há quase três anos. Por que só agora decidiu processar Adele pelo plágio da música *Mulheres*? As provas que reunimos são cabais. Vulgarmente falando, é batom na cueca. Não conhecia muito da Adele. Mas, quando ouvi a música, notei que era um evidente plágio. Insisto que em nenhum momento quis expô-la. Acho que nós, artistas, temos de nos preservar. Todos os contatos que tentamos, inclusive com uma notificação extrajudicial, não deram em nada.

Por que entrou com o processo no Brasil? Devido à dificuldade que é fazer lá fora. Pedimos indenização de 1 milhão de reais para Sony e Universal, que têm sede no Brasil, contra o produtor e o coautor Greg Kurstin e, claro, a própria Adele.

O senhor também entrou na Justiça para rescindir seu contrato com a Universal. Ela não ficou a seu lado? Percebi um conflito de interesses e uma má vontade. Acho que há até um pouco de preconceito dos gringos, porque eles não acreditam que possamos ter um tribunal que vá julgar com dignidade. Confio na Justiça brasileira. Se fosse lá fora, eu teria muito mais receio.

De onde veio a inspiração para compor *Mulheres*? Acordei, acendi um cigarro — hoje não fumo mais —, fiz o café e fui procurar o telefone de um empresário. Quando abri a ga-

veta, vi fotos de ex-namoradas e pensei: “Já tive mulheres de todas as cores, de várias idades”. O resto é história. Inclusive, é uma música que pode ser cantada de uma mulher para outra mulher.

Por que casos de plágio envolvendo brasileiros, como Jorge Ben Jor contra Rod Stewart, recebem pouca atenção no exterior? Quando é o contrário, eles se manifestam rapidamente. Mas, quando é uma acusação de fora, protegem seus interesses. Muitos brasileiros são lesados porque não têm coragem de encarar. Esse meu processo é uma forma também de incentivar outros brasileiros que foram plagiados.

O brasileiro é mais criativo musicalmente? Os gringos já têm as músicas deles, mas, quando querem dar uma “pitada” diferente, procuram a música brasileira, porque nosso país é muito miscigenado — o que gera ritmos, melodias e letras fantásticas. Nem a palavra “saudade” eles têm no dicionário.

Quais serão suas próximas composições? Eu sou mineiro e estou disputando para ser um dos compositores do samba-enredo da Portela — que, no desfile de Carnaval do ano que vem, vai homenagear o grande Milton Nascimento. E eu o idolatro. ■

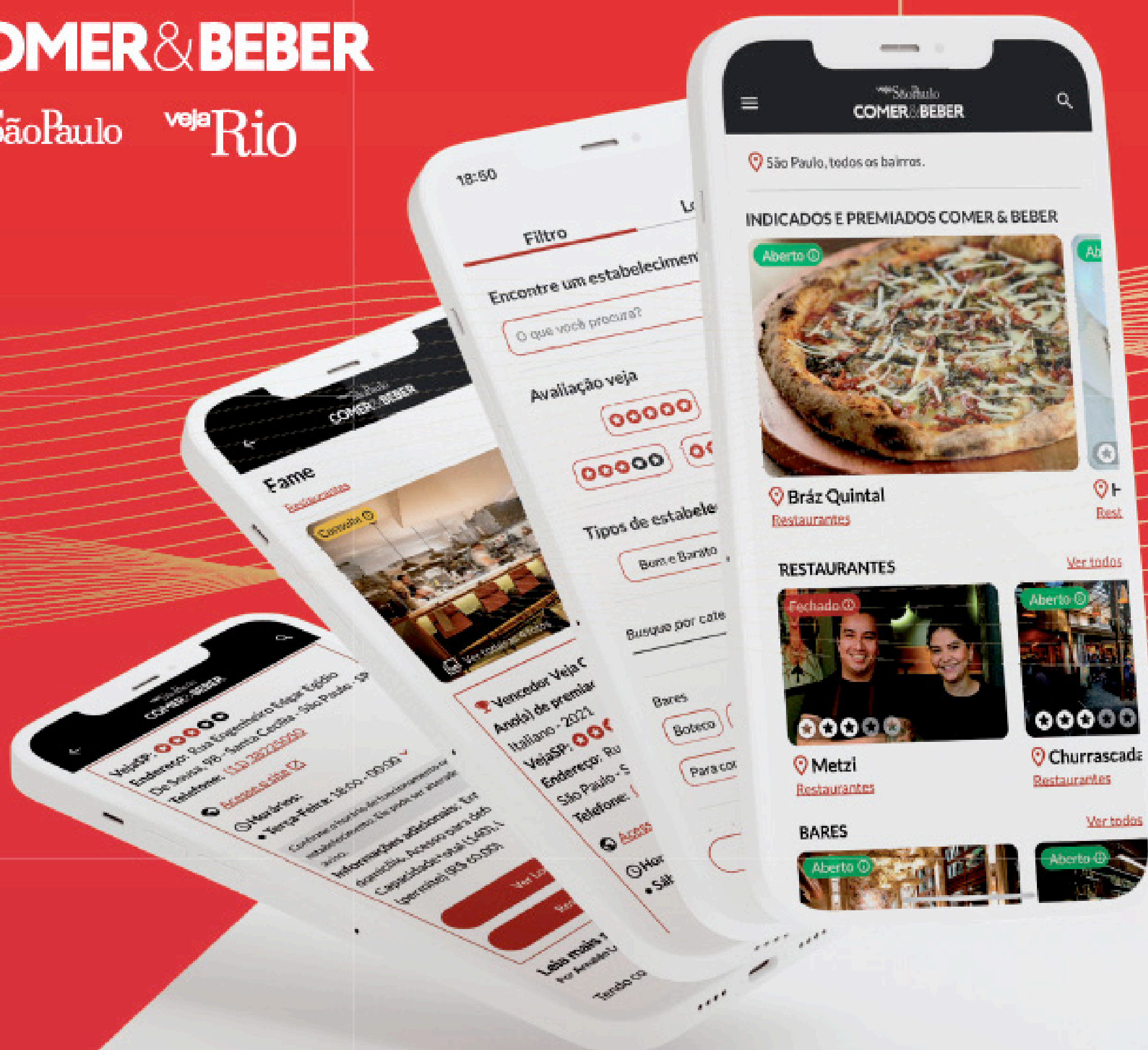
Felipe Branco Cruz

Encontrar o melhor da gastronomia ficou ainda mais fácil

APLICATIVO

COMER & BEBER

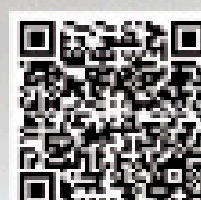
veja São Paulo veja Rio



Os melhores endereços gastronômicos de São Paulo e Rio de Janeiro agora reunidos no aplicativo COMER & BEBER. Encontre rapidamente a experiência gastronômica que procura dentro do app:

- PESQUISE POR REGIÃO
- ESTABELECIMENTOS SEPARADOS POR CATEGORIAS
- RESENHAS COMPLETAS COM AVALIAÇÃO DE ESPECIALISTAS
- RESERVA DE MESA ANTECIPADA

BAIXE AGORA NO SEU CELULAR



DISPONÍVEL NO
Google Play



Baixar na
App Store

A VOZ DO RIO

A história do Rio de Janeiro — especialmente o capítulo dedicado ao Carnaval e ao samba — estaria à sombra, embebida de meias-verdades, não fosse o trabalho do escritor, jornalista, pesquisador e compositor

Sérgio Cabral. Autor das biografias de Tom Jobim, Pixinguinha, Nara Leão, Grande Otelo, Ataulfo Alves e Elizeth Cardoso, ele ganhou notoriedade na iconoclasta equipe do semanário *O Pasquim*, no fim dos anos 1960 e início da década de 1970 — em meio à balbúrdia das piadas e ironias, alimento para as provocações, Cabral era a necessária voz sensata.

Vascaíno de coração e mangueirense apaixonado, era celebrado pelos músicos cariocas como um dos mais interessantes divulgadores do trabalho da turma. Nos anos 1990, tinha uma coluna em VEJA Rio. “Descanse em paz, amigo. Sua contribuição para a cultura brasileira foi enorme”, postou Martinho da Vila. Ele chegou a ser vereador e secretário municipal de Esportes e Lazer do Rio — gosto pela administração pública que legou a Sérgio Cabral Filho, ex-governador do estado. Morreu em 14 de julho, aos 87 anos. Enfrentava havia anos a doença de Alzheimer.



PAULO JARES

CONHECIMENTO

O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral: especialista na história do Carnaval e do samba



NA LEMBRANÇA ALVINEGRA

Há alguns jogadores de futebol que, para além da qualidade em campo, ganham fama por um ou dois momentos particulares — é o caso de **Tobias**, goleiro do Corinthians na semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976, contra o Fluminense. Naquele jogo, o da “invasão” da torcida alvinegra ao Maracanã, o empate no tempo regulamentar e na prorrogação levou a disputa para os pênaltis. O corintiano defendeu os chutes de Rodrigues Neto e Carlos Alberto Torres, do tricolor carioca, e garantiu a classificação da equipe paulista, que perderia a final para o Internacional de Porto Alegre. Tobias foi também o camisa 1 na vitória contra a Ponte Preta, na final do Paulista de 1977, que daria ao Timão o primeiro título em 23 anos. Ele morreu em 13 de julho, aos 75 anos, de causas não reveladas.



PEDRO MARTINELLI

HERÓI Tobias: goleiro do Corinthians na semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976 e na final do Paulista de 1977



RON GALELLA/RON GALELLA COLLECTION/GETTY IMAGES

TELEVISÃO Shannen Doherty: a Brenda do seriado *Barrados no Baile*

TODAS QUERIAM SER COMO ELA

As adolescentes dos anos 1990 queriam ser como a Brenda, do seriado *Barrados no Baile*, interpretada pela atriz **Shannen Doherty**. A delicada personagem era uma estudante de família simples que lutava para ser aceita em um ambiente de elite. Os pais também gostavam da figura, ressalve-se. Está nos dados do IBGE: no fim dos anos 1980, havia pouco mais de 3 000 meninas registradas com o nome Brenda no Brasil. No início de 1990 já eram mais de 49 000. Ela morreu em 13 de julho, aos 53 anos, em decorrência de um câncer de mama, que tratava havia mais de nove anos. ■



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

10 grandes marcas Abril em uma única assinatura digital
A partir de **R\$9,90/mês.***

	 DIGITAL COMPLETO		

Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular
para o código ao lado.



*Acesso ilimitado ao site e edições digitais de todos os títulos Abril, ao acervo completo de Veja e Quatro Rodas e todas as edições dos últimos 7 anos de Claudia, Superinteressante, VC S/A, Você RH e Veja Saúde, incluindo edições especiais e históricas. Acervos disponíveis a partir de dezembro de 2023. Pagamento único anual de R\$118,80, equivalente a R\$9,90/mês

**FERNANDO SCHÜLER**

O CRIME SEM REMORSO

THOMAS CROOKS saiu cedo de sua casa em Bethel Park, perto de Pittsburgh, comprou munição, uma escadinha e rumou para o comício de Trump, no condado de Butler. Armado com um rifle, subiu em um telhado, caprichou na mira e o resto da história é bastante conhecido. Por que ele fez isso? Tudo indica que ele não seja um amalucado, como Mark Chapman, o matador de John Lennon. Tampouco o centro de uma conspiração, como Gavrilo Princip, o assassino de Francisco Ferdinando, que acabou levando à Primeira Guerra Mundial. Crooks agiu em silêncio. Talvez achasse que Trump era mesmo uma ameaça “existencial” à democracia americana e que alguém precisava fazer alguma coisa. Ou visse no candidato republicano o próprio demônio. De algum modo, havia um cálculo ali. Ele devia saber que seria morto, naquele telhado, mas de alguma forma achou que valia a pena. Pelo bem que ele produzia para os Estados Unidos compensava ser cravejado de balas, aos 20 anos, por um sniper do serviço secreto americano.

Fosse Hitler naquele palco, no Condado de Butler, provavelmente quase todos achariam a mesma coisa. E é aí que



surge o problema. Há coisa de algumas semanas, era exatamente a analogia Hitler-Trump que ilustrava a capa da *The New Republic*, tradicional revista “progressista” americana. Soa grotesco, mas está lá. Não apenas as imagens de Hitler e Trump misturadas e o título: “Fascismo americano”. Mas a ideia: muita gente também achou, à época do Führer, nos anos 30, que “seus críticos estavam exagerando”. A mensagem é clara. E a pergunta que fica no ar: o que alguém deveria ter feito com Hitler? Fosse algo isolado, seria apenas uma nota de rodapé da birutice atual. Mas não é. Já em 2017, a revista *Stern* havia feito a mesma coisa. E ainda neste ano *The New Yorker* fez sua capa com uma imagem de Trump ao estilo fascista. O próprio Mike Godwin, autor da “Lei de Godwin”, que trata da banalização do nazismo, nos bate-bocas digitais, escreveu dizendo que, no caso de Trump, as comparações com o déspota alemão talvez fizessem sentido.

Li por estes dias que todos seriam de alguma forma “culpados” por esse crime. E que ele poderia ter acontecido com Biden, tanto como com Trump. Será? Biden é criticado por suas gafes, sua aparente senilidade (pelos próprios democratas), por sua “incompetência” externa, política migratória etc. Mas não me consta que tenha sido sistematicamente retratado como algum tipo de mostro ameaçando a civilização. É claro que sempre haverá quem diga que está tudo o.k., que Trump é de fato a encarnação de algum demônio. O que apenas confirma a tese. Diria que o problema é mais amplo. Ele diz respeito ao processo sistemático de demonização e recusa da legítimi-

DESIFOTO/GETTY IMAGES

ESTADOS UNIDOS Barack Obama ensinou: ao perder, “limpar as feridas”

dade de novos atores que emergem em nossas democracias digitais. Isso diz especialmente respeito à chamada “nova direita”, mas não só a ela. Ainda no fim de semana do atentado, Thomas Friedman escrevia no *The New York Times* dizendo que Trump era um “homem mau”, um “delinquente” que “mente tanto quando respira”. O artigo é típico: migra da política para o terreno moral. Sugere que vivemos em cenário pintado pelo diabo. E o ponto crucial: que apenas o Partido Democrata teria algum compromisso com a democracia.

“A tradição das democracias liberais se fez da separação entre política e religião”

A lógica é simples: não estamos tratando de uma disputa normal, entre candidatos, mas de uma guerra do bem contra o mal. Há um imperativo existencial em jogo, o que pode ser entendido de muitas maneiras. Uma delas quem sabe se reflita na pesquisa do Chicago Project on Security and Threats que mostra que 10% dos eleitores americanos acham aceitável algum uso de violência para bloquear a volta de Trump. Algo perto de 20 milhões de pessoas, em um país que assistiu ao assassinato de Lincoln e Kennedy e a um longo rastro de violência política.

A mesma lógica existencial emergiu na quase histeria a que assistimos nos dias que se seguiram aos bons resultados da direita nacionalista no primeiro turno das eleições francesas. Quem capturou bem o espírito da coisa foi o grande pensador espanhol Fernando Savater. “O que é assombroso”, escreveu ele, “é que exista quem suponha que suas con-

vicções políticas são por si e pela graça divina superiores às dos demais”. E concluiu: “Então vemos a maioria da imprensa falando que a Europa treme diante da ascensão da extrema direita como se a tal extrema direita fosse um fenômeno telúrico, um tsunami ou um terremoto, e não o resultado do voto livremente dado por cidadãos europeus que pensam de maneira distinta dos ‘estremecidos’”. A esquerda acabou vencendo, no segundo turno, e o tema da barbárie saiu de cena. É algo similar a certos indicadores sobre a saúde da democracia, que costumam se mover acima ou abaixo, a depender de quem ganha as eleições. Há um lado pueril nisso tudo. Há um certo domínio sobre os meios de opinião, na mídia e na academia, que facilita a ginástica da demonização. Mas quem sabe exista um lado mais sombrio. A história da violência e do assassinato político esteve sempre ligada à sacralização das grandes palavras. A história de Sofia Perovskaya, que ajudou a mandar pelos ares o czar Alexandre II; de Leon Czolgosz, anarquista, quase tão jovem como Brooks, que também fez um cálculo macabro, só que dessa vez matando à queima-roupa o presidente americano McKinley, em 1901. Em toda esta longa história de sangue há um ponto em comum: o crime sem remorso. O crime feito em nome de uma ideia, e só estava à espera de tipos sacrificiais como Perovskaya, Czolgosz ou Crooks para que fosse finalmente executado.

O ponto é: se desejamos deter a violência política, o melhor a fazer é renunciar a um tipo de retórica que concede à

violência uma pátina de virtude. E isso vale para qualquer lado do jogo, à esquerda e à direita. Quando Trump ganhou as eleições, em 2016, Obama fez uma reflexão, no gramado da Casa Branca, lembrando que a democracia era assim mesmo. Que “por vezes você ganha, por vezes perde”. Quando você perde, disse ele, você “aprende com seus erros, limpa as feridas, e voltamos para a arena”. Ele tinha razão. Os democratas foram ao fundo do poço e depois voltaram. Pode ser que o mesmo aconteça agora, com os republicanos. Sou coroa o suficiente para lembrar do alarde em torno de Bush e a “teocracia americana”. Depois veio Obama, e o jogo segue. E é assim que deve ser. O próprio Biden parece viver essa ambivalência. Em um momento ele diz que devemos tratar nossos oponentes como adversários, não inimigos; em outro, diz que seu adversário é um “risco existencial” à democracia americana. Há uma escolha a fazer aí. A tradição das democracias liberais se fez do lento e difícil processo de separação entre a política e a religião. Da ideia de que há um limite para a ação política. E logo para a retórica. E que, se insistirmos em ultrapassar esses limites, é o espectro da violência que passamos a enxergar, logo ali à frente. Quem sabe seja sobre isso a lição triste desses últimos dias, sobre a qual valeria a pena refletir. ■

Fernando Schöler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

SABESP

A demanda por ações da empresa de saneamento de São Paulo, que vai ser privatizada, alcançou 200 bilhões de reais no período de reservas, trinta vezes o volume que será ofertado.

VACINAÇÃO

Relatório do Unicef mostra que o Brasil saiu da lista dos vinte países que menos imunizam suas crianças, situação vergonhosa em que se colocara em 2021.

TAYLOR SWIFT

O álbum *The Tortured Poets Department* atingiu doze semanas no topo da Billboard e superou *Whitney*, de Whitney Houston, recorde desde 1987.

DESCE

WHATSAPP

A plataforma da Meta virou alvo de ação do MPF que pede 1,7 bilhão de reais por compartilhar de forma abusiva dados de usuários com o Facebook e o Instagram, do mesmo grupo.

CIRO GOMES

O ex-governador virou réu por violência de gênero após chamar a senadora Janaína Farias (PT-CE), suplente do hoje ministro Camilo Santana, de “assessora de assuntos de cama” do petista.

REGINA DUARTE

A atriz teve de fazer retratação pública por post em que sugeriu que a colega Leila Diniz apoiou a ditadura militar, o que é mentira.

VEJA ESSA



TOMAS CUESTA/AFP

“Tenho grande admiração pela série *Zorro*. Ele é um herói anarcocapitalista que muitas vezes é injustamente demonizado pela mídia. Se os meios de comunicação estivessem nas mãos do Capitão Monastério, Zorro seria retratado como um criminoso terrível.”

JAVIER MILEI, presidente da Argentina, ao lembrar o personagem mascarado e seu principal antagonista, símbolo da autoridade repressiva. Ninguém entendeu nada



“Vamos lutar para que o Senado volte atrás com o imposto seletivo sobre armas.”

FERNANDO HADDAD, ministro da Fazenda, sobre a principal derrota do governo Lula na votação da reforma tributária. A sobretaxa da indústria de armamentos foi retirada pelo PL do ex-presidente Jair Bolsonaro

“Não se deve demonizar o debate, nem de quem é contra nem de quem é a favor do aborto.”

MARINA SILVA, ministra do Meio Ambiente

“Há dois delírios ridículos quando o assunto é a facada de 2018. O primeiro é de dizer que a facada foi uma armação. É uma estupidez. (...) Já o segundo delírio é querer atribuir Adélio Bispo (*autor da facada*) a qualquer lado político ou a mando de alguém. (...) Estas são as verdades. Doa a quem doer. Sinto muito se elas prejudicam sua visão conspiratória de mundo.”

FELIPE NETO, influenciador digital, em raro comentário sensato

“Aqueles pessoas que a gente viu ali, a grande maioria (*são pessoas*) humildes, ambulantes, aposentados. Elas cometeram um erro gravíssimo, têm que pagar por isso, mas eu acho que está muito distante de a gente poder dizer que aquelas pessoas tinham a intenção de dar um golpe de Estado.”

RICARDO NUNES, prefeito de São Paulo, apoiado por Bolsonaro e seus aliados, ao minimizar os ataques golpistas do 8 de Janeiro

“O Palmeiras não é uma
equipe de índios.”

ABEL FERREIRA, treinador do clube paulista,
ao elogiar a organização do time. Em digno gesto,
ele depois pediria desculpa pelo uso da
expressão preconceituosa

“Você pode escolher se concentrar
no que importa.”

DANIEL GOLEMAN, psicólogo americano, o pai da
chamada “inteligência emocional”

“É tudo uma coincidência muito grande.
Poderia ter sido qualquer garoto do
Barcelona, mas fui eu.”

LAMINE YAMAL, craque espanhol de 17 anos, fotografado
para uma reportagem ao lado de Messi quando ainda era bebê.

A Espanha de Yamal ganhou a Eurocopa no domingo 14.

A Argentina de Messi levou a Copa América

“Não é fácil acompanhar os brasileiros
nos exercícios.”

RYAN REYNOLDS, ator americano que esteve no Brasil para
o lançamento do filme *Deadpool & Wolverine*, depois de malhar
na academia de um hotel em Ipanema, no Rio



“Adoramos rir. É uma qualidade muito atraente quando alguém é engraçado. Tive um namorado que ficou bravo comigo por não rir de suas piadas. Ele estava tipo... ‘Você nunca ri das minhas piadas’. Aí eu disse: ‘Estou rindo por dentro’.”

SCARLETT JOHANSSON, atriz, casada com o humorista Colin Jost, do elenco do lendário programa americano *Saturday Night Live*

LEON BENNETT/GETTY IMAGES

País tropical

O Ministério da Justiça de **Ricardo Lewandowski** montou uma força-tarefa para reduzir de oitenta para vinte dias o prazo de análise dos pedidos de autorização de residência para trabalho e investimento no Brasil. É que o fluxo dispa-

rou neste primeiro semestre — um sinal de aquecimento da economia.

Acelerou

Na primeira metade de 2024, foram registradas 20 085 solicitações, 23% a mais que nos seis primeiros meses de 2023. Na compa-



TOM COSTA/MJSP

FORÇA-TAREFA Lewandowski: esforço para autorizar estrangeiros no país



ração com o mesmo período de 2022, último ano do governo Bolsonaro, o salto foi de 68%.

Quero ser brasileiro

Desde o começo do ano, o ministério também recebeu 7 260 processos de naturalização. Cerca de 4 500 já foram decididos — negados ou concedidos.

Pode comprar

O ministro da Defesa, José Múcio, autorizou o Exército a importar doze helicópteros UH-60M Black Hawk dos EUA, por mais de 5 bilhões de reais. O detalhe: sem contrapartida tecnológica, industrial e comercial dos americanos.

Só nos favoritos

O PT decidiu que só vai injetar dinheiro do fundo elei-

toral em nomes competitivos, o que deve reduzir as candidaturas em capitais. Hoje, são catorze. Reflexo do vexame de 2020, quando o partido elegeu apenas 183 prefeitos.

Preparando o terreno

Petistas querem focar na eleição de vereadores agora para garantir governabilidade a Lula após uma eventual reeleição em 2026. Segundo estudos da sigla, eles são os melhores cabos eleitorais para deputados federais.

Tudo sob controle

O atentado a Donald Trump nos EUA levou o GSI a redobrar os cuidados com a segurança de Lula, só por via das dúvidas. Mas os protocolos atuais serão mantidos. O foco é na prevenção.

Menos é mais

Também protegido pelos militares, Geraldo Alckmin costuma pedir que sua segurança não seja ostensiva, e sim o mais discreta possível. O vice-presidente alega que não é alvo de ameaças.

Uma ideia na cabeça

Lula articula há três meses um evento à margem da Assembleia Geral da ONU para reunir líderes relevantes de países democráticos contra as ameaças do extremismo político. Agora, o desafio da diplomacia brasileira é sincronizar as agendas dos companheiros em Nova York. Data: setembro.

Meio mundo

Mauro Vieira já teve mais de 300 encontros de trabalho de alto nível como chefe do Itamaraty. O ministro

das Relações Exteriores se reuniu com 108 chanceleres diferentes, de metade dos 193 membros da ONU.

Escudo particular

José Luiz Datena adotou o combate ao crime organizado como bandeira na sua pré-campanha a prefeito. E foi às primeiras agendas na rua com seu carro blindado e motorista pessoal.



BLINDADO Datena: pré-candidato a prefeito de São Paulo usou o próprio carro

Sob proteção

Essa conta ainda não chegou aos tucanos. “Se precisar, nós vamos pagar. Segurança virou condição para fazer campanha no Brasil”, lamenta José Aníbal, chefe do PSDB em SP.

Ajeita daqui, arruma dali

O PSB terá 1128 candidatos a prefeito em todo o Brasil. A meta do presidente Carlos Siqueira é eleger mais de 330. E o partido deve se aliar ao PT em Teresina, Natal, Fortaleza, Goiânia e Porto Alegre. Em troca, os petistas devem apoiar João Campos, no Recife, mesmo sem indicar seu vice.

Aposta no patriotismo

Estimada em 7,4 milhões de reais, a licitação do governo Lula para contratar a empresa que vai organizar o evento

do desfile de 7 de setembro em Brasília prevê 10 000 pessoas a mais nas arquibancadas do que no ano passado.

Visita amazônica

Anfitrião da COP30, o governador Helder Barbalho vai receber a secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen, em Belém, na semana que vem. Ela irá ao Pará após uma reunião do G20, no Rio.

Cidade Luz

Celso Sabino vai passar uma semana em Paris para estreitar as relações com a França no campo do turismo. O ministro verá a abertura dos Jogos Olímpicos e retornará ao Brasil dois dias depois.

Da terra de Milei

Quase um terço dos cerca de 3,6 milhões de turistas internacionais que desembarca-

ram no Brasil no primeiro semestre deste ano saíram da Argentina. Estados Unidos (353 998) e Chile (332 728) completaram o pódio.

Oásis brasileiro

A Unesco vai decidir até o fim do mês se concede o título de Patrimônio Natural da Humanidade ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Visto negado

Deputados bolsonaristas estão espalhando que Donald Trump dará o troco no ministro Alexandre de Moraes, caso seja eleito presidente dos EUA. A promessa teria sido feita numa conversa entre o deputado Eduardo Bolsonaro e o candidato republicano.

Olhar de fora

O cientista político Giuliano

da Empoli, autor de *Os Engenheiros do Caos* e *O Mago do Kremlin*, topou participar do documentário 963 — *Existe Democracia sem Verdade Factual?*, sobre o governo Temer. O diretor Bruno Barreto vai à Itália entrevistá-lo.

Jogo de cena

Relator da PEC da autonomia financeira do Banco Central, Plínio Valério não botou fé no movimento do Planalto e de Jaques Wagner de negociar um acordo para aprovar o texto.

Multa de luxo

O Coaf multou a grife Louis Vuitton em 1,2 milhão de reais por descumprir regras de combate à lavagem de dinheiro, como comunicar vendas milionárias e operações suspeitas.

Bela homenagem

O Ministério da Cultura autorizou uma produtora a captar 980 000 reais pela Lei Rouanet

para montar uma exposição sobre a carreira de **Ana Botafogo**, uma das maiores bailarinas do Brasil. ■

DANÇA

Ana Botafogo: exposição vai celebrar a carreira da bailarina no Rio

ARTHUR CAVALIERI



ENFILEIRANDO DESAFETOS

Afinado com as ideias mais populistas do presidente Lula, o ministro da Casa Civil agrega funções de coordenador político, amplia seu raio de influência no governo e reclama de supostas tentativas de desestabilizá-lo

DANIEL PEREIRA



EM ALTA Lula e Rui Costa: fiel à cartilha do mandatário, o chefe da Casa Civil sonha em suceder-lhe

O começo da trajetória de Rui Costa como chefe da Casa Civil não foi nada tranquilo. No ano passado, o comandante da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), sugeriu ao presidente Lula que demitisse o ministro. Reforçando a fritura, líderes de partidos culpavam Costa pelo descumprimento de acordos e, nos bastidores, chamavam-no de “trator” e “troglodita”. Petistas estrelados também reclamavam da falta de habilidade política do “capitão do time”, que estaria prejudicando a relação do governo com o Congresso e a harmonia dentro da máquina pública. Já assessores do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, diziam que o chefe da Casa Civil sabotava os esforços da equipe econômica para equilibrar as contas públicas, principalmente quando minava as metas fiscais. Em poucos meses de trabalho, Rui Costa se tornou um dos quadros mais detestados da Praça dos Três Poderes. “Ele não entendeu que Brasília não é a Bahia, onde mandava e desmandava”, repetiam os críticos, referindo-se aos dois mandatos do ministro como governador do estado. Hoje, as queixas continuam e ainda são muitos os desafetos, mas a situação de Rui Costa é bem diferente.

Fiel à cartilha populista do chefe, o ministro converteu antigos rivais em aliados de ocasião, ampliou seu raio de influência no governo — ao construir uma sólida parceria com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD) — e ainda ganhou força como articulador político, esvaziando o trabalho do quadro formalmente responsável pela área, o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha. O

RICARDO STUCKERT/PR



“**DILMA DE CALÇAS**” Reunião ministerial: estilo incomoda os colegas

acúmulo de prestígio ficou evidente no início de julho, quando Lula, num discurso em Feira de Santana (BA), elogiou o auxiliar: “A presença do Rui na Casa Civil, e a equipe que ele montou, é a certeza de que posso dormir toda noite tranquilo, que ninguém vai tentar me dar uma rasteira”. Esse processo de recuperação de imagem teve como catalisador o próprio presidente. Ciente das queixas contra o chefe da Casa Civil, Lula orientou Rui Costa a procurar os caciques do Congresso a fim de abrir canais de diálogo com quem tem voto e poder no Legislativo. Disciplinado, o ministro foi à luta.

De início, procurou o líder do União Brasil na Câmara, Elmar Nascimento, seu adversário político na Bahia, que só



DIVULGAÇÃO

EX-TROGLODITA O ministro e o Centrão: hoje ele é celebrado pelos deputados

não assumiu um cargo na Esplanada dos Ministérios por ter sido vetado pelo próprio Rui Costa. No encontro, o ministro indicou que não será um obstáculo à candidatura de Nascimento à presidência da Câmara e pediu ajuda para se aproximar de Arthur Lira. “Como se o Rui tivesse um voto aqui no plenário da Câmara”, desdenhou Nascimento ao relatar a conversa a terceiros. Mesmo assim, o deputado atendeu ao pedido e fez o meio-campo entre ele e Lira. Era o início de uma parceria profícua. O presidente da Câmara, que sugeriu a demissão do chefe da Casa Civil em 2023, agora só trata de assuntos de interesse dos deputados com ele, de preferência na residência oficial, onde Alexandre Padilha não pisa.

Desde que os dois se aproximaram, a fama de Costa entre os deputados mudou radicalmente.

O estilo trator continua o mesmo, mas o ministro passou a ser considerado um competente articulador político, que negocia previamente os projetos que serão votados, além de um rigoroso cumpridor de acordos, que garante a liberação de cargos e emendas no prazo estipulado e faz ofertas tentadoras, como um ministério a Lira ao fim de seu mandato como presidente da Câmara. De rejeitado, Rui Costa caiu nas graças do Centrão. No último dia 10, ele foi um dos primeiros a chegar à festa de aniversário de Elmar Nascimento, que só o chamava de “meu amigo”. O mundo, de fato, dá voltas. No ano passado, quando ainda eram oponentes, Elmar Nascimento cogitou a instalação de uma CPI que teria Rui Costa como o principal alvo. A investigação não saiu do papel, mas o fato que seria apurado continua a tirar o sono do chefe da Casa Civil. O caso foi revelado por VEJA em 2022, tramita em sigilo na Justiça e trata da compra de respiradores pelo Consórcio do Nordeste, à época presidido por Rui Costa, então governador da Bahia.

O inquérito mostra, entre outras coisas, que o consórcio pagou quase 50 milhões de reais para comprar respiradores durante a pandemia de covid-19, não recebeu os produtos e ainda atestou que haviam sido entregues “em perfeitas condições”. No início deste ano, detalhes da investigação voltaram ao noticiário. O ministro, então, pediu para sua equipe identificar a origem dos vazamentos.

Depois, queixou-se a Lula e à cúpula do Ministério da Justiça, afirmando ter identificado as digitais da Polícia Federal, comandada pelo delegado Andrei Rodrigues. Segundo Rui Costa, o caso ficou adormecido no Superior Tribunal de Justiça por anos e só voltou à tona quando foi enviado à Polícia Federal na Bahia. O desgaste com a PF não é isolado. Conhecido pela rispidez, Rui Costa acumula uma série de embates desde que assumiu o cargo (*veja o quadro*). Pelo menos outros dois estão em curso.

Cobrado recentemente por Lula a apresentar um plano para a área da segurança pública, o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, alegou em conversas reservadas que o

PODEROSO E ODIADO

O temperamento e os métodos de Rui Costa já resultaram em atritos e desentendimentos dentro do governo



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

FERNANDO HADDAD

Assim como Rui Costa, o ministro da Fazenda é candidato à sucessão de Lula. Nos bastidores, os dois travam uma disputa de poder desde o início do governo. Haddad tem perdido algumas das últimas batalhas

tal plano já estava há três meses nas mãos da Casa Civil, que preferiu deixá-lo em banho-maria. Como não é de seu feitio fomentar desavenças, Lewandowski não fará disso um confronto público, mas já deu seu recado a quem de direito. O outro desentendimento se desenrola sob os holofotes, é uma das marcas do atual governo e tem sido acompanhado com lupa pela classe política. É a rivalidade entre Rui Costa e Fernando Haddad. Além de reclamar da PF, o chefe da Casa Civil disse a políticos de sua confiança que o ministro da Fazenda também está alimentando o noticiário sobre o caso do Consórcio do Nordeste. Numa conversa, só se referiu ao colega de ministério aos palavrões.



GIL FERREIRA/ASCOM - SRI

ALEXANDRE PADILHA

Ao assumir as funções de coordenador político informal, o chefe da Casa Civil passou a negociar cargos, emendas e interesses do governo diretamente com o Congresso, o que esvaziou as atribuições do ministro de Relações Institucionais

Além dessa questão pontual, os dois duelam sobre os rumos da política econômica e a sucessão de Lula dentro do PT. Derrotado na eleição presidencial de 2018, Haddad é considerado o favorito para concorrer ao Planalto quando Lula não puder ou não quiser mais se candidatar. Rui Costa, que se apresentou como uma opção presidencial naquele mesmo ano, mantém o sonho de suceder ao presidente e hoje corre por fora. Desde o início do terceiro mandato, os dois ministros batem de frente em temas diversos, como reoneração dos combustíveis, pagamento de dividendos extras pela Petrobras e metas fiscais. Como defende o receituário populista do chefe, Rui Costa tem prevalecido em al-



JAMILE FERRARIS/MJSP

RICARDO LEWANDOWSKI

Não é do perfil do ministro da Justiça promover embates públicos ou fomentar desavenças. Ele, no entanto, não ficou nada satisfeito com o fato de seu plano de segurança ter ficado dormitando na Casa Civil por mais de três meses

guns casos importantes, porque fala aquilo que Lula quer ouvir. Um de seus mantras é o de que gasto é investimento. Nessa corrida particular, Rui Costa sabe que, se depender do PT e de aliados, ele acabará preterido.

Em 2010, o presidente ungiu a então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, como sua sucessora. Rui Costa torce pela repetição da história. Coincidência ou não, ele já foi chamado por Lula de “Dilma de calças”. Ríspido e sem carisma, exatamente como a petista, o ministro evita falar sobre seu futuro político. Recentemente, no entanto, deixou escapar que, em 2026, pode concorrer ao Senado pela Bahia. Essa possibilidade causou alvoroço, já que os



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

JANJA DA SILVA

No início do governo, surgiu a informação de que a primeira-dama havia trocado os móveis do Palácio da Alvorada por peças mais luxuosas, ao custo de quase 200 000 reais aos cofres públicos. O vazamento foi atribuído à equipe de Rui Costa

senadores governistas Jaques Wagner (PT) e Angelo Coronel (PSD) tentarão a reeleição. Ou seja: seriam três aliados para duas vagas. Wagner não gostou da movimentação de Rui Costa. Já Angelo Coronel declarou à imprensa baiana: “Rui será candidato à Presidência, e eu ao Senado ao lado de Wagner, porque o ex-governador é um bom tocador de obras, é um gestor”. O ministro já tem um apoio a seu sonho presidencial. O desafio é acumular mais prestígio com Lula e conquistar o único apoio que de fato interessa. ■

Com reportagem de Laryssa Borges e Marcela Mattos



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

ANDREI RODRIGUES

Durante a pandemia, Costa presidia o Consórcio do Nordeste, que gastou 48 milhões de reais para comprar respiradores que nunca foram entregues. O caso voltou a ser noticiado recentemente. O ministro responsabiliza o diretor da Polícia Federal



OS DONOS DAS MÁQUINAS

Candidatos à reeleição em vinte das 26 capitais brasileiras, prefeitos despontam como favoritos e complicam os ambiciosos planos do PT e do PL **JOSÉ BENEDITO DA SILVA, VALMAR HUPSEL FILHO E VICTORIA BECHARA**



QUATRO ANOS DEPOIS de uma campanha municipal feita sob o espectro da pandemia, as máquinas partidárias começam a se movimentar a partir desta semana para uma eleição que promete ser intensa e nos moldes das antigas disputas. Com o início das convenções, no sábado 20, será dado o pontapé inicial na corrida para emplacar o maior número de prefeitos e vereadores e construir uma base política fortalecida para ajudar a vencer o jogo bruto que se desenha para a contenda nacional de 2026. O retrato da largada permite ver duas fortes tendências, ambas conservadoras: a opção pela reeleição dos atuais prefeitos e a preferência por legendas do centro à direita no espectro político. E sinaliza uma dúvida: o quanto os principais cabos eleitorais do país, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ex-presidente Jair Bolsonaro, poderão influenciar o resultado das urnas.

A fotografia da largada mostra que quem está na cadeira dificilmente sairá dela. Em um cenário no qual vinte dos 26 prefeitos de capitais disputam um novo mandato, a maioria (onze) está em vantagem na corrida, segundo as pesquisas eleitorais. Outros seis, embora não estejam liderando, estão em posição competitiva. Alguns deles têm a preferência de ampla parcela do eleitorado, o que indica uma tendência a levar a disputa ainda no primeiro turno, como os prefeitos do Recife, João Campos (PSB), que cravou 75% das intenções de voto no último Datafolha, e Bruno Reis (União Brasil), de Salvador, que pontuou quase 68% no Paraná Pesquisas. Eduardo Paes (PSD), do Rio de



INSTAGRAM @ PREFEITURADORECIFE

RECIFE**João Campos (PSB)****75% DAS INTENÇÕES
DE VOTO*****68 PONTOS À FRENTE
DO SEGUNDO COLOCADO**

Janeiro, e João Henrique Caldas (PL), de Maceió, também estão entre os que largam como favoritos porque têm cerca de 40 pontos à frente de seus perseguidores mais próximos (*veja os números*).

Nos últimos anos, as eleições para prefeito assumiram quase que um caráter plebiscitário, em que a questão basicamente é decidida entre as opções de manter ou trocar o pre-

INSTAGRAM @BRUNOREISBA

**RIO DE JANEIRO****Eduardo Paes (PSD)****53% DAS INTENÇÕES
DE VOTO*****44 PONTOS À FRENTE
DO SEGUNDO COLOCADO**

feito. Nas duas últimas disputas (2016 e 2020), quase 80% dos gestores de capitais foram reconduzidos ao cargo. Um dos motivos, claro, é a avaliação de seus governos. No caso de João Campos, o maior favorito entre os candidatos das grandes cidades, a sua gestão, segundo o Datafolha, é considerada ótima ou boa por 69% dos entrevistados, enquanto 24% a avaliam como regular e apenas 6% a classificam co-

RICARDO STUCKERT/PR

**SALVADOR*****Bruno Reis (União Brasil)*****67,6% DAS INTENÇÕES
DE VOTO******55 PONTOS À FRENTE
DO SEGUNDO COLOCADO**

mo ruim ou péssima. Os investimentos em zeladoria são o ponto forte da administração. Quando questionados sobre os principais problemas, menos de 5% citam questões como limpeza, calçamento, transporte coletivo, trânsito, moradia, mobilidade e riscos de deslizamentos. Os dois mais citados (perto de 20%), segurança e saúde, não são da alçada exclusiva dos prefeitos.

RAM @JHCDOPOVO

**MACEIÓ****João Henrique Caldas (PL)****54,4% DAS INTENÇÕES
DE VOTO******39,5 PONTOS À FRENTE
DO SEGUNDO COLOCADO****Fonte: *Datafolha, ** Paraná Pesquisas**

Uma gestão aprovada pela população é, claro, o caminho mais curto para manter o mandato, mas há uma série de outros fatores. Para o cientista político Antonio Lavareda, diretor do Ipespe Analítica, um deles é a exposição. “São amplamente conhecidos e estão trabalhando para ser reeleitos desde o primeiro dia do mandato. São vistos pela opinião pública como candidatos naturais, ao passo que a nossa legislação

restringe a visibilidade das candidaturas dos desafiantes”, avalia. Outro ponto é dispor de mais recursos financeiros porque controlam grandes máquinas públicas. Além disso, eles têm o domínio da agenda administrativa e a possibilidade concreta de transformar as alianças que lhes dão sustentação nas Câmaras em coligações eleitorais, com os consequentes arco de apoio político e mais tempo de TV. “Eles têm também posição privilegiada para angariar doações de pessoas físicas, equipes treinadas que conhecem os meandros da administração, com facilidade para fazer programas de governo, e relacionamento continuado com diversos setores da sociedade”, completa. O cientista político Rubens Figueiredo acrescenta o poder de distribuir cargos a lideranças locais e o fato de conhecerem melhor os problemas da cidade porque estão lidando com as dificuldades no dia a dia. “Além disso, acabam se valendo da propaganda da prefeitura”, afirma.

A identificação com o trabalho do gestor dá segurança à escolha do eleitor, que se guia mais por isso do que pelas questões ideológicas. Eduardo Paes, que está no terceiro mandato, tem a gestão considerada ótima ou boa por 46% do eleitorado — outros 36% a avaliam como regular e 16% a consideram ruim ou péssima. Segundo o Datafolha, apesar de ser próximo a Lula, por quem é apoiado, ele tem 42% dos votos daqueles que escolheram Bolsonaro em 2022 e 49% dos eleitores que se identificam como de direita. “A eleição municipal é bem local. A polarização política tem alguma influência, mas não é tão relevante”, avalia



TENSÃO Bolsonaro com o filho Carlos e Ramagem: ação da PF impactou campanha no Rio, que é prioridade nacional do PL

Marcos Pereira, presidente do Republicanos, um dos partidos que, a depender da cidade, transita da direita à esquerda em suas alianças.

Fatores históricos também contam nas disputas municipais. João Campos, por exemplo, é herdeiro de uma das mais longevas dinastias políticas do Nordeste — é bisneto de Miguel Arraes e filho de Eduardo Campos, dois ex-governadores populares no estado. Em Salvador, a histórica rejeição ao petismo mantém altas as chances de reeleição de Bruno Reis, aliado do ex-prefeito ACM Neto. Mesmo com o PT comandando o estado há cinco gestões, o carlismo caminha para emplacar o quarto mandato seguido na capital. Pesa

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA



APOSTA Boulos, Marta e Lula: para o ex-presidente, é prioridade vencer a corrida pela prefeitura de São Paulo

também o bom trabalho: a gestão de Reis é aprovada por 75% dos eleitores, segundo o Paraná Pesquisas. Em Maceió, João Henrique Caldas também se vale do histórico à direita do eleitorado: a cidade foi a única capital do Nordeste onde Bolsonaro bateu Lula, com 57% dos votos.

Se a boa avaliação ajuda, o trabalho questionável, na opinião dos eleitores, pode ser fatal. É o caso dos prefeitos de Belém, Edmilson Rodrigues (PSOL), e de Fortaleza, José Sarto (PDT), que estão com dificuldades para obter um novo mandato. O primeiro tem 13% dos votos, segundo o Paraná Pesquisas, e uma rejeição de 75%. O cearense está com 18% das preferências e a reprovação de 53% do eleitorado.

Outro prefeito em dificuldades é Fuad Noman (PSD), de Belo Horizonte. Vice de Alexandre Kalil, ele assumiu em 2022, quando o titular deixou o cargo para tentar o governo do estado, e larga com apenas 9% das intenções de voto, segundo a Quaest.

O favoritismo dos atuais prefeitos não é a única imagem que se destaca na fotografia da largada eleitoral. Outra constatação é a boa posição dos partidos mais localizados ao centro. Nas 26 capitais, dezesseis têm à frente nas pesquisas políticos representantes de siglas como União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos. O quadro coloca um grande desafio para PL e PT, os dois maiores partidos, mas que não elegeram nenhum prefeito nas capitais em 2020 — após a eleição, o PL filiou João Henrique Caldas, de Maceió, e Tião Bocalom, de Rio Branco. As principais apostas do PT são Porto Alegre, com Maria do Rosário (a única petista que lidera nas capitais), Teresina, com Fábio Novo, e Fortaleza, com Evandro Leitão. “A disputa não é fácil. Mas alguns prefeitos estão desgastados”, aposta o senador Humberto Costa, coordenador do grupo de trabalho eleitoral do PT. “Temos várias candidaturas competitivas. Estamos fazendo o acompanhamento dessas cidades com lupa e vamos investir recursos do fundo eleitoral”, acrescenta Jilmar Tatto, secretário de comunicação do partido. A estrela da charanga petista, claro, será Lula. No sábado 20, ele abre a temporada de convenções em São Paulo no evento que irá confirmar a chapa de Guilherme Boulos com a petista Marta Suplicy. Nos últimos meses, o

FACEBOOK @SARTOPREFEITO12

**EM BAIXA**

José Sarto, com Ciro Gomes: prefeito de Fortaleza é um dos poucos que não são favoritos nas capitais

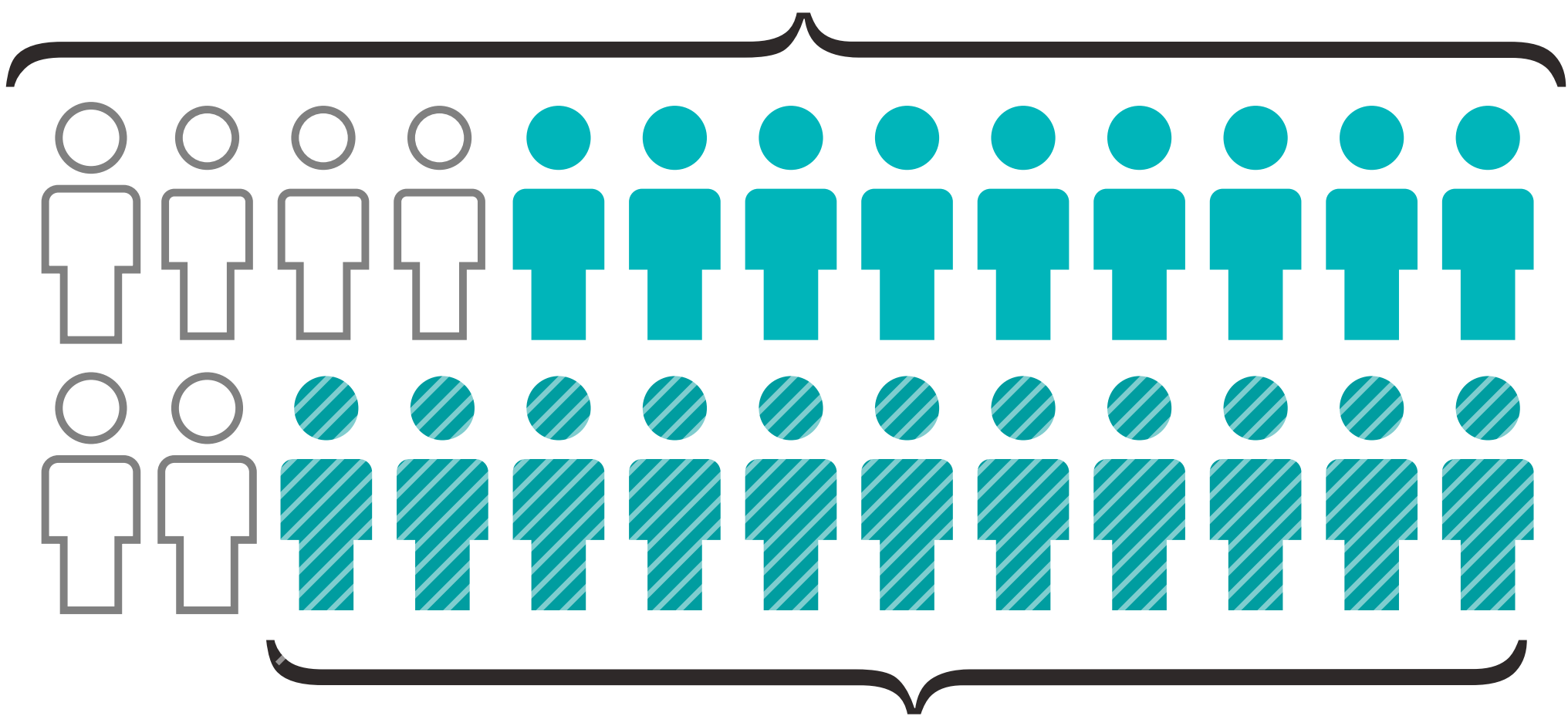
presidente intensificou a agenda de viagens e deve gravar vídeos com os principais candidatos, aproveitando a melhora recente de seu índice de popularidade.

O maior opositor do petismo e da esquerda enfrenta desafios similares. O PL de Bolsonaro tem candidatos em dezesseis capitais e está bem posicionado em pelo menos cinco. O presidente da sigla, Valdemar Costa Neto, tem a meta ambiciosa de conquistar mais de 1 000 prefeituras. A dificuldade é saber o quanto o ex-presidente irá se empenhar. Em 2020, ele apoiou apenas treze candidatos, só dois em capitais, ambos derrotados (Marcelo Crivella no Rio e Capitão Wagner

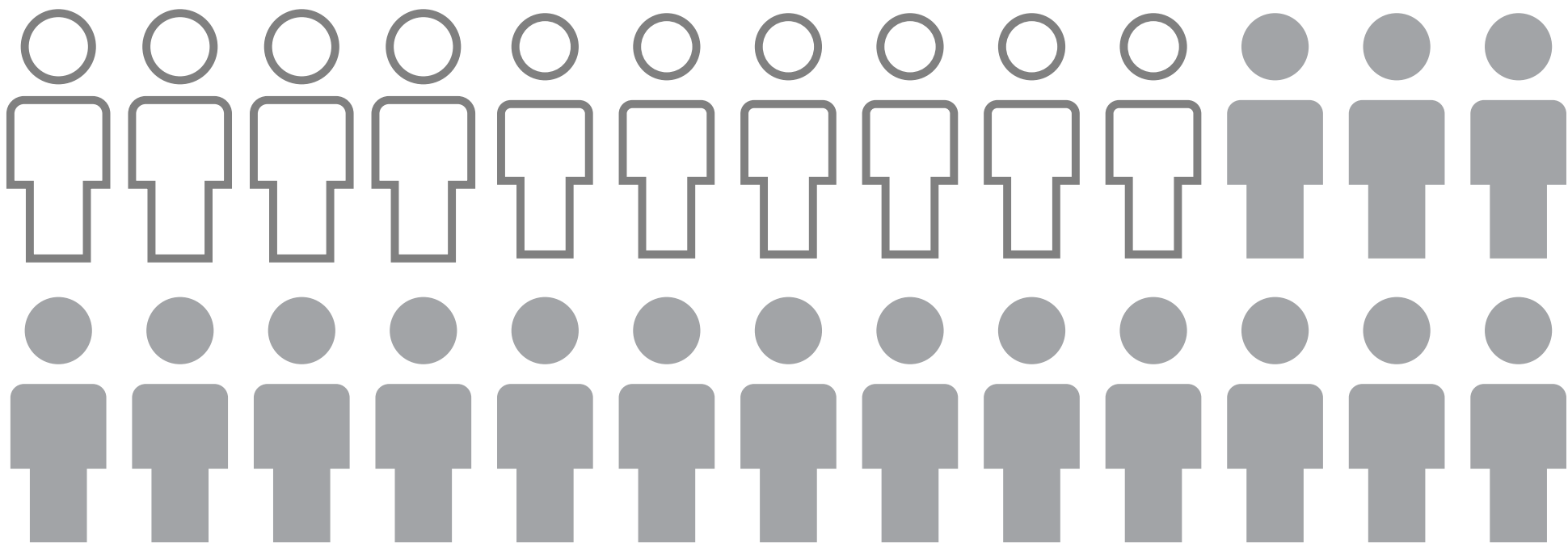
OPÇÃO CONSERVADORA

Pesquisas dão favoritismo a partidos de centro e aos atuais prefeitos

20 DOS 26 PREFEITOS DE CAPITALS VÃO TENTAR A REELEIÇÃO



11 PRÉ-CANDIDATOS À REELEIÇÃO ESTÃO EM PRIMEIRO LUGAR NAS SONDAgens ELEITORAIS

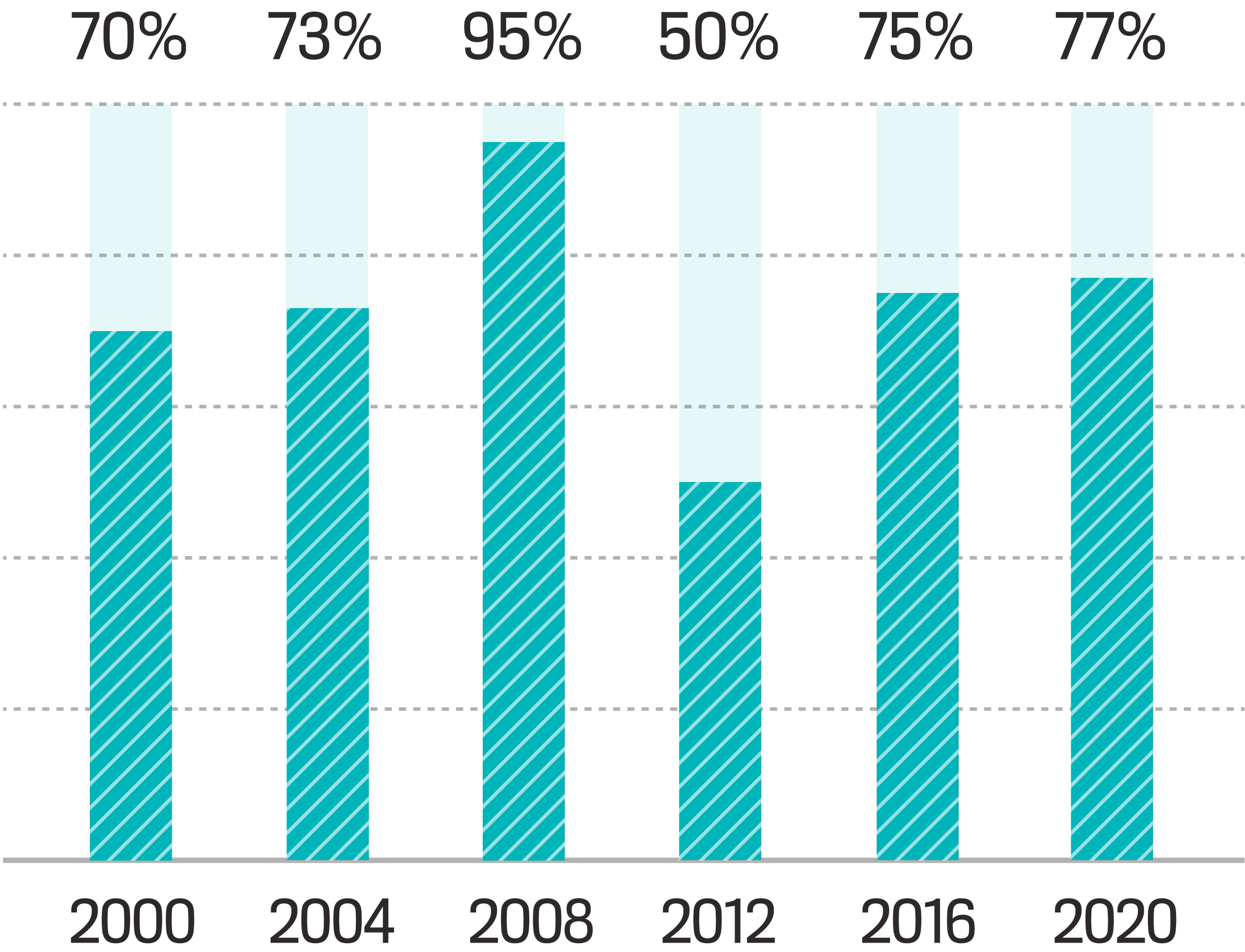


16 DOS POSTULANTES NUMERICAMENTE À FRENTE SÃO DE PARTIDOS DE CENTRO

SIGLAS COM MAIS NOMES NO TOPO DAS PESQUISAS

PSD	5	PT	2
PL	5	PSB	1
UNIÃO BRASIL	5	AVANTE	1
MDB	3	PSOL	1
REPUBLICANOS	2	PP	1

TAXA DE REELEIÇÃO NAS CAPITALS



Fonte: Agregador Ipespe Analítica/CNN

em Fortaleza). Neste ano, a prioridade é a capital do estado fluminense, que é governado pelo partido e reduto eleitoral do clã Bolsonaro. O candidato Alexandre Ramagem (PL), no entanto, saiu bastante chamuscado das últimas revelações sobre a Abin paralela, um esquema de arapongagem clandestina montado no governo Bolsonaro. Nesta semana, o ex-presidente foi ao Rio e fez campanha ao lado de Ramagem, que tem 7% nas pesquisas. Além de Ramagem, Bolsonaro só externou apoio nas capitais a Éder Mauro, que lidera em Belém, Janad Valcari, de Palmas, e Fred Rodrigues, em Goiânia. Em São Paulo, onde o PL apoia Ricardo Nunes, Bolsonaro ainda não teve — e não há, por ora — nenhuma agenda pública de campanha.

Analistas e lideranças políticas concordam que a disputa pelas prefeituras tende a ser um ensaio geral para 2026 e que a eleição de prefeitos e vereadores pode ser um trampolim não só para levar à Presidência daqui a dois anos como para montar uma base forte no futuro Congresso. O quadro atual mostra que os dois principais polos de projeto político para 2026 terão de se desdobrar para derrubar a tendência ao conservadorismo do eleitor na definição sobre quem prefere no comando de sua cidade. Mais do que radicalismo ideológico, o que parece contar é a busca do cidadão por segurança administrativa e a prioridade dada aos temas do cotidiano — o que é um bom sinal. ■

Colaborou Isabella Alonso Panho



EM BUSCA DE SAÍDA Governador: tentativas junto ao STF, Congresso e Assembleia para evitar um “colapso” financeiro

JANELA FECHADA

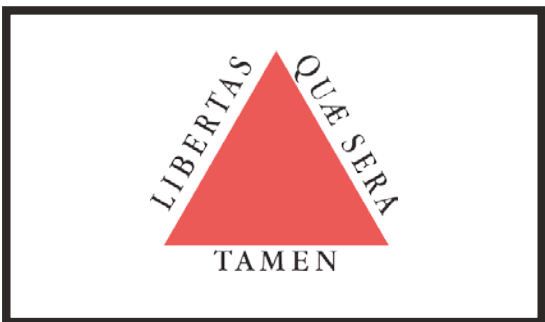
Zema chegou ao governo de Minas prometendo choque de gestão, mas perdeu oportunidade de equacionar dívida gigantesca, que agora ameaça a sua ascensão política

VALMAR HUPSEL FILHO

IMPULSIONADO pela onda direitista que elegeu um grande contingente de outsiders em 2018, o empresário Romeu Zema (Novo) chegou ao governo de Minas Gerais, o segundo maior colégio eleitoral do país, logo na primeira tentativa de ocupar um cargo público. A vitória foi alavancada pela promessa de utilizar a sua experiência na iniciativa privada para promover a redução do Estado e dar um choque de gestão nas contas públicas. Desbancou na eleição o governador que estava no cargo, Fernando Pimentel (PT), e seu antecessor, Antonio Anastasia (PSDB), chamuscados pela situação fiscal, cujo caos resultava em constantes atrasos no pagamento de salários aos servidores, de repasses aos municípios e de compromissos com fornecedores. Seis anos e uma reeleição depois, Zema, no entanto, se encontra em situação oposta à que prometeu: está enredado em uma gigantesca crise financeira, que, nas suas próprias palavras, pode levar a um “colapso” no caixa do governo.

A encrenca com as finanças de Minas tem uma longa trajetória e muitos culpados. A dívida com a União, o principal nó a estrangular as contas estaduais, era de 14 bilhões de reais em 1998, ao fim do mandato de Eduardo Azeredo (PSDB), e chegou a 165 bilhões sob Zema — mais do que a receita anual do estado (115 bilhões de reais). A bola de neve passou por governos de centro, de esquerda e de direita sem que a questão fosse resolvida, mas isso não ameniza o fiasco do atual governador, que se elegeu com a promessa de equacionar a questão, mas viu o débito aumentar na sua gestão (*veja o quadro na pág. ao lado*).

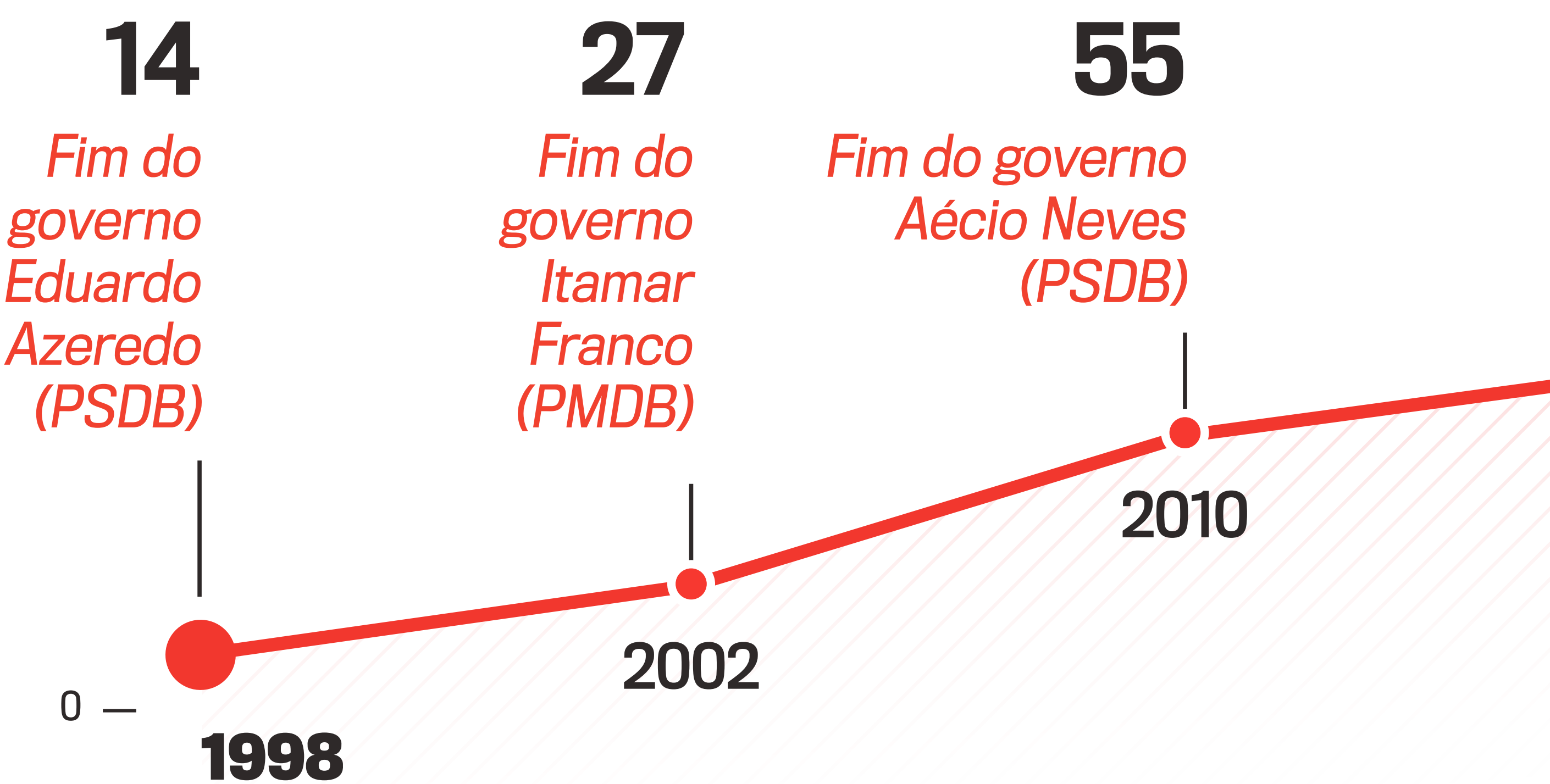
Pressionado, Zema investe em várias saídas para a crise, mas só encontra dificuldades e acumula desgaste político. Desde 2019, quando assumiu o cargo, ele tenta aprovar uma proposta de adesão ao Regime de Recuperação Fiscal (RRF), programa da União que ajuda a equalizar os débitos em troca de rigorosas contrapartidas, mas a proposta travou na Assembleia Legislativa. Parlamentares dizem



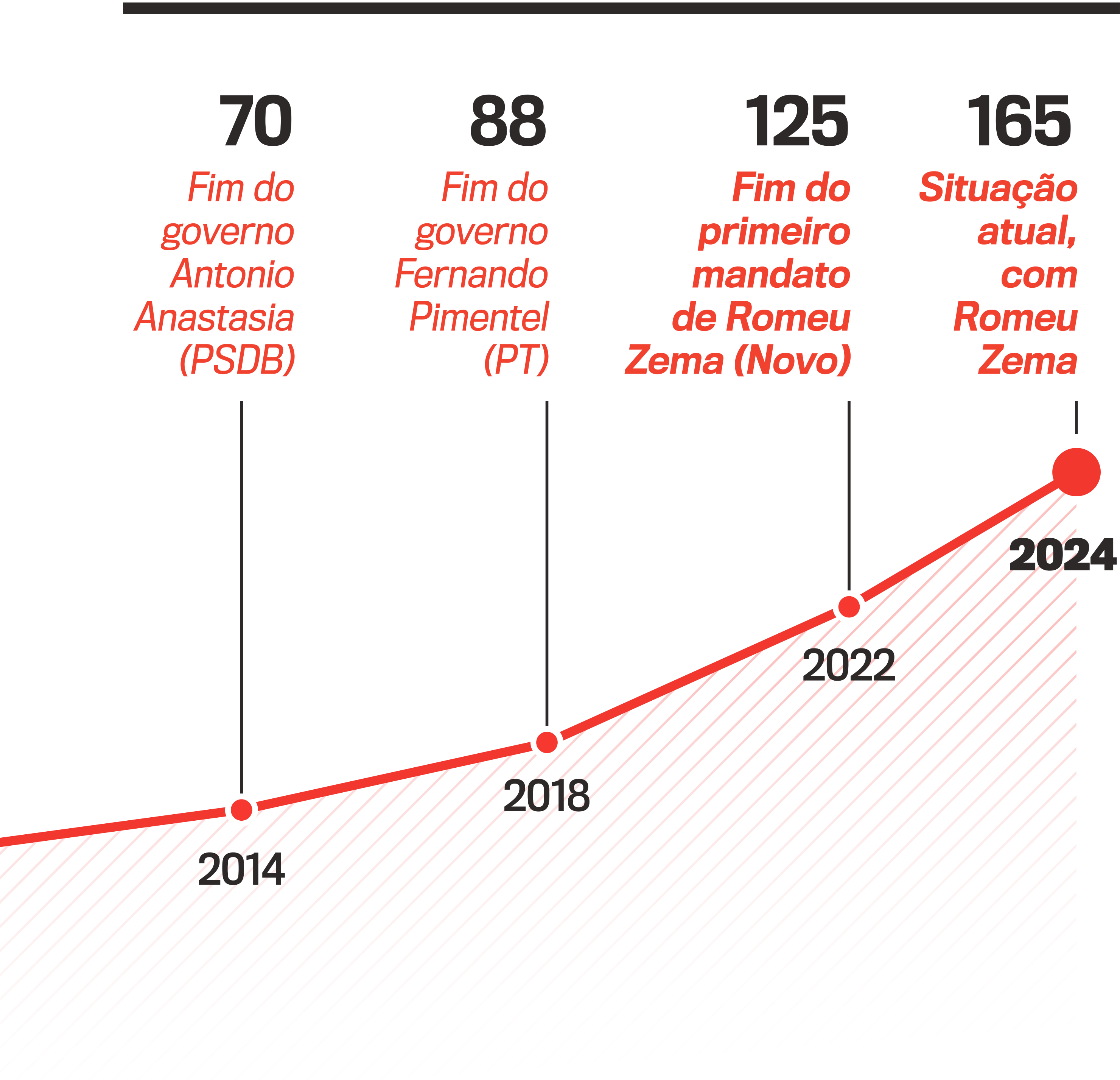
A ESCALADA DA CRISE

Dívida de Minas Gerais com a União cresceu mais de 1000% desde 1998

(valores corrigidos, em bilhões de reais)



que o texto é lesivo aos servidores. Durante a tramitação, Zema enfrentou vários protestos do funcionalismo e a recusa de deputados em dar quórum para votar a medida. No ano passado, o estado aderiu ao RRF pela via judicial, com a autorização do Supremo Tribunal Federal, o que resultou na suspensão temporária da cobrança das parcelas. O retorno do pagamento estava acordado para dezembro



Fontes: Secretaria da Fazenda de MG e Sindazfisco-MG

de 2023, mas foi adiado ao menos três vezes — a última, para agosto, pelo ministro Edson Fachin, na terça 16.

A dívida, enquanto isso, deixou de ser um tema técnico e passou a ter um componente político-eleitoral. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que é de Minas e se movimenta para uma eventual candidatura ao governo em 2026, tomou as rédeas da negociação com a União. Após reuniões com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e com o presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, apresentou uma proposta alternativa, por meio de projeto de lei que cria o Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag). O plano prevê novas condições de renegociação de entes federativos em débito com a União, entre elas a mudança de indexador, para possibilitar a redução dos juros. Mas a saída tem ideias muito controversas, como a possibilidade de os estados transferirem suas estatais à União para amortização do débito. No caso de Minas, Zema, que fez campanha pregando a privatização — mas ainda não privatizou nada —, concorda em repassar empresas como Cemig (energia) e Copasa (saneamento). O Propag é a principal aposta dos políticos mineiros, inclusive do governador, mas o problema está no tempo. Pacheco quer votar o projeto até a primeira semana de agosto. Para entrar em vigor, o texto teria de passar ainda pela Câmara e ser sancionado por Lula.

Como não pode ficar parado, Zema investiu nos últimos dias na tentativa de aprovar a adesão ao RRF na Assem-

LUIZ SANTANA/ALMG



PRESSÃO Servidores na Assembleia: proposta polêmica está travada desde 2019

bleia. Na segunda 15, conseguiu um aval em primeira votação, mas o escrutínio final ficou para agosto. A insistência em avançar o projeto foi criticada até pelo vice-governador, Mateus Simões (Novo), que acha uma “esquizofrenia política” tentar aprovar a matéria enquanto o Congresso discute regras mais brandas. A estratégia de Zema, no entanto, é garantir uma espécie de seguro para o caso de o prazo estipulado pelo STF vencer antes da aprovação do Propag. Se isso acontecer, o governo terá de pagar 8,2 bilhões de reais neste ano e 22 bilhões em 2025. Em caso de aval à adesão ao RRF pela Assembleia, a obrigação seria de 1,37 bilhão de reais em 2024 e 5,16 bilhões no ano que vem. Os governistas afirmam que a aprovação não interfe-



JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

OLHAR NO FUTURO Pacheco: presidente do Senado tenta viabilizar proposta alternativa de olho em 2026

re na entrada do estado no Propag. “Se não houver uma mudança na forma de correção dessa dívida, ela não irá parar de crescer, levando ao colapso das contas públicas e inviabilizando a prestação de serviços públicos, incluindo áreas essenciais como saúde, segurança e educação”, declarou Zema a VEJA.

A derrota política do governador nessa questão é considerada ainda maior porque ele encontrou uma situação mais favorável que seus antecessores. Zema assumiu o governo sob a vigência de uma liminar concedida pelo STF no final do governo Pimentel, que garantiu a suspensão da cobrança da dívida desde 2019. Além de não pagar o que devia — coisa que seus antecessores não puderam fazer —,



LUIZ SANTANA/ALMG

FOGO AMIGO Simões: vice classificou iniciativa de Zema de “esquizofrenia política”

o estado, sob sua gestão, recebeu cerca de 37 bilhões de reais da mineradora Vale por indenização pelo desastre de Brumadinho. O governo usou esse dinheiro para fazer investimentos em obras e programas que lhe garantiriam a reeleição, deixando a dívida rolar. A única boa notícia nessa seara é que existe ainda a expectativa de entrada de outros 60 bilhões de reais por compensação, pela mesma Vale, pelo rompimento da barragem de Mariana, em 2015.

O aumento da frustração com o desempenho de Zema como gestor é diretamente proporcional ao seu definhamento como estrela política. Após a reeleição em primeiro turno, ele foi tratado como alternativa a presidente para 2026 e potencial herdeiro dos votos de direita que hoje es-



REPRODUÇÃO

NA MIRA Cemig: estatal pode ser entregue à União para amortização de dívida

tão com o inelegível Jair Bolsonaro. Em junho, ele próprio parecia ter jogado a toalha e já admitia só compor uma futura chapa. “Não ligo de ser vice, quero mesmo é participar”, afirmou. Pesquisa Datafolha feita em julho em Belo Horizonte, onde Zema venceu em 2022 com 47% dos votos, mostra um eleitorado pouco empolgado com seu trabalho: 35% consideram que ele é ótimo ou bom, enquanto 30% dizem que é ruim ou péssimo e 32% o classificam como regular. “Zema é o pré-candidato do Novo à Presidência em 2026. Não só pelo que está fazendo, mesmo diante de todas as dificuldades que enfrenta, mas pelo que Minas representa em termos eleitorais para o Brasil”, mantém o presidente do Novo, Eduardo Ribeiro. Não será fácil. Em-

bora outros governadores enfrentem o problema da dívida, Zema é o que mais apanha politicamente. Para o cientista político Carlos Ranulfo, da UFMG, isso ocorre porque o governador, embora há seis anos no cargo, não formou um grupo político no estado e continua agindo como um outsider. “Ele não terá influência alguma na eleição municipal, e a tendência é de enfraquecimento no ano que vem, o que o coloca sob risco de não eleger o seu sucessor”, diz.

Historicamente, Minas é um estado influente no jogo de poder nacional. A origem no período republicano deu-se com a “política do café com leite”, no início do século XX, quando revezou-se com São Paulo na chefia do país — na época, quatro mineiros foram presidentes. Depois, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves chegaram lá, mas o segundo morreu antes de assumir. Itamar Franco, que herdou o Planalto após o impeachment de Fernando Collor, foi o último presidente nascido no estado, tendo terminado a carreira política como governador. Nos últimos anos, o mais comum tem sido a derrocada política dos gestores estaduais. Fernando Pimentel, Aécio Neves e Eduardo Azevedo foram seriamente alvejados por investigações — Azevedo chegou a ser preso. Zema não carrega nenhuma acusação séria, mas o seu capital político é chamuscado por algo que tem condenação certa na atividade privada, de onde ele veio: vender e não entregar. ■

**MURILLO DE ARAGÃO**

A AGENDA 2024

Calendário político e econômico
revela um cenário desafiador

A AGENDA política do segundo semestre revela desafios de grandes proporções para o governo. São temas eleitorais, fiscais e econômicos com amplas repercussões para as expectativas do país. No campo eleitoral, a batalha das disputas municipais será uma prévia das eleições gerais de 2026. Os partidos que se saírem bem terão amplas possibilidades de consolidar grandes bancadas no Congresso na próxima legislatura.

Outro fato relevante é que as eleições municipais de Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte são extremamente importantes tanto para o lulismo quanto para o bolsonarismo. Lula tem dado especial atenção à disputa nessas capitais. No Congresso, a corrida pela presidência da Câmara dos Deputados deverá ter novos contornos com a possibilidade do anúncio do candidato de Arthur Lira no início do semestre. No Senado, o favoritismo de Davi Alcolumbre parece consolidado pelo fato de ter apoio do atual presidente, Rodrigo Pacheco, e também do presidente Lula.

No campo econômico concentram-se outros desafios de grande magnitude. As expectativas de crescimento da



economia e do emprego parecem altas e serviram para alavancar a popularidade do governo. As pesquisas mais recentes confirmam que a popularidade de Lula está melhorando, interrompendo a tendência de queda observada entre o final de 2023 e o começo de 2024. No entanto, as expectativas podem ser negativamente afetadas pela sucessão na presidência do Banco Central e pela execução da política fiscal. Ambas, caso mal conduzidas, podem poluir as expectativas e, potencialmente, prejudicar a economia. Vale destacar que o aumento da popularidade de Lula é motivado pela percepção de uma melhoria na economia, indicando que o desempenho nessa área continua sendo o principal fator que determina a aprovação ou reprovação do governo.

Outras questões prosseguem em aberto. Como obter compensações para a desoneração da folha de pagamentos para dezessete setores produtivos e pequenos municípios? O Supremo Tribunal Federal (STF) atendeu ao pedi-

“No campo eleitoral, as disputas municipais serão uma prévia das eleições gerais de 2026”

do do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e prorrogou até 11 de setembro o prazo para o entendimento entre governo e Congresso sobre como compensar a desoneração. Ainda no campo fiscal, existe a luta dentro da gestão federal para alcançar as metas fiscais propostas para 2024 e 2025. Enquanto isso, o presidente Lula declarou que o seu mandato não é obrigado a cumprir a meta fiscal, “se tiver coisa mais importante para fazer”.

A agenda política e econômica do segundo semestre revela um cenário desafiador e dinâmico tanto para o governo quanto para os agentes econômicos. Conciliar programas, gerenciar lutas internas e manter as expectativas positivas é um imenso desafio para uma administração que, apesar de algumas realizações, ainda enfrenta questões estruturais e organizacionais significativas. A gestão federal atual, embora tenha obtido resultados positivos, muitas vezes se vê presa em narrativas arcaicas e não pragmáticas, dificultando a implementação de políticas eficazes, a construção de uma base de apoio sólida e trazendo incerteza para os agentes econômicos. ■

ZONAS PROIBIDAS

Seções eleitorais fluminenses mudam de endereço para evitar que eleitores sejam coagidos a votar nos candidatos do tráfico e das milícias

SOFIA CERQUEIRA E LUCAS MATHIAS

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO



ESCOLTA Urna chega a local de votação em área dominada pelo crime organizado: democracia na mira

EM QUALQUER eleição, aí incluídas as municipais que ocorrerão em outubro, a vitória de um candidato está atrelada a fatores como partido, financiamento de campanha, tempo de propaganda eleitoral e padrinhos políticos, além, claro, da sua história pessoal. Em vastas extensões do Rio de Janeiro dominadas pelas milícias ou pelo tráfico — ou pelas duas pragas associadas —, porém, o que conta mesmo não é nada disso. Na lógica cruel que se impõe nesses territórios, é o poderio do crime organizado que dita quem deve ou não ser eleito, seja impedindo o acesso dos candidatos que não estão alinhados com ele, seja coagindo moradores a votar em seus escolhidos. A situação escalonou a tal ponto nas últimas votações que o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) fluminense decidiu alterar o mapa eleitoral do estado, trocando a localização de seções para lugares menos suscetíveis à ação dos criminosos. VEJA teve acesso com exclusividade a vinte dos 93 locais de votação cujos endereços serão mudados na eleição deste ano.

O critério básico adotado para montar a lista de transferência de seções dá a dimensão do problema: entram nela todos os locais onde as urnas, no dia da votação, têm de ser transportadas em “caveirões”, os blindados da Polícia Militar — o que, por si só, demonstra que mudar de sala é uma boa providência, mas mal arranha o drama de quem tem seu cotidiano controlado por bandidos. Do pacote fazem parte pontos críticos como os complexos do Alemão, da Maré e do Chapadão e os bairros de Anchieta e Costa Barros,



DANIEL MARENCO/FOLHAPRESS

ESTADO PARALELO Complexo do Alemão: 100 dos 163 bairros do Rio sob controle de bandidos

na Zona Norte carioca, além de Realengo e Senador Câmara, na Zona Oeste. Municípios da Baixada Fluminense, como Nova Iguaçu e Caxias, além das cidades de Niterói, São Gonçalo e Angra dos Reis, também estão na relação. “Se o aparato de votação precisa ser levado nessas condições, está mais do que claro que é inviável manter as seções nesses locais. Não há segurança nem para eleitores, nem para mesários e fiscais”, ressalta o presidente do TRE-RJ, Henrique Carlos de Andrade Figueira. A migração das urnas não altera as zonas eleitorais, atreladas ao endereço residencial do eleitor — elas simplesmente serão acomodadas em prédios na mesma área, só que localizados em avenidas movimentadas, com grande circulação e fácil acesso policial.

No intuito de conter a interferência do tráfico e das milícias na eleição de outubro, o TRE do Rio solicitou ainda o apoio do Exército para coibir pressões sobre os eleitores e a prática

de boca de urna. Uma mulher que trabalha em um estabelecimento no Complexo do Alemão, na Penha, e foi mesária no pleito de 2022, detalhou à reportagem como se dá o achaque — no caso, de traficantes do Comando Vermelho. “Eles ficam nas ruas próximas e até nos corredores do local de votação, intimidando moradores e quem trabalha ali. Ninguém tem coragem de falar nada”, conta, sob a condição de anonimato. Estudo da Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com o Instituto Fogo Cruzado mostra que um quinto da Região Metropolitana do Rio (467 quilômetros quadrados) está sob influência do crime organizado, um aumento de 105% em relação a 2008. Na capital, milicianos e traficantes estão presentes em cerca de 100 dos 163 bairros.

Conforme testemunhos ouvidos por VEJA, a coação dos eleitores é feita por meio de três canais: os próprios bandidos, seus mensageiros e líderes comunitários cooptados. “Acontece de baterem na nossa porta com um político do lado dizendo para votar no ‘nosso’ candidato. Ninguém é bobo de não atender”, afirma um morador de uma área da Maré sob domínio de milicianos. Em alguns bairros da Zona Oeste, a abordagem é ainda mais intimidadora. Um comerciante de Realengo revelou que, dias antes da votação, é comum bandidos convocarem a população para reuniões nas quais fazem propaganda de seus candidatos e anotam os dados de cada título de eleitor, dando a entender que têm meios de conferir voto a voto.

O terror imposto nessas comunidades é cada vez mais



FACEBOOK @EDUARDOPAESRJ

TUDO DOMINADO Eduardo Paes: em 2022, prefeito denunciou ao TSE que candidatos foram impedidos de ingressar em áreas de milícia

abrangente, a ponto de, na última eleição, em 2022, o prefeito carioca, Eduardo Paes, pedir ajuda ao TSE para conter intimidações a políticos em áreas sob o domínio da bandagem. “Quem faz política no Rio sabe que o candidato que não está no esquema não entra em territórios controlados por grupos armados”, atesta a vereadora e candidata à reeleição Tainá de Paula (PT). Em 2020, ela foi abordada por criminosos ao tentar fazer campanha na Cidade de Deus e no Complexo da Penha. A tática de traficantes e milicianos para plantar asseclas no Legislativo se sofisticou. Antes, integrantes dos próprios bandos, com processos nas costas, entravam na disputa. Agora, eles se valem de nomes sem ficha corrida previamente cooptados pelas quadrilhas e engordam sua potencial bancada com candidatos que pagam

entre 300 000 e 1 milhão de reais, ou lhes prometem um naco de negócios escusos, para fazer campanha em áreas dominadas. “Estamos lançando mão dos setores de inteligência e de estatística para não só impedir o controle territorial como garantir o exercício da cidadania”, diz o secretário de Segurança do Rio, Victor Santos.

Com um histórico deplorável de bandalheira eleitoral alimentada pelo tráfico e pelas milícias, o terceiro maior colégio eleitoral do país (13 milhões de eleitores) conta, desde a votação de 2022, com o Gabinete Extraordinário de Segurança Institucional (Gaesi) do TRE-RJ, que envolve diversos órgãos e instituições do estado. Com destaque na empreitada, o Ministério Público criou ferramentas para municiar 165 promotorias eleitorais, reunindo informações dos tribunais de contas, das polícias e de ouvidorias, com o objetivo de impugnar rapidamente candidaturas irregulares e auxiliar em investigações criminais. “Um dos principais propósitos dessa força-tarefa é impedir que representantes do crime consigam vagas nas câmaras e nas prefeituras do Rio”, enfatiza Luciano Mattos, procurador-geral do MP fluminense. A iniciativa caminha junto com a mudança dos quase 100 locais de votação. “Medidas como estas são importantes, mas insuficientes. A relação da política com o crime tem que ser objeto de ações permanentes”, alerta Daniel Hirata, sociólogo da UFF. Facilitar o voto livre e desimpedido é um começo, mas a trajetória para livrar o Rio de Janeiro do jugo dos bandidos ainda tem muito chão pela frente. ■

**RICARDO RANGEL**

O LEGADO DE BOLSONARO

Ele ensinou que a intolerância com quem é diferente é aceitável

SEMANA A SEMANA, o cerco se fecha sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro: inelegível, investigado por diversos crimes, já indiciado por alguns, o esperado é que fique preso por muitos anos, tornando-se carta fora do baralho. Mas, ainda que isso de fato aconteça (no Brasil, nunca se sabe), não significa que o efeito deletério de suas posturas vá desaparecer. Bolsonaro ensinou que a intolerância com quem é diferente é aceitável, acirrou ódios e intensificou a desunião, visível no aumento de ações contra minorias, no rompimento de amizades e na fragmentação das famílias, com casos frequentes em que parentes próximos não se falam há anos (há uma amarga ironia aqui, já que Bolsonaro professa valorizar a família). São feridas que demorarão a cicatrizar, se é que um dia cicatrizarão.

Diante do cenário de ódio, ele deu a grande número de brasileiros o acesso a armas perigosas e politizou as Forças Armadas, ressuscitando o risco da intervenção militar, que permanecerá vivo não se sabe até quando. Propa-



gou o negacionismo científico, que permitiu que a pandemia matasse muito mais do que deveria. O efeito desagregador dessas mortes — pais sem filhos, filhos sem pais, famílias aos pedaços — permanece, assim como o calvário dos que até hoje lidam com as sequelas da covid-19.

Há décadas ninguém questionava vacina, mas, por causa de Bolsonaro, nunca os índices de imunização estiveram tão baixos e doenças consideradas erradicadas ameaçam voltar. Muitos médicos (!) preferem *fake news* à ciência, prescrevendo remédios inúteis ou perigosos. A politização do Conselho Federal de Medicina, que aderiu ao kit cloroquina e ultimamente tentou impedir a prática do aborto legal, é assombrosa.

Bolsonaro perdeu em 2022, mas ajudou a eleger o pior Congresso que já tivemos no Brasil; pode não participar em 2026, mas sua imagem contribuirá para a reeleição. Há assuntos complexos — meio ambiente, revolução tecnológica, mudanças no trabalho, redes sociais — por tra-

**“Ele perdeu em 2022,
mas ajudou a eleger o
pior Congresso que já
tivemos no Brasil”**

tar, e para isso precisamos de compreensão, inteligência e sensatez. Os parlamentares do grupo de Bolsonaro, porém, oferecem o oposto disso, tomando uma decisão retrógrada atrás da outra.

É possível que o ato mais danoso de Bolsonaro tenha sido a rendição total do Executivo ao Legislativo no que se refere ao Orçamento. No “presidencialismo de coa-lizão” — variação petista do presidencialismo de cooptação —, o Executivo dava ao Legislativo cargos, verbas e propinas em troca de apoio para governar. Bolsonaro inovou e entregou, via emendas parlamentares, o controle do caixa diretamente ao Congresso.

No novo modelo (em que a corrupção permanece), os parlamentares já têm o dinheiro de que necessitam — para obras, campanha eleitoral ou bolso — sem precisar dar nada em troca. A capacidade do Executivo de aprovar qualquer coisa caiu vertiginosamente, comprometendo a governabilidade. É uma circunstância perigosíssima e muito difícil de reverter.

Esses são apenas alguns poucos itens do legado de Bolsonaro, que ainda vai demorar para ser completamente quantificado.

Mas já dá para ver que ele é a verdadeira herança maldita. ■

BRASIL CENTRO-OESTE

INSTAGRAM @ADRIANELOPESMS



MÁGOA A prefeita Adriane Lopes com Tereza Cristina:
“traídas” por Bolsonaro

DIREITA DIVIDIDA

Bolsonaro surpreende ao fazer o PL apoiar o PSDB à prefeitura de Campo Grande e cria uma saia justa com aliados históricos do PP, como Tereza Cristina e Ciro Nogueira **LAÍSA DALL'AGNOL**

UMA DAS CAPITAIS mais jovens do país, Campo Grande, em Mato Grosso do Sul (criado em 1977), não é frequentemente lembrada no noticiário nacional. Com a aproximação da sucessão municipal, no entanto, uma movimentação que envolve alguns dos maiores caciques nacionais colocou a cidade no mapa da confusão eleitoral. A disputa pela prefeitura virou palco para uma troca de caneladas entre partidos à direita, em especial o PP e o PL, e criou uma saia justa entre aliados históricos, como o ex-presidente Jair Bolsonaro e a senadora e sua ex-ministra Tereza Cristina, que tem reduto eleitoral no estado, e dois chefes de partidos, Valdemar Costa Neto (PL) e Ciro Nogueira (PP).

O pano de fundo da encrenca é um movimento inusual feito pelo partido de Bolsonaro. Inicialmente fechado com a prefeita Adriane Lopes (PP), o PL abandonou a empreitada e se aliou ao PSDB, sigla que nacionalmente não figura na órbita de aliados preferenciais do bolsonarismo. Em 2022, o tucanato liberou seus diretórios para apoiar Lula ou Bolsonaro, mas os principais líderes tucanos, como FHC, José Serra, Tasso Jereissati e Eduardo Leite, apoiaram o petista. Já o PP é um aliado tradicional e fez parte da trinca que caminhou ao lado de Bolsonaro na campanha presidencial, com PL e Republicanos. Mais do que isso, o PP ocupou espaços importantes no governo do ex-presidente, com a Casa Civil chefiada por Ciro e a Agricultura comandada por Tereza Cristina.

O apoio do PL, sacramentado por Bolsonaro, ao candidato tucano, Beto Pereira, desencadeou o curto-circuito na



ESTRATÉGIA Valdemar: cacique diz que acordo foi firmado por ex-presidente e que o horizonte é 2026

direita. A movimentação enfureceu o deputado Marcos Polon, que publicou um vídeo em que diz que jamais apoiaria um tucano e lançando-se pré-candidato à prefeitura. O arroubo teve reação imediata: ele foi afastado por Valdemar do comando estadual da sigla, da qual pode se desfiliar por ter se sentido traído. Tereza e Ciro também não gostaram e foram até Brasília para dizer isso pessoalmente a Bolsonaro na sede do PL na semana passada — o encontro terminou com sorrisos amarelos para fotos e promessas de que não haveria nenhum rancor, mas o ex-presidente avisou que não abandonaria o acordo com o PSDB. Tereza Cristina, que em 2022 foi preterida na escolha do vice por Bolsonaro, que preferiu o general Braga Netto, não está contente. “Tínhamos a nossa aliança, mas são estratégias partidárias do PL, sobre as quais não tenho interferência”, diz.

A lógica do acordo pode ser explicada pelo fato de Mato Grosso do Sul ser considerado hoje um “tucanistão”. O partido comanda nada menos que 51 dos 79 municípios do estado, que é administrado pelo tucano Eduardo Riedel. A aliança, que atende ao interesse do PL de fazer o maior número de prefeitos e vereadores, foi firmada com Reinaldo Azambuja, ex-governador por dois mandatos e cotado para uma vaga ao Senado em 2026 — não pelo PSDB, mas pelo PL. “O Bolsonaro é quem tem escolhido os candidatos nas principais capitais, e eu aceitei”, diz Valdemar. “Com isso, o ex-presidente convidou o Azambuja a vir para o PL. Estamos negociando.” O alto tucanato desconfia. “Não vejo a possibilidade de o Azambuja ir para o PL. Ele é muito enraizado no partido, é tucano histórico, presidente do PSDB estadual e secretário-geral da legenda”, diz Marconi Perillo, presidente nacional da sigla. “A verdade é que o PSDB está se desintegrando, e o Azambuja é um tucano que não quer ficar sem galho em 2026”, avalia um importante político local.

O surpreendente imbróglio entre PP e PL rachou a direita na cidade. Além da prefeita do PP e de Beto Pereira, que terá um vice do PL, está na corrida a ex-deputada Rose Modesto (União Brasil), ex-vice de Azambuja, que é quem lidera as pesquisas. O arco de alianças em torno de Pereira, aliás, vai alinhar do mesmo lado de Bolsonaro políticos do MDB da ministra Simone Tebet (que é do estado) e do Podemos, da senadora Soraya Thronicke, que virou um dos desafetos do bolsonarismo em 2022. A divisão pode favorecer a única



ESTRANHO NO NINHO Azambuja, Pereira e Riedel: tucanos terão vice do PL

candidata de esquerda, a deputada Camila Jara (PT), que terá como vice um nome bem tradicional no estado: Zeca do PT, governador por dois mandatos.

Está certo que a política no Brasil é conhecida por produzir malabarismos, principalmente em ano eleitoral, mas não é preciso voltar muito no tempo para achar estranha a aproximação entre Bolsonaro e PSDB. Em dezembro, quando consolidou a retomada de seu protagonismo no ninho tucano, Aécio Neves foi categórico ao dizer que a prioridade era acabar com a polarização entre PT e bolsonarismo. “Existe vida inteligente entre esses extremos, e o PSDB tem a responsabilidade de liderar um novo caminho”, disse em entrevista a VEJA. O novo PSDB, porém, chamou de “natural” a aliança com Bolsonaro em um dos estados que governa (os outros são Rio Grande do Sul e Pernambuco). Os antigos aliados do ex-presidente, como se vê, não acharam tão natural assim. ■

LIVE



OS TRÊS PODERES

com **Ricardo Rangel, Marcela Rahal e Matheus Leitão**

**ACOMPANHE TODAS
AS SEXTAS-FEIRAS**

a partir das **11h** no Youtube e Facebook



Acesse ***abr.ai/ostrespoderes***
ou aponte a câmera do celular
o código ao lado



APRESENTAÇÃO

**Ricardo
Ferraz**

veja

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich



DIVULGAÇÃO

ENTREGA Shopee: 90% dos produtos vendidos na plataforma são nacionalizados

Preços vão subir

A **Shopee**, marketplace de Singapura, assegura que o programa federal Remessa Conforme não a impedirá de avançar no Brasil. “A proposta de valor vai cair um pouco, os produtos vão ficar mais caros, mas vamos

crescer”, diz um diretor da empresa. Cerca de 90% dos produtos vendidos na plataforma são nacionalizados, segundo ele.

Na corrida

Para rivalizar com o Mercado Livre, que anunciou re-



centemente 23 bilhões de reais em investimentos, a Shopee planeja ampliar de 15 000 para 20 000 o quadro de funcionários no Brasil em 2025. A empresa vai abrir novos centros de distribuição nos próximos meses. Hoje são 11.

Aprovado

A Amazon considera positivo o imposto de 20% do Remessa Conforme. A avaliação é de Daniel Mazini, presidente do grupo americano no Brasil. “Para o consumidor médio, com a certeza de que o produto vai chegar rápido e com um preço que ele sabe que é o final, é muito bom”, diz.

Retomada?

De olho em novos projetos da Petrobras, a OEC, construtora da Novonor (ex-O-

debrecht), pretende chegar aos 6 bilhões de reais em contratos na carteira neste ano. Desde a Lava-Jato, a empreiteira nunca mais ultrapassou 4 bilhões de reais em projetos.

Rombo grande

O valor vai fazer pouca diferença no rombo da holding Novonor. O braço de construção do grupo entrou recentemente com pedido de recuperação judicial. O objetivo da OEC é reestruturar 4,7 bilhões de dólares em dívidas — ou cerca de 26 bilhões de reais.

Hora da colheita

A Agro Amazônia, distribuidora de insumos agropecuários da multinacional japonesa Sumitomo, projeta faturar 6 bilhões de reais neste ano após ter investido

150 milhões de reais na construção de uma produtora de sementes em Patos de Minas (MG).

Expansão

Os planos da Agro Amazônia incluem a abertura de uma segunda fábrica de fertilizantes em Minas Gerais. O grupo também avalia fazer aquisições de empresas que atuam nos segmentos de fertilizantes e sementes nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Linha cruzada

Com dívidas de 44 bilhões de reais, a operadora de telefonia Oi finalmente deixou de pagar multas milionárias por não implementar telefones públicos — os populares orelhões — em quase 10 600 localidades onde é a única operadora disponível. Era o que previa o regime de con-

cessão, que o Tribunal de Contas da União derrubou.

Para o alto

A Porte Engenharia, construtora dos prédios que se tornaram os mais altos de São Paulo, foi ao mercado para captar 500 milhões de reais. Há conversas com investidores para a criação de um CRI, título de renda fixa voltado para o setor imobiliário.

Apoio à ciência

A família Moll, dona da Rede D'Or, de hospitais, pretende investir meio bilhão de reais até 2034 em projetos de apoio à ciência e tecnologia. Os investimentos serão feitos por meio do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (Idor). ■

OFERECIMENTO

KOVR seguradora

A HORA DA VERDADE

Sem enfrentar os problemas estruturais do gasto público, o governo fica com um orçamento que não consegue gerir, pode ver a dívida crescer e arrisca ter um colapso no serviço público

JULIANA ELIAS

TON MOLINA/FOTOARENA



DÚVIDA Tebet e Haddad: o governo anunciou um corte de gastos de 26 bilhões de reais, mas não detalhou o que será feito



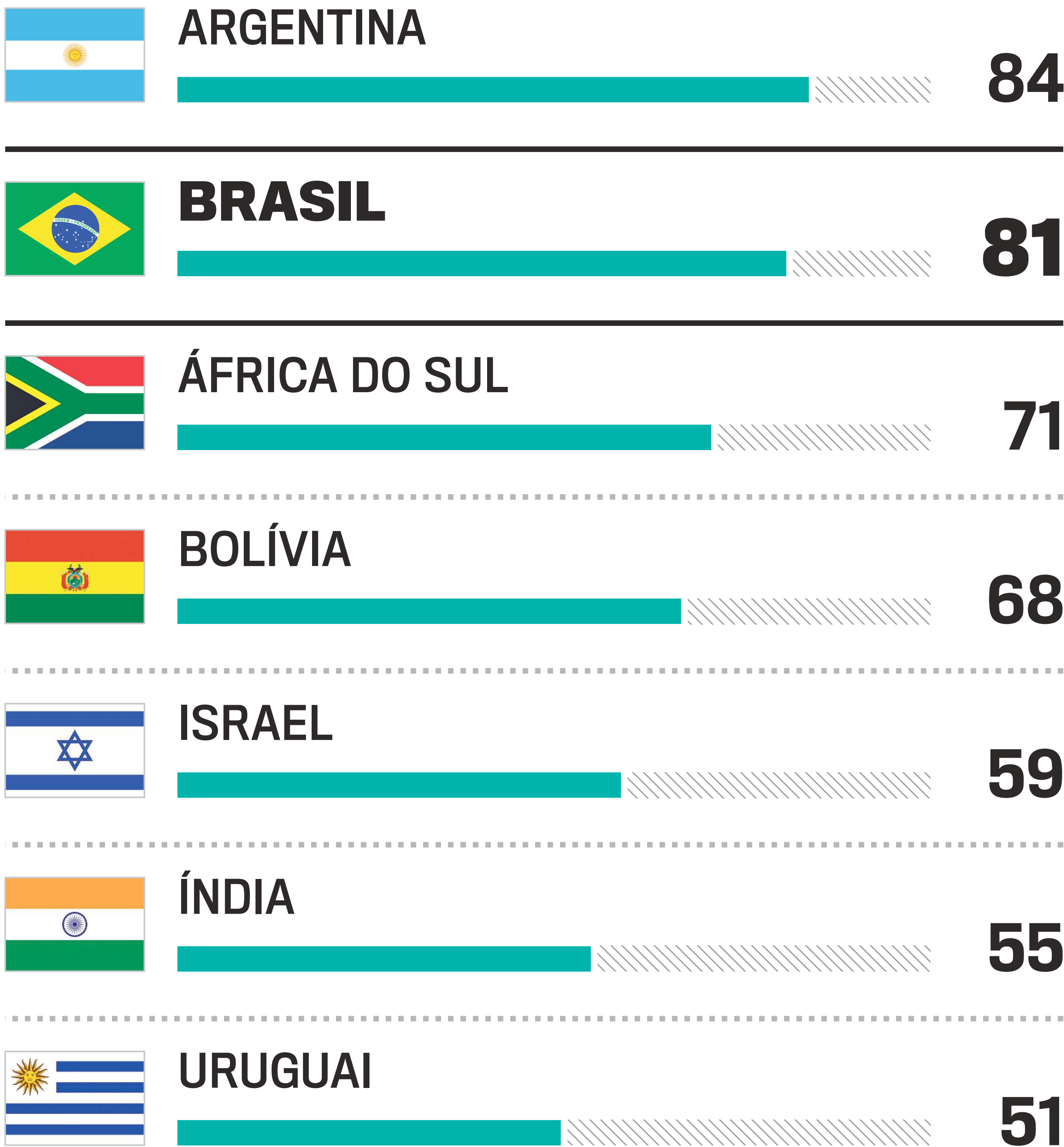
A próxima segunda-feira, 22, se tornou crucial na agenda econômica do país. É quando será divulgado o balanço do Tesouro Nacional com a evolução das receitas e despesas do governo até junho e o quanto estas extrapolam (ou não) o dinheiro reservado para elas pelo orçamento do ano. Se não estiverem dentro do previsto, o governo será obrigado a bloquear verbas dos ministérios para o ajuste. E provavelmente não estarão, dado o ritmo acelerado do crescimento dos gastos mês a mês. De que tamanho será esse bloqueio e mesmo se ele será feito serão sinais essenciais para um real dimensionamento do compromisso que — depois de muita pressão — o presidente Lula prometeu ter com o arcabouço fiscal, a regra de controle das despesas desenhada e aprovada por seu próprio governo no ano passado. “Os valores que forem apresentados serão fundamentais para selar a confiança na política fiscal”, diz Murilo Viana, economista especializado em contas públicas.

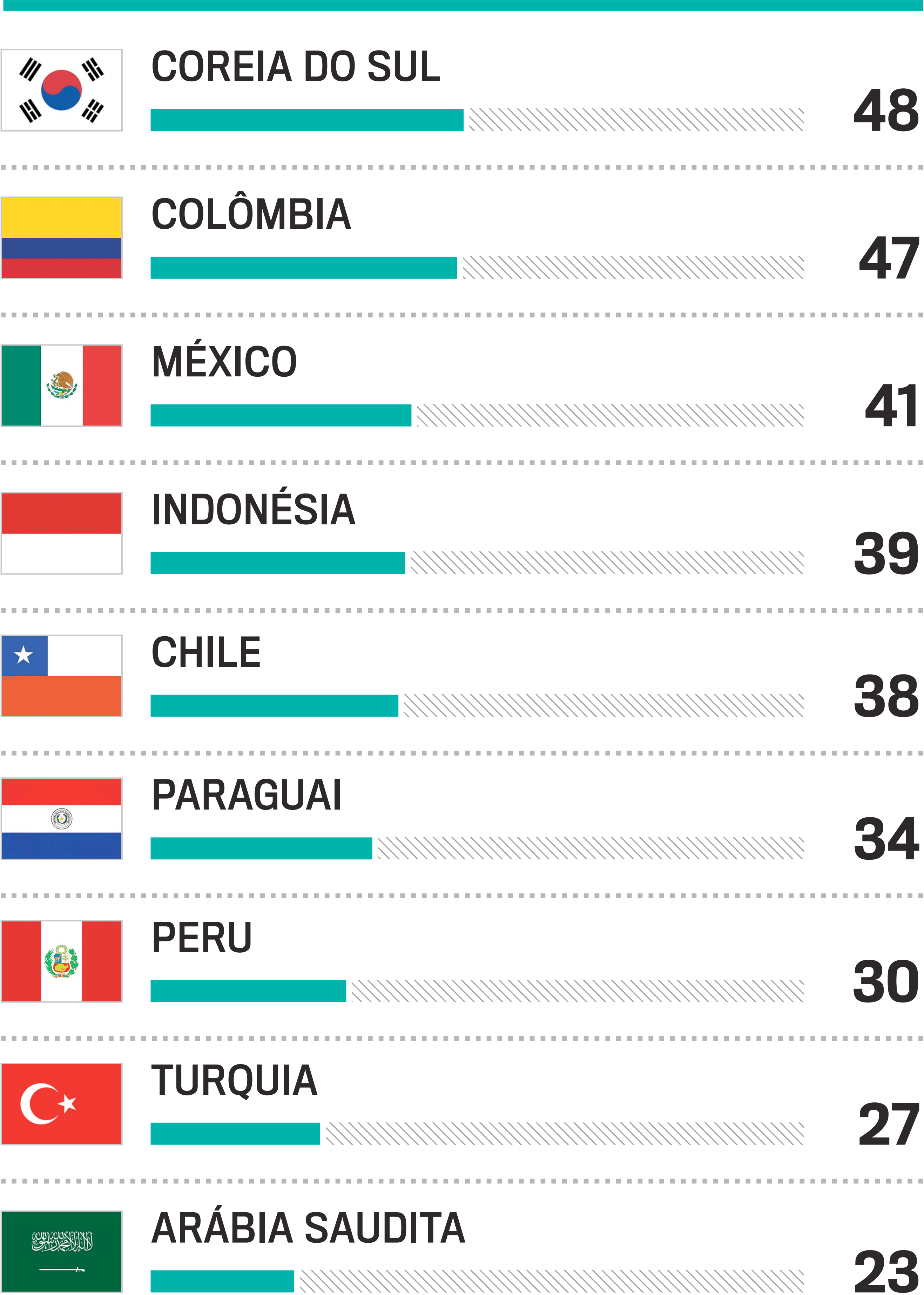
Há alguns dias, contudo, Lula voltou a relativizar os preceitos do arcabouço, enquanto o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, assegura que ele segue de pé. De toda maneira, entregar as contas de 2024 dentro das metas seria apenas o primeiro capítulo de uma história mais longa e ainda mais complexa, na qual uma agenda de revisão de gastos profunda é condição indispensável para o país não derivar para um colapso econômico. Colocar as contas de volta no azul é essencial para controlar o crescimento da

POR QUE REDUZIR

A dívida pública brasileira já é uma das mais altas entre os países emergentes

DÍVIDA DO GOVERNO CENTRAL, EM % DO PIB (2022)





Fonte: *FMI*

dívida pública. Ela está em 81% do produto interno bruto pela metodologia do Fundo Monetário Internacional, e figura entre as mais altas do mundo emergente, o que alimenta a desconfiança com os rumos do país e sua capacidade de voltar a crescer com mais força. “Era para estarmos com a bolsa de valores a 140 000 pontos e o câmbio a 5 reais, mas estamos pagando um prêmio de risco pelas dúvidas deixadas pelo governo”, disse, em entrevista ao programa VEJA MERCADO, o estrategista-chefe da gestora Monte Bravo Investimentos, Alexandre Mathias.

O segundo problema é que, da forma como os gastos evoluem atualmente, o dinheiro pode, afinal, acabar. “Se nada for feito, já em 2027 as contas estarão estranguladas e o governo não terá recursos para custeios básicos, como aluguel, gasolina ou conta de luz”, afirma Marcus Pestana,



AJUSTE INSS: a limpeza em benefícios da Previdência é urgente

LUIS LIMA JR/FOTORENA

diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão ligado ao Senado. De acordo com a IFI, o país precisa de um mínimo de 0,7% do PIB para arcar com essas operações essenciais. Em poucos anos, porém, essa margem pode cair a 0,2% conforme gastos obrigatórios como aposentadorias, programas sociais e salários crescerem e engolirem o restante. Na prática, bem antes de chegar lá, o país já terá sucumbido, com um apagão generalizado de serviços públicos federais. “Imagine a polícia sem gasolina ou o Exército sem munição”, diz Pestana.

Haddad e a ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, chegaram a anunciar no começo do mês a primeira grande medida de revisão de gastos permitida por Lula — um corte de 25,9 bilhões de reais, a ser gerado por pentes-finos nos principais benefícios sociais a partir do ano que vem, numa lista ainda por ser detalhada. Foi um sinal importante para acalmar os ânimos do mercado financeiro, mas, para muitos especialistas, o valor não apenas está superestimado como é insuficiente para o tamanho do problema. “Alguns programas têm, de fato, muita gordura para corrigir, mas não dá para cortar quase 26 bilhões só com medidas administrativas”, diz Bráulio Borges, pesquisador associado da Fundação Getúlio Vargas.

O benefício de prestação continuada, o BPC, que paga um salário mínimo para idosos e deficientes de baixa renda, e o auxílio-doença, programa temporário para pessoas afastadas do trabalho, são alguns itens que tive-

ONDE ESTÃO OS EXCESSOS

Onde e quanto seria possível economizar, de acordo com analistas

DESVINCULAÇÃO DE BENEFÍCIOS DO SALÁRIO MÍNIMO

De 20 bilhões de reais a 27 bilhões de reais

+

PENTE-FINO NO INSS E NO BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA (BPC)

De 14 bilhões de reais a 15 bilhões de reais

+

REVISÃO DOS PISOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO

De 10 bilhões de reais a 12 bilhões de reais

+

PENTE-FINO NO BOLSA FAMÍLIA

De 7 bilhões de reais a 8 bilhões de reais

+

REVISÃO DA PREVIDÊNCIA DOS MILITARES

*De 5 bilhões de reais
a 7 bilhões de reais*

+

REDUÇÃO DE EMENDAS
PARLAMENTARES (EXCLUÍDAS
AS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO)

*De 6 bilhões de reais
a 15 bilhões de reais*

+

REGULAMENTAÇÃO
DOS SUPERSALÁRIOS

4 bilhões de reais

TOTAL DE ECONOMIA AO ANO:

**DE 67 BILHÕES DE REAIS
A 87 BILHÕES DE REAIS**

Fontes: Itaú e Ana Paula Vescovi/Santander

ram um aumento fora do comum desde a pandemia, quando as regras de inclusão, triagem e perícia foram flexibilizadas. Uma boa limpeza nesses e em outros programas previdenciários poderia economizar cerca de 15 bilhões de reais, de acordo com estimativas feitas por economistas. O mesmo movimento ocorreu com o Bolsa Família, que viu o número de pessoas que moram sozinhas — uma excentricidade para um programa voltado a famílias pobres com filhos pequenos — mais que dobrar depois que as regras também mudaram, ainda em 2021. Recalibrá-lo poderá devolver até 8 bilhões de reais para os cofres públicos.

São nas propostas mais espinhosas, entretanto, e já descartadas por Lula, que estão os maiores potenciais de enxugamento. É o caso da desvinculação do salário mínimo de benefícios sociais como o piso das aposentadorias, as aposentadorias rurais e o BPC, que pagam o piso trabalhista e, juntos, consomem quase metade do orçamento da União. Desde que Lula trouxe de volta os reajustes acima da inflação para o salário mínimo, o crescimento desses benefícios passou a ser ainda mais rápido — nos doze meses até maio, os gastos com a Previdência cresceram 14%. Mexer nesse tabu poderia economizar mais de 20 bilhões de reais ao ano, enquanto outra medida não menos polêmica, o fim dos aumentos automáticos nos orçamentos da saúde e da educação, poderia liberar até 12 bilhões de reais.



EXÉRCITO BRASILEIRO

CAMPO MINADO Tropa: o governo hesita em revisar a previdência dos militares

Definidos pela Constituição em 1988, os orçamentos das duas áreas têm regras próprias e devem crescer sempre na mesma proporção que a arrecadação. “O arcabouço fiscal definiu que as despesas totais só podem subir até 70% do que crescerem as receitas”, diz Pedro Schneider, economista do Itaú. “Como, então, comportar algo que cresça 100% com as receitas? Não é sustentável.” Completam o cardápio uma revisão na previdência dos militares, que foram poupados na reforma de 2019 e representam, proporcionalmente, o maior déficit do sistema, e a regulamentação dos supersalários do funcionalismo público, que, em muitos casos, ainda ultrapassam o teto de valor mensal de 44 000 reais.

Somadas, as principais reformas abririam um espaço de aproximadamente 87 bilhões nos cenários mais arroçados, o que cobriria com folga os 28,8 bilhões máximos de déficit permitidos pela lei fiscal para 2024 e até mesmo os 60 bilhões de reais de déficit que os economistas acreditam que o governo, de fato, terá. “Quase 95% dos gastos são obrigatórios e difíceis de cortar, então fazer ajuste fiscal no Brasil é conseguir controlar o crescimento deles”, afirma o economista e ex-secretário da Fazenda Marcos Lisboa. “Mas o arcabouço fiscal foi construído com várias contradições que deixam esse controle também difícil.” O único caminho para que o arcabouço não morra em poucos anos, como ocorreu com o seu antecessor, o programa de teto de gastos, é enfrentar com coragem os problemas estruturais. Mas essa é uma briga que, infelizmente, o governo e os políticos não parecem dispostos a encarar. ■

**MAÍLSON DA NÓBREGA**

CRISE FISCAL: FICHAS CAINDO

A percepção é que a União não irá
estabilizar a dívida pública

NO MERCADO FINANCEIRO, caiu a ficha da insustentabilidade fiscal e das respectivas incertezas. O gatilho foi, entre outros motivos, a redução das metas de resultado primário, o que provocou a percepção da incapacidade da União de estabilizar e depois reduzir a relação entre a dívida pública e o PIB, que mede a solvência do setor público. No governo federal, a ficha caiu na área econômica, a julgar pela manifesta preocupação com a crescente inviabilidade de gerir o Orçamento.

A reação do mercado veio com o aumento dos juros futuros e a reestimativa das projeções de inflação. Lula contribuiu para isso ao atacar agressivamente o presidente do Banco Central (BC). O dólar subiu. As expectativas se desancoraram. Ficou mais espinhoso o trabalho do BC. A área econômica defendeu, de forma elogiável, a revisão dos pisos constitucionais de gastos com educação e saúde e a desvinculação entre o salário mínimo e os gastos previdenciários.

A origem do drama é a Constituição de 1988, que criou um generoso Estado de bem-estar social ao molde europeu para reduzir desigualdades sociais. Não se indagou se isso seria viável. Essa política começou no Reino Unido, com base no Relatório Beveridge (1942), mas o país era (e ainda é) uma potência econômica. Aqui, entre 1995 e 2018, o salário mínimo real (descontada a inflação) elevou-se em 156,7%, contribuindo para a explosão das despesas da Previdência (o mínimo reajusta 60% dos benefícios).

No governo Bolsonaro, foram abolidos os reajustes reais do mínimo, mas Lula os reinstituiu para cumprir uma promessa de campanha, que foi decidida sem examinar seus custos fiscais (como o presidente costuma fazer). Segundo o Ministério do Planejamento, em dez anos a medida custará 1,3 trilhão de reais, eliminando os efeitos da reforma previdenciária de 2019 (economia de 800 bilhões de reais).

A área econômica respondeu bem às incertezas sobre a situação fiscal. Prometeu que no Orçamento de 2025, em

“Está difícil escaparmos de uma piora fiscal, que pode desaguar em grave crise financeira”

preparação, haverá diminuição “ampla, geral e irrestrita” dos gastos. Sucede que a promessa somente poderá ser cumprida se for viável realizar forte redução da excessiva rigidez das despesas, que não tem paralelo no mundo. Quando se computam os investimentos, que Lula não aceita cortar, 96% dos gastos primários têm natureza obrigatória.

Será preciso, pois, convencer Lula e o PT, mas isso dificilmente acontecerá. De fato, o presidente já se manifestou contra alterar a vinculação de impostos à educação e à saúde, enquanto o PT criticou duramente a ideia de desvincular o salário mínimo dos gastos previdenciários. Desse modo, as despesas obrigatórias ficarão intocadas, impossibilitando a implementação da ideia de cortes, pois o controle incide sobre exíguos 4%. Sem tais medidas, faltarão recursos para as necessidades mínimas de custeio da administração. Haverá desgaste na gestão do Orçamento e se acirrará cada vez mais a deterioração das expectativas do mercado. Está difícil escaparmos de uma piora fiscal, que pode desaguar em grave crise financeira. ■



SAIU PELA CULATRA

Donald Trump escapa de um atentado contra sua vida com ferimentos leves, aura de herói e chances aumentadas de vencer Joe Biden na corrida pela Casa Branca

AMANDA PÉCHY E ERNESTO NEVES

EVAN VUCCI/AP/IMAGEPLUS



POSE PARA A HISTÓRIA

Trump depois do tiro: “Lutem, lutem”



Era para ser mais um comício de campanha típico de Donald Trump, apinhado de apoiadores embevecidos ostentando bonés vermelhos. No fim de tarde escaldante, a estrela do espetáculo subiu ao palco em Butler, na Pensilvânia, com o costumeiro atraso, às 18h05. Seis minutos depois, os disparos começaram — oito ao todo, até o atirador, Thomas Matthew Crooks, 20 anos e motivação desconhecida (*veja a coluna de Vilma Gryzinski*), ser abatido por um sniper do serviço secreto. Trump levou a mão à cabeça e se abaixou sob um escudo de seguranças. Confirmada a morte do atacante, o ex-presidente foi retirado do local, mas antes de sair teve a presença de espírito de gravar na memória coletiva uma imagem indelével de martírio e desafio: face marcada por dois filetes de sangue, bandeira americana ao fundo, ergueu o punho e gritou “Lutem, lutem”. A foto correu mundo e, ampliada ao máximo, decorou os espaços da Convenção Nacional Republicana em Milwaukee, em Wisconsin.

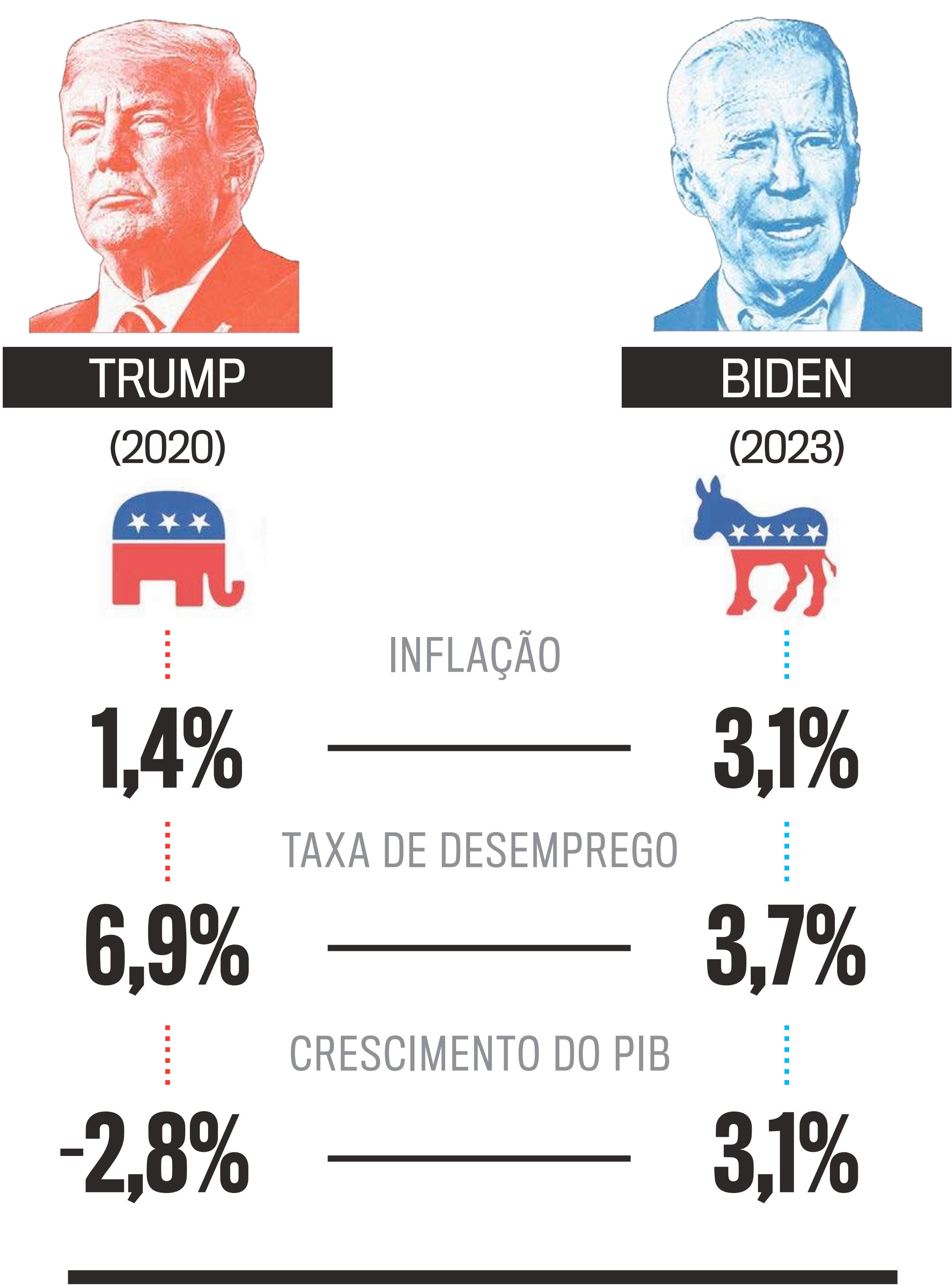
Trump foi ovacionado ao aparecer na abertura do evento, na segunda-feira 15, pela primeira vez desde o atentado, com um curativo na orelha direita, cercado de uma aura de sobrevivente invencível e um nítido clima de “já ganhou”. Não pronunciou palavra — guardava seu discurso para a noite de encerramento, na quinta-feira 18, que coroaria sua candidatura oficial à Presidência com um gostinho a mais: o de agora favoritíssimo contra o cada vez mais enfraque-

cido Joe Biden. Os tiros contra o candidato republicano, tremenda falha de segurança que matou uma pessoa, feriram outras duas e aparentemente não o atingiram em cheio porque virou a cabeça na hora H, e não chegaram a afetar grandemente as pesquisas. Ele continua 2 ou 3 pontos adiante de Biden, superando o democrata em todos os cinco cruciais estados pên­dulos — a mesma situação em que se encontra, apesar dos avanços na economia obtidos pelo atual governo (*veja o quadro ao lado*), desde que o presidente escancarou o peso dos 81 anos em debate pela TV, no fim de junho, com dificuldade em completar frases.

Na ponta do lápis, a maioria dos americanos já sabe em quem vai votar e o pequeno — e decisivo — contingente de indecisos pouco mudou, pelo menos até o momento, em decorrência do atentado. “O efeito eleitoral ainda é incerto”, diz Jacob Neiheisel, professor de ciência política da Universidade de Buffalo. Mas impacto houve, abstrato, porém igualmente relevante, nos dois lados em disputa, com consequências potenciais — e temerárias, no lado democrata — na disposição do eleitor de sair de casa para votar. O apelo inegável do punho desafiador do ex-presidente de rosto ensanguentado fez baixar uma nuvem cinzenta de desalento entre os democratas, já desacorçoados por um movimento interno pós-debate para convencer o presidente — que ainda por cima, na quarta-feira 17, testou positivo para covid e se isolou em plena e dificultosa campanha — a desistir da candidatura. A mesma imagem consolidou

REPUBLICANOS X DEMOCRATAS

O desempenho econômico entregue depois do mandato de Trump na Casa Branca em comparação com a administração de Joe Biden, que foi mais bem-sucedida





ALLISON DINNEN/EPA/EFE

EM ALTA Com curativo na convenção republicana: em clima de “já ganhou”

biente. No longo prazo, porém, o otimismo dá lugar à preocupação com o impacto de gastos maiores e arrecadação menor na delicada situação fiscal do país, com déficit de 7% e dívida pública superior a 100% do PIB. Prevê-se que o protecionismo comercial que caracterizou seu primeiro mandato retorne com mais ímpeto: Trump pretende impor tarifa de 10% sobre todas as importações e de 60% sobre os

entre os republicanos a quase certeza de que seu candidato está com um pé na Casa Branca. Nessa conjuntura, ressoam com estrondo, dentro e fora dos Estados Unidos, as conjecturas sobre o que vai mudar no segundo mandato de Donald Trump.

Os mercados financeiros se animaram com a força renovada da candidatura Trump, contando com os efeitos sobre o setor produtivo de suas reiteradas promessas de cortar impostos em geral e aliviar restrições, sobretudo nas indústrias que impactam o meio am-

JIM LO SCALZO/EPA/EFE



EM BAIXA O presidente fragilizado: pressão intensa para abrir mão da candidatura e teste positivo para covid-19

produtos que vêm da China, abrindo a possibilidade de retaliação em cadeia e dificultando o comércio global, com óbvias consequências negativas para o Brasil. Aqui, devem pesar ainda sua identificação com o ex-presidente Jair Bolsonaro, que dificulta o diálogo com o governo Lula, e seu descaso em relação às questões ambientais, item essencial da agenda atual de colaboração entre os dois países.

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES



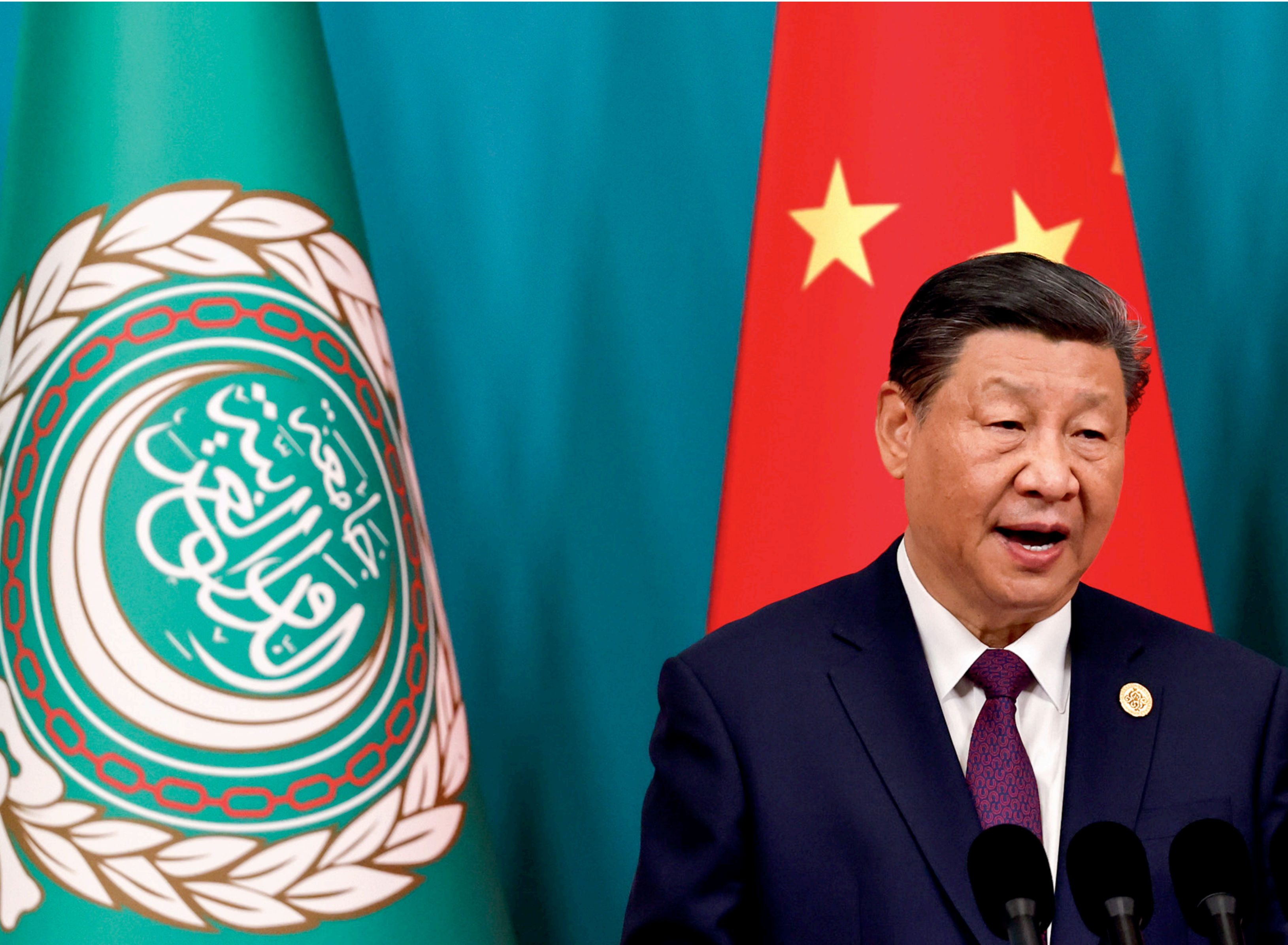
HERÓI Apoio na camiseta: “Impichado, preso, condenado, ferido e ainda de pé”

Segundo analistas, o governo Trump II deverá agir com mais habilidade e resultado na implementação de sua plataforma, visto que tanto ele quanto seus assessores carregam a bagagem de experiência da primeira passagem pela Casa Branca. Em política externa, o conceito de “Estados Unidos primeiro” deve repetir seu protagonismo, doa a quem doer. Doerá, com certeza, na Ucrânia, que de-

pende totalmente dos Estados Unidos para enfrentar os invasores russos — o tripé de demônios que a cartilha trumpista quer exorcizar, para o bem da nação, é composto de imigração, globalização e “guerras estrangeiras”. O primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, prócer do arco populista-nacionalista que torce por Trump, visitou-o recentemente na mansão de Mar-a-Lago, na Flórida, e saiu anunciando que o candidato tem pronto um plano para encerrar o conflito.

No Oriente Médio, Jared Kushner, genro de Trump e conselheiro para a região no primeiro governo do sogro, já sugeriu que as fronteiras da Faixa de Gaza sejam reduzidas, reforçando a posição israelense na luta contra os palestinos. O ex-presidente nunca escondeu sua queda por líderes autoritários, tecendo elogios ao russo Vladimir Putin, aliando-se ao israelense Benjamin Netanyahu no projeto de anexação de territórios ocupados e assumindo posições dúbias até em relação ao rival maior, o chinês Xi Jinping — em entrevista publicada no meio da convenção republicana, declarou que Taiwan, a ilha de governo independente que a China quer engolir e que depende integralmente do apoio americano para resistir, “deveria nos pagar por sua defesa”. “Trump tem interesse zero em mediar esforços de paz ou tentativas de cooperação. Se não houver benefícios diretos para os americanos, não tem valor para ele”, ressalta John Carey, professor de política da Universidade Dartmouth.

TINGSHU WANG-POOL/GETTY IMAGES



RIVALIDADE Xi Jinping: Trump vê no líder chinês o maior inimigo dos Estados Unidos, mas também dá tranco em Taiwan

Diante da ameaça Trump, líderes europeus correm para tentar blindar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança agonizante herdada da Guerra Fria que ressuscitou como pilar da resistência ucraniana, pela qual o ex-presidente manifesta solene desprezo. Neste ano, pela primeira vez em décadas, os países europeus que integram a Otan gastarão em conjunto 2% de seu PIB — 380 bilhões de dólares — revigorando suas Forças Ar-

GETTY IMAGES



AFINIDADE Putin: vantagem frente à Ucrânia em um novo governo trumpista

madras. Além disso, traçam planos para reduzir o papel dos Estados Unidos na dissuasão nuclear, assumindo eles mesmos o poderio bélico convencional — infantaria, armamentos, logística e artilharia.

Internamente, Trump assina embaixo, embora não de forma oficial, de um documento de 900 páginas batizado de Projeto 2025, que tem a ambiciosa pretensão de moldar o futuro do país. Um de seus pontos-chave é o desmantelamento de ór-

gãos federais como a Agência de Proteção ao Meio Ambiente (EPA) e as entidades regulatórias, com a troca de até 50 000 funcionários públicos por aliados. Preventivamente, Biden anulou alguns mecanismos e criou outros com a intenção de proteger carreiras técnicas e conter o aparelhamento da estrutura federal. Outro objetivo declarado do candidato republicano é remodelar inteiramente o Departamento de Justiça, que ele acusa de pro-



ALIADO Netanyahu: expectativa de maior suporte na luta contra os palestinos

mover uma campanha insidiosa contra sua pessoa. Também aí o governo Biden vem tentando apertar o parafuso das demissões de nível técnico, além de ocupar vagas com profissionais de tendência mais progressista do que o adversário. Nos últimos dias, o presidente deixou vazar um projeto ousado de impor limites de idade e de caráter ético à intocável Suprema Corte, hoje um reduto de conservadorismo.

Na espinhosa questão da imigração ilegal, que Trump relaciona diretamente ao crime nos Estados Unidos (sem nenhuma prova, como é de seu estilo), é mais do que conhecido seu plano de fechar a fronteira com o México e promover “a maior deportação em massa da história do país” — muito embora o endurecimento de Biden no controle de entradas as tenha reduzido ao menor nível em mais de três anos. Trump pretende ainda criar uma força-tarefa para “combater o preconceito anticristão”, que será conduzida por um Departamento de Justiça “inteiramente reformado, justo e equilibrado” — e, provavelmente, maleável a dispensar a maioria de seus processos judiciais. “Pode ser um governo muito danoso à democracia, especialmente agora que Trump compreende melhor as vulnerabilidades das instituições”, avalia Wesley Leckrone, cientista político da Universidade Widener.

Em comunicado logo após o atentado, o ex-presidente atenuou seu discurso, com pedidos de “união” e relato de uma conversa “muito cordial” com Biden, que o procurou para manifestar solidariedade — o exato oposto do tom beligerante de costume e das promessas de expurgar do governo federal os “marxistas” e varrer a “classe política doente que odeia nosso país”. Esse tipo de retórica reflete a violência latente que permeia a profunda polarização do país, onde cresce sem parar a parcela de americanos que diz “não gostar” ou “odiar” seus oponentes, de acordo com pesquisa do Carnegie Endowment for International Peace.

KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES



NA FILA Kamala: ela aguarda uma decisão sobre se assume ou não a cabeça da chapa democrata

“Trump foi vítima da radicalização política que ele mesmo fomenta. Vivemos um momento muito perigoso”, diz Terry Moe, cientista político da Universidade Stanford.

No primeiro dia da convenção republicana, o candidato enfim desfez o mistério sobre seu vice — e a escolha de J.D. Vance, 39 anos, senador em primeiro mandato, mostra que, depois de aglutinar o Partido Republicano em torno de sua pessoa e de seu populismo autoritário, ele agora se

JOE RAEDLE/GETTY IMAGES



LEGADO Vance: escolhido a dedo
como vice para manter o trumpismo vivo

movimenta para, se eleito, estender a teia trumpista para além de seu mandato, o último a que teria direito — até porque sairia da Casa Branca com 82 anos. Vance, que entrou na política comparando Trump a Hitler, virou casaca e é fidelíssimo escudeiro, com os atributos extras da juventude, do carisma e da boa presença nas redes sociais. Espera-se com certa expectativa o debate entre ele e Kamala Harris, 59 anos, a vice de Biden, que fez carreira como pro-

motora durona e boa de briga. Isso, se ela continuar vice — é a mais cotada para tomar o papel do chefe, caso ele abra mão da candidatura. “Por enquanto, a campanha eleitoral democrata está pisando em território desconhecido”, avalia Khalil Muhammad, professor de história, raça e políticas públicas da Universidade Harvard.

O ataque a Trump foi o mais grave contra uma alta autoridade desde que um atirador feriu Ronald Reagan, em 1981, alongando a lista de atos contra a vida de presidentes, quatro fatais, entre os quais os que mataram John Kennedy (1963) e Abraham Lincoln (1865). No país traumatizado por episódios de violência política, mas que não vivenciava esse tipo de situação há tempos, a condenação ao atentado foi unânime, com mostras de solidariedade entre republicanos e democratas. Inicialmente desconvidados para a convenção em Milwaukee, dois ferrenhos adversários do ex-presidente na pré-indicação republicana, Ron DeSantis e Nikki Haley, atenderam ao chamado para discursar e manifestar apoio depois dos tiros no comício. “Você pode não concordar 100% com Trump, mas deve votar nele”, recomendou Haley, ex-desafeto. Exultante entre milhares de apoiadores fanáticos, muitos exibindo na orelha uma imitação de curativo, depois de levar um tiro no domingo e sair com apenas um arranhão, Trump passou a semana do jeito que gosta: no centro do palco, cercado de adulação, tratado como herói. E com a Casa Branca cada vez mais perto. ■

**VILMA GRYZINSKI**

IRONIAS DA HISTÓRIA

Às vezes, nem mesmo há explicações
básicas para assassinatos

“*SIC SEMPER TYRANNIS*”, assim sempre acabam os tiranos, proclamou John Wilkes Booth depois de ferir mortalmente na cabeça o venerado Abraham Lincoln. Ou disse que “a Virgínia está vingada”? Ou não disse nenhuma dessas coisas? As dúvidas sobre o assassinato em 14 de abril de 1865 atravessaram o tempo. Booth era uma espécie de Brad Pitt da época: um ator bonito, capaz de hipnotizar o público. Era também escravagista e queria vingar a derrota dos estados rebelados do Sul numa guerra civil que matou mais de 600 000 americanos — muito mais do que qualquer outro conflito de que os EUA participaram. A plateia do Ford’s Theatre testemunhou o assassinato ou viu Booth saltar do camarote presidencial — quebrou a perna esquerda na queda e foi baleado doze dias depois no celeiro de uma fazenda de fumo, numa caçada alimentada pela revolta popular e pelo prêmio de 100 000 dólares (2 milhões em valores de hoje). Por que tantas dúvidas sobre um assassinato amplamente testemunhado, comparável, nos termos da época, ao atentado contra Trump?

Por que os magnicídios provocam esse tipo de reação de desconfiança: estarão “eles” dizendo a verdade? Há algum truque para nos enganar? É a desconfiança instintiva diante das autoridades — e o desejo de encontrar explicações para o inexplicável. Já foram escritos mais de 40 000 livros sobre John Kennedy e continuamos desconfiando da inverossímil trajetória da “bala mágica” que atingiu o presidente na cabeça e deu várias voltas até ferir gravemente o governador do Texas, John Connally, entrando e saindo sete vezes dos corpos dos dois homens. Lee Harvey Oswald agiu sozinho? Era um agente cubano? Foi plantado pela CIA? Por que não desconfiar que simplesmente foi treinado na URSS, onde morou durante três anos por simpatia ideológica? E por que um dono de boate, Jack Ruby, conseguiu assassiná-lo diante de dezenas de policiais, em outra reviravolta inacreditável?

Poucas coisas impedem um assassino determinado a matar uma grande figura pública. Nem a segurança israelense salvou Yitzhak Rabin dos dois tiros de Beretta dis-

**“Já foram escritos 40 000
livros sobre Kennedy e ainda
desconfiamos da inverossímil
trajetória da bala”**

parados pelo fanático ultranacionalista Yigal Amir em 1995. Tetsuya Yamagami fabricou em casa a arma com que matou o ex-primeiro-ministro japonês Shinzo Abe, durante um comício numa rua da cidade de Nara, em 2022. Note-se que o Japão tem um índice de 0,7 homicídio por 100 000 habitantes e é em tudo diferente da culturalmente armamentista sociedade americana (17,2 é a taxa de homicídios por lá — 30,8 no Brasil).

Detalhe irresistível: o homem que matou Lincoln era filho de um ator britânico chamado Junius Brutus Booth — exatamente o nome do líder da conspiração para assassinar Júlio César. Do qual se desconfiava que fosse filho porque sua mãe, Servília, fora amante de César. Mas só depois do nascimento do rebento assassino, dizem os historiadores. Marco Antônio mandou para ela as cinzas do filho, que se suicidou ao perder a batalha de Filipos, vingança final contra os conspiradores. Dizem que o assassino também proclamou “*Sic semper tyrannis*” ao apunhalar César, mas Plutarco achava que ele não tivera tempo de dizer nada. Se disse, ninguém escutou. Assim se sucedem as ironias da história. *Sic semper.* ■

FILHA PRÓDIGA

Quase dois anos depois de encerrar o contrato de exclusividade com a TV Globo, a atriz **JULIANA PAIVA**, 31 anos, voltou à casa onde foi revelada e passou treze felizes primaveras, encarnando todo tipo de boa moça. Durante o hiato, circulou pelo mercado de streaming, que chacoalhou o mercado da teledramaturgia nacional.

BEATRIZ DAMY/TV GLOBO



“A arte não tem limitações. Quando se abre a cabeça para isso, tudo flui”, filosofa. Ainda neste ano ela surgirá nas telas em duas séries on-line: *Sutura*, no Prime Video, e a continuação do *De Volta aos 15*, na Netflix. Enquanto aguarda as estreias, ela aproveita para surfar no retorno aos folhetins da emissora, onde interpreta a jovem Electra na novela das 7 *Família É Tudo*. “Nada é mais democrático que a TV aberta. A questão social é o que me encanta nesse trabalho, estou motivada”, diz, adaptando o discurso para os tempos dos cachês pagos por produção.

COME, SE NÃO ESFRIA

Há um ano, **RODRIGO OLIVEIRA**, 43 anos, foi convidado para assumir temporariamente o posto de jurado na décima temporada do *MasterChef*, na Band, no lugar de Henrique Fogaça. A experiência lhe abriu as portas da emissora, onde agora segue dando dicas de gastronomia em inserções ao longo da programação vespertina. “A realidade no set é oposta à de uma cozinha. Todo dia tem

roupa nova, te oferecem água, café... Nada sai do combinado”, compara, ainda surpreso com a nova função. Distância das câmeras, ele só prega nas unidades do Mocotó, rede de restaurantes que faz releitura sofisticada de pratos nordestinos. O chef perde a calma quando vê o cliente demorar a experimentar o prato para garantir a selfie nas redes sociais. “Faço uma arte efêmera, é para comer assim que chega à mesa”, avisa. Está certíssimo.



INSTAGRAM @RODRIGOMOCOTO

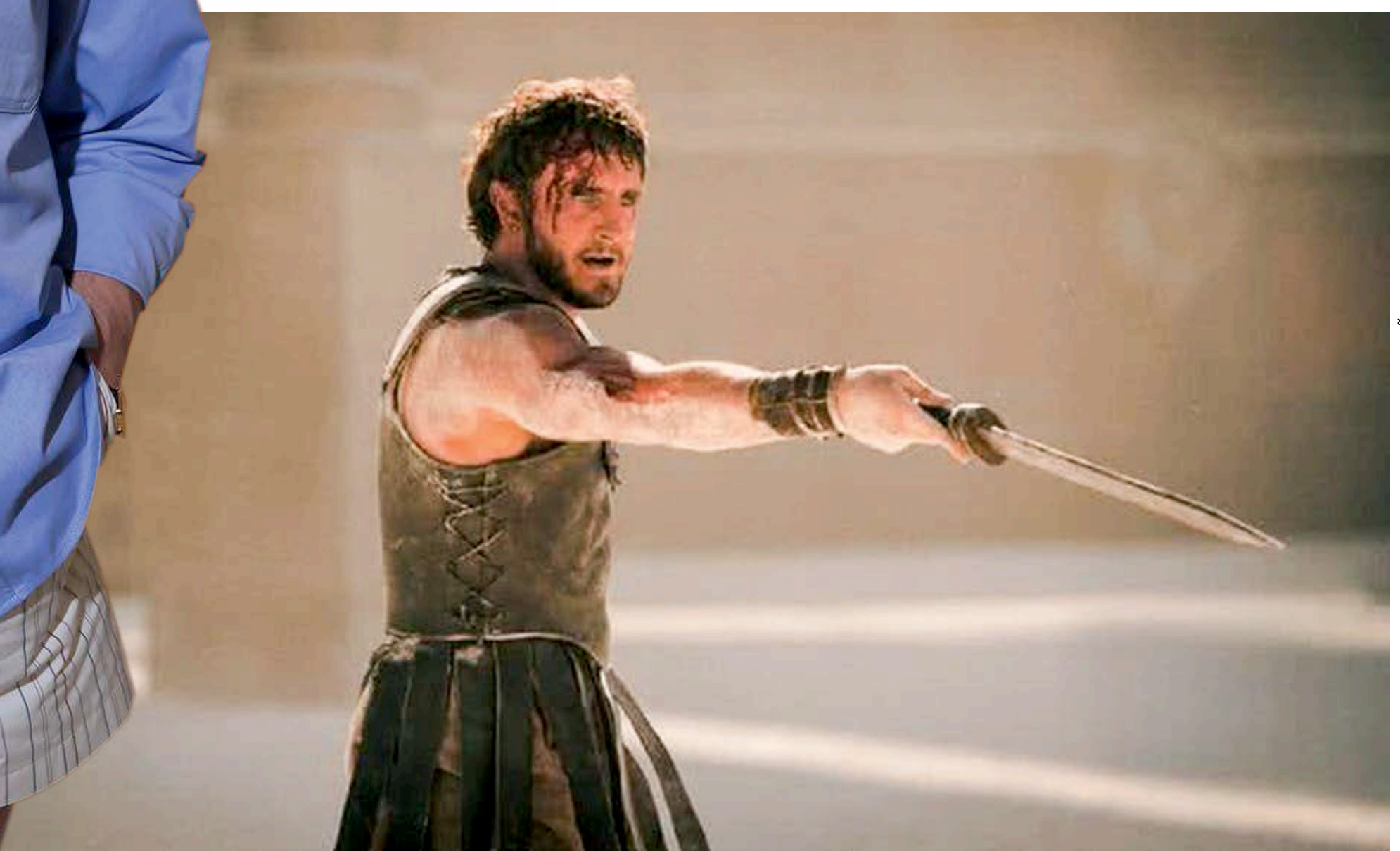


ÁLBUM DE FAMÍLIA

Felicidade o dinheiro não garante, mas amizades furtivas estão disponíveis no mercado. Que o digam os noivos **ANANT AMBANI**, 29 anos, e **RADHIKA MERCHANT**, 29, o casal indiano que protagonizou o casamento do século, em Mumbai. Entre os 1500 convidados da celebração, estavam figurões do jet set internacional como as irmãs Khloé e Kim Kardashian, Mark Zuckerberg e a filha do ex-presidente americano Donald Trump, Ivanka Trump. Quem mais apareceu ao lado dos pombinhos, no entanto, foi **JUSTIN BIEBER**, 30. O cantor animou a festa digna de um marajá e demonstrou intimidade com a família. Motivos para sorrir não faltam, afinal ele faturou 10 milhões de dólares pagos pelo pai do noivo, o magnata Mukesh Ambani, o homem mais rico da Ásia.

PRONTO PARA O COMBATE

Parte do burburinho que ronda a estreia de *Gladiator II*, marcada para novembro, gira em torno da transformação do fofo **PAUL MESCAL**, 28 anos, em um lutador de voluptuosos músculos e ira implacável. Conhecido pelo sensível *Aftersun*, que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de melhor ator, em 2023, ele recorreu a muito treinamento em academia para interpretar o guerreiro Lucius. “Queria parecer alguém que pode causar dano, quando a merda bate no ventilador”, explicou. O irlandês fugiu das dietas mirabolantes que seu antecessor, o ator Russel Crowe, 60, seguiu para encarar as batalhas no Coliseu. “Ao se esforçar para ter um visual perfeito, alguém pode parecer mais um modelo de roupa íntima do que um guerreiro”, alfinetou, antes de surgir na tela com saíote de couro.



FOTOS VICTOR BOYKO/GETTY IMAGES; DIVULGAÇÃO



SEM MEIAS VOLTAS

Ao publicar uma foto com o namorado, o francês **ETIENNE SCHMIDT**, 49 anos, o ex-piloto de Fórmula 1, **RALF SCHUMACHER**, 49, despontou como raro representante do esporte movido a gasolina e testosterona a sair do armário. “A coisa mais linda da vida é quando você tem o parceiro certo ao seu lado, com quem pode dividir tudo”, escreveu na legenda de uma foto com o companheiro. A publicação encerrou de uma vez por todas os rumores depreciativos que por anos acompanharam a vida íntima de Ralf, que hoje atua como comentarista esportivo. O irmão de Michael Schumacher foi casado por catorze anos com Cora Schumacher, com quem teve um filho, David, 22, também piloto, que correu para defender o pai: “Não importa se (*seu par*) é homem ou mulher, apoio você 100%”, escreveu o jovem. ■

NO CENTRO DO MUNDO

Às vésperas da Olimpíada, Paris se põe sob os holofotes globais, um protagonismo que sabe muito bem saborear, e ambiciona oferecer os Jogos mais belos e verdes da história

MONICA WEINBERG, de Paris

É UMA FESTA Fogos
na Torre Eiffel para
celebrar o 14 de Julho:
os anéis olímpicos
dão o clima
na cidade



O monumento mais antigo de Paris, cidade erguida sobre várias camadas da história, reina no centro da Place de la Concorde, sua maior praça. É ali que, no século XIX, fincaram o obelisco de Luxor, um mimo de 3 300 anos de idade presenteado a uma França em ascensão, que fazia par com outro até hoje pousado na entrada do templo egípcio. Ele convive com as recém-chegadas instalações olímpicas que, sempre cercadas por curiosos, abrigarão modalidades que ingressaram nos Jogos para rejuvenescê-los — skate, basquete 3x3, BMX freestyle (categoria radical do ciclismo) e breaking, estreante nesta 33ª edição da Olimpíada na Era Moderna, a terceira em solo parisiense, que vai de 26 de julho a 11 de agosto. O novo e o velho, lado a lado, exprimem o espírito destes tempos num centro urbano nervoso, que já experimentou aclives e declives, mas nunca deixou de ser um espelho para a humanidade do *joie de vivre*, um jeito de viver em que saber apreciar uma refeição produzida com todo esmero é essencial à existência.

Agora, Paris se põe, mais uma vez, no centro dos holofotes globais e quer aproveitar ao máximo. Além dos duelos travados nas pistas, quadras e tatames, com um rol de 45 modalidades disputadas por 10 500 atletas de mais de 200 países — um espetáculo em que homens e mulheres estarão pela primeira vez em igual proporção testando os limites humanos —, há outras batalhas em paralelo na Cidade Luz. A ambição local não é nada modesta, como,



UM MERGULHO E UM FLASH A prefeita Anne Hidalgo: enfim, na quarta-feira 17, braçadas no Sena depois de muito adiar

aliás, nunca o foi. “Queremos exhibir toda a beleza de Paris e fazer dela a mais verde de todas as cidades”, disse a VEJA a prefeita Anne Hidalgo, 65 anos, que tem sido vista por todo canto. No domingo 14 de julho, o grande feriado nacional que acendeu o patriotismo local, era clicada cedo da manhã até tarde da noite às voltas com a tocha olímpica. Na quarta-feira 17, finalmente cumpriu a promessa de saltar nas águas do Rio Sena.

O circuito da chama seguiu o estratégico roteiro de exibir ao mundo os famosos cartões-postais, que serão cenário de competições como o vôlei de praia, sediado numa arena aos pés da Torre Eiffel; o hipismo, cuja briga por medalhas se dará sob a luxuosa moldura do Palácio de Versalhes; e a esgrima, abrigada no belo Grand Palais, próximo

da Avenida Champs-Élysées, parcialmente fechada para carros para receber os 15 milhões de turistas que já começam a chegar. Muitos percorrerão um trajeto fora da rota usual, rumo a Saint-Denis, base da natação e do atletismo. Justamente aí reside um possível legado: romper a histórica barreira que separa o centro e suas ruelas encantadoras do vasto e empobrecido subúrbio.

Quando o barão francês Pierre de Coubertin apareceu no século XIX com o plano de reembalar as Olimpíadas da Grécia Antiga, lançava uma visão idealizada de que as nações conviveriam em perfeita harmonia naqueles dias impermeáveis a hostilidades. Um projeto utópico, como os Jogos de Berlim, de 1936, em plena ascensão nazista, ou os promovidos na Guerra Fria, marcados por boicotes, demonstraram. A atual edição ocorre num planeta chacoalhado por guerras — a de Israel e Gaza e a de Rússia e Ucrânia já reverberam em ataques entre comit s — e num ambiente de turbulências na França. A três semanas do evento, o presidente Emmanuel Macron decidiu antecipar as eleições legislativas, freando a extrema direita, mas deixando tensão de alta voltagem no ar: ainda não se sabe como será o rearranjo de forças — e a população, politizada que   e de nariz torcido para a Olimpíada (ruas e estações de metrô fechadas e a muvuca não ajudam), tem outras prioridades. “Primeiro, elegi meus candidatos, aí dei uma passadinha para ver os anéis olímpicos na Torre Eiffel e daqui a pouco vou embora de férias”, diz a aposentada Iolande Goujard, 71 anos.



MAJA HITIJ/GETTY IMAGES

TRIUNFO Thierry Henry, técnico da seleção olímpica de futebol: na maratona da chama

A aposta dos organizadores é que as resistências se dissipem na hora da festa. “É comum os parisienses baixarem a guarda quando veem que a coisa é boa”, afirma a prefeita Hidalgo. A abertura da Olimpíada está prevista para ter como palco o Sena, artéria em torno da qual a cidade emergiu e se enfileiram maravilhas como a Notre-Dame, a catedral gótica que, engolfada por um incêndio em 2019, não ficou pronta a tempo, exceto pela linda fachada, pano de fundo para muitas *selfies* nestes dias. Nunca a largada olímpica se deu fora de um estádio, ineditismo que traz justificada preocupação com a segurança. Os riscos estão sendo permanentemente monitorados, e o próprio Macron já avisou: “Temos planos A, B e C para a abertura”. A VEJA, o vice-

-prefeito Pierre Rabadan garantiu: “Com tanto planejamento, não haverá lugar mais seguro no mundo do que Paris”.

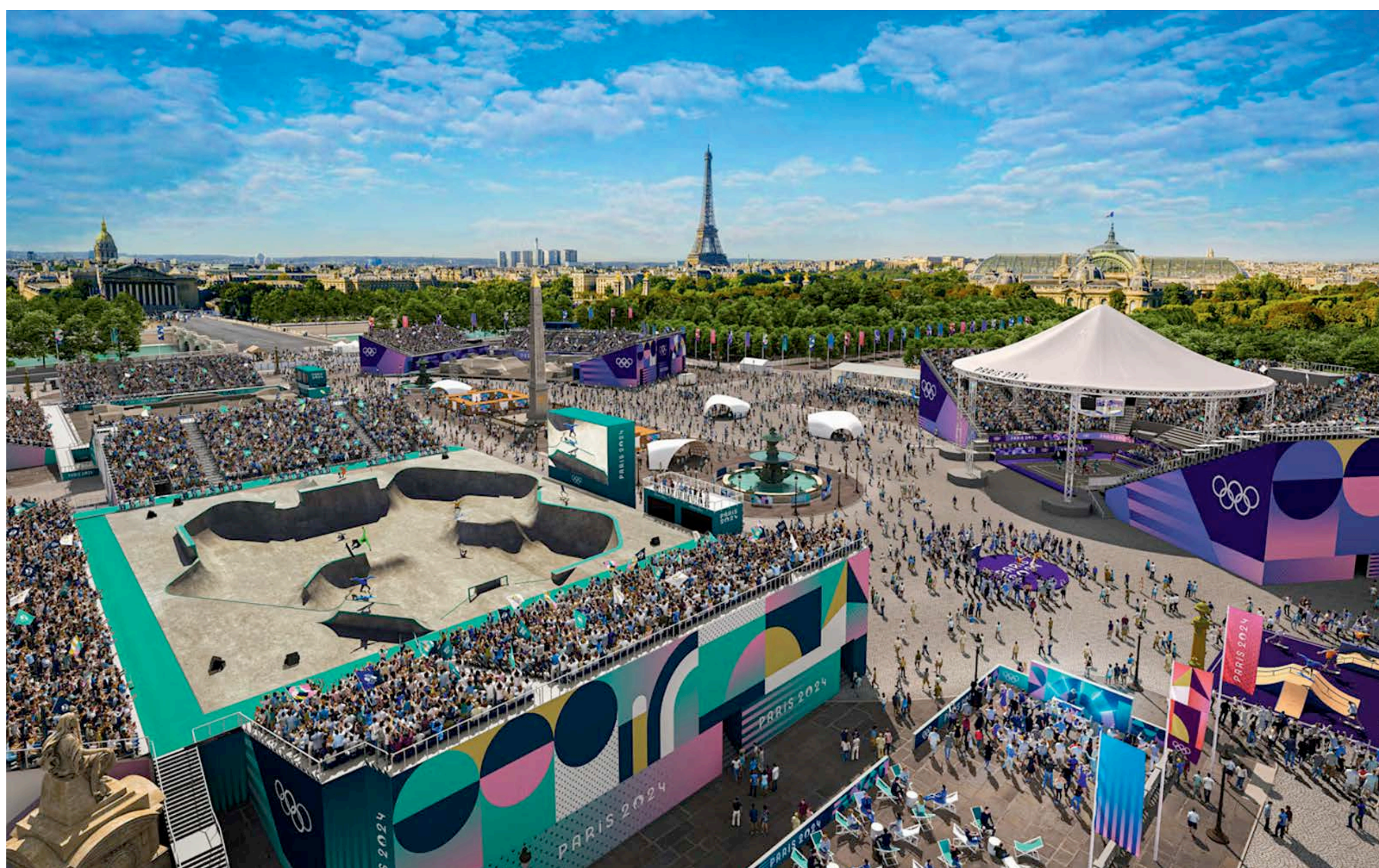
Há um século interditado para banho, o Sena é peça central no pacote que ambiciona projetar Paris como uma vitrine da sustentabilidade. Além de 420 quilômetros de vias para bicicletas (nas ruas, são elas que mandam), 1,4 bilhão de euros foram reservados para sanear suas águas, que melhoraram consideravelmente, mas andaram mais sujas e revoltas do que o desejado para receber os atletas do triatlo e da maratona aquática. Choveu acima do esperado, e o novo tanque com capacidade para armazenar o equivalente a trinta piscinas olímpicas não deu conta. A primeira a tomar coragem de mergulhar no rio para exibir sua balneabilidade foi Amélie Oudéa-Castéra, a ministra dos Esportes. “Isso aí está limpo?”, perguntava Louis Moreau, 22 anos, mirando o Sena. Incomodada, Hidalgo resolveu, enfim, dar suas braçadas por lá. De todo modo, a concentração de bactérias será testada diariamente.

Não é a primeira vez que Paris se vê no centro dos acontecimentos, mas havia tempo que não exercia o protagonismo que tão bem sabe saborear. A corte francesa do século XIV já era referência de produção literária, comportamento e moda — esplendor que, depois de um doloroso hiato sobre o tripé peste-fome-guerra, engalfinhando-se com os ingleses por 100 anos, seria amplificado a alturas jamais exploradas no palácio de Luís XIV. O monarca comandava a perdulária rotina em Versalhes no *Gran Siècle*, o glorioso século XVII, em que, quando se pronunciava a palavra rei



DIVULGAÇÃO

É REAL Jardins de Versalhes: as provas do hipismo serão disputadas sob a moldura do palácio-símbolo do absolutismo



DIVULGAÇÃO

MARAVILHA DE CENÁRIO Arena dos esportes radicais na Concorde (*ilustração*): o novo e o velho convivem lado a lado

na Europa, todo mundo sabia se tratar desse Luís. O mundo estava atento aos *confits* e folheados que serviam à mesa e ao que se vestia naqueles salões — que valem muito a visita, entre uma e outra prova de hipismo nos jardins.

Dois soberanos depois, com a pobreza grassando do lado de fora e o debate político e filosófico fervilhando, o caldeirão chegou a um ponto de ebulição tal que o reino de Luís XVI e Maria Antonieta ruiu e não sobrou tijolo sobre tijolo da Bastilha, prisão-símbolo da monarquia derrubada pelos revoltosos. Era 1789, e a Revolução Francesa, mesmo com suas contradições, trouxe a noção de educação como mola propulsora e agitou a bandeira da liberdade-igualdade-fraternidade, que transbordou pelas fronteiras. Floresceu assim uma animada vida burguesa, com a ascensão de instituições como o restaurante, tocados por chefs que ficaram desempregados quando os patrões perderam a cabeça na guilhotina instalada na Place de la Concorde, a mesma do skate e do breaking. A gastronomia segue até os dias de hoje praticada quase como religião. “A cozinha francesa está viva, vibrante, e a Olimpíada é uma chance para mostrá-la ao mundo”, disse a VEJA Alain Ducasse, dono da maior coleção de estrelas no *Guia Michelin*, 21 no total.

Mesmo com a derrocada de Napoleão Bonaparte e o fortalecimento da Inglaterra, o século XIX teve nos franceses grandes desencadeadores de mudanças que transformariam a paisagem do mundo ocidental. “As pessoas iam a Paris para ver de perto a síntese da modernidade e para onde o futu-

ERIC BERACASSAT/HANS LUCAS/AFP



XADREZ FRANCÊS Macron na parada do Dia da Bastilha: incertezas na política pairam sobre os Jogos

ro estava caminhando”, resume o historiador britânico Colin Jones, autor de *Paris, Biografia de uma Cidade*. O próprio conceito de urbanismo se consolidou nas mãos do controverso Barão Haussmann, que derrubou predinhos e abriu amplas avenidas, onde perambulavam os *flâneurs*, atentos a tudo em volta sem consultar o relógio. “Para o *flâneur* perfeito, é um prazer imenso morar no coração da multidão, em meio ao fluxo da maré humana, fugidia e infinita”, escreveu o poeta Charles Baudelaire, traduzindo o espírito da época (leia a coluna de Lucilia Diniz). Como crítico, ele deu empurrão fundamental ao impressionismo, movimento a princípio desacreditado, mas que viria a abrir uma decisiva janela para a arte moderna. Tudo em Paris.

KEYSTONE/GETTY IMAGES



LIBERADA O povo comemora o fim da ocupação alemã, em 1944: triste capítulo

A primeira Olimpíada na cidade, em 1900, foi engolida pela Exposição Universal — o torneio dividia a atenção com um monte de estandes repletos de inovações e foi diluído em quatro meses, com a natação disputada em um Sena imundo. Mas foi aí que brotaram o metrô, o Grand e o Petit Palais, além da ornada Ponte Alexandre III, agora ponto de partida para o triatlo, a maratona aquática e o ciclismo de estrada. Nos Jogos de 1924, enquanto Paris ainda sentia o baque da Primeira Guerra, pôs de pé o conceito de Vila Olímpica e se deixava embalar pelos ventos dos Loucos Anos 20, período em que uma turma de americanos cruzou o Atlântico motivada pelos libertários ares franceses (*leia na matéria “O século olímpico”*). Ernest Hemingway, Scott

Fitzgerald e Henry Miller esbarravam nos cafés com Picasso, Matisse e tantos outros, em efervescentes encontros que fizeram frutificar grandes ideias e vanguardas. “Todo mundo queria estar em Paris para se beneficiar desse ecossistema”, diz Felipe Martinez, doutor em história da arte.

Mais tarde, a Champs-Élysées, onde os visitantes comem (caro) e fazem fila para entrar nas megalojas, testemunhou a traumática ocupação de Paris pelos nazistas, em 1940, e, quatro anos depois, a tão celebrada liberação das garras alemãs. A França saiu do conflito cheia de fissuras, já ultrapassada economicamente por Londres e vendo o eixo de poder e influência mover-se para Nova York. Ainda assim, não perdeu o vigor para inovar no pensamento. “Mesmo no declínio, os franceses sempre demonstraram capacidade para se reinventar, tendo produzido toda a filosofia do século XX”, diz Marcos Azambuja, ex-embaixador do Brasil na França. Ameaças de greve de servidores públicos, dor de cabeça no transporte e incertezas políticas pairam sobre os Jogos que se avizinham. Mas aí vale lembrar o lema da Cidade Luz: “Sacudida pelas ondas, não afunda”. A tirar pela maratona pré-olímpica, o que Paris quer mesmo é voar alto. ■

LEIA, A PARTIR DE QUINTA-FEIRA 25,
NO BLOG *PARIS É UMA FESTA*,
TUDO O QUE ACONTECE FORA
DAS ARENAS OLÍMPICAS.



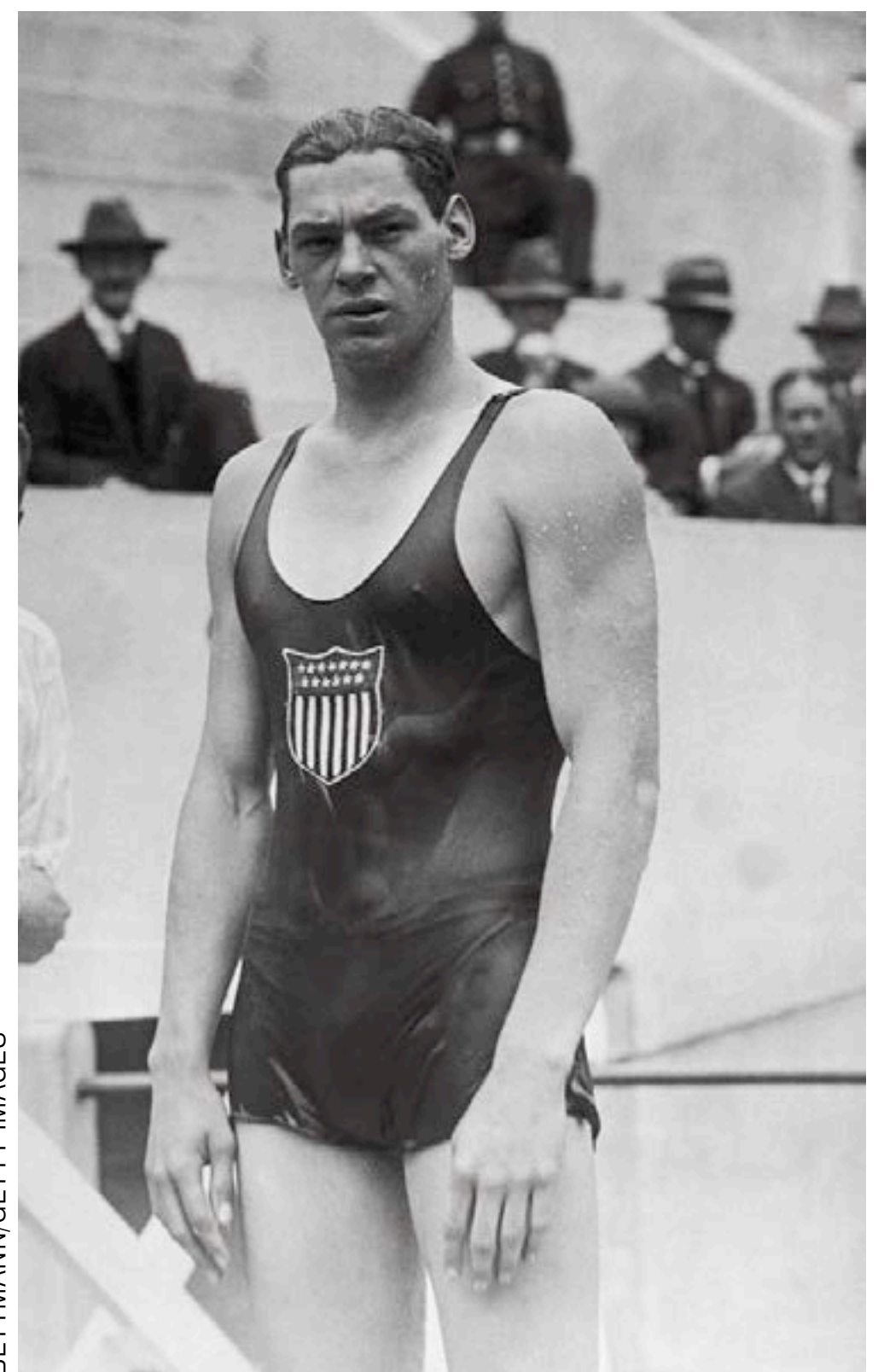
O SÉCULO OLÍMPICO

As incríveis coincidências entre os Jogos parisienses de 1924 e os de agora mostram como, na França, tudo muda para ficar sempre igual – e fascinante **FÁBIO ALTMAN**



PIONEIRISMO A singeleza do refeitório dos atletas: primeira vila olímpica

O PALAIS BOURBON, sede da Assembleia Nacional francesa, andava em polvorosa — até mesmo a figura pétrea de Napoleão a cavalo na batalha de Austerlitz, a emoldurar o frontispício do prédio de doze altivas colunas gregas, parecia incomodada. As eleições legislativas tinham levado ao semicírculo uma maioria de deputados de esquerda. Na marra, o presidente da República, atávico conservador, indicou um primeiro-ministro de direita, que não durou dois dias no cargo. A saída foi encontrar um nome nem tanto para cá, nem tanto para lá. O sol mal amanhecera na Place de la Concorde, ali onde está pousado o palácio e em 1879 havia uma guilhotina, e os parlamentares foram avisados de que o chefe de Estado renunciara — novas eleições presidenciais foram chamadas, e em seu lugar tomou assento, depois do voto popular, um sujeito à *droite*. Cabe um alerta, e que não se perca o fio da meada: não é a França de hoje, os personagens não são o premiê Gabriel Attal e o presidente Emmanuel Macron, tampouco Jordan Bardella, da extrema direita, ou Jean-Luc Mélenchon, da esquerda mais radical. Era junho de 1924, há exatos 100 anos. E para quem duvida da máxima de Karl Marx — “a história se repete, a primeira vez co-



BETTMANN/GETTY IMAGES

ESTRELA

O americano Johnny Weissmuller: o Tarzã dos cinemas

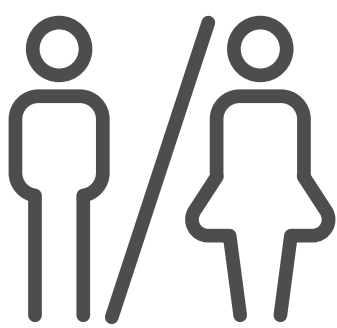
UM MUNDO DE DISTÂNCIA

As diferenças de dimensão entre os dois Jogos parisienses

1924



3089



ATLETAS

2 954 HOMENS
135 MULHERES



PAÍSES

44



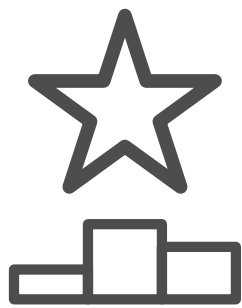
ESPORTES

17



EVENTOS COM MEDALHAS

126

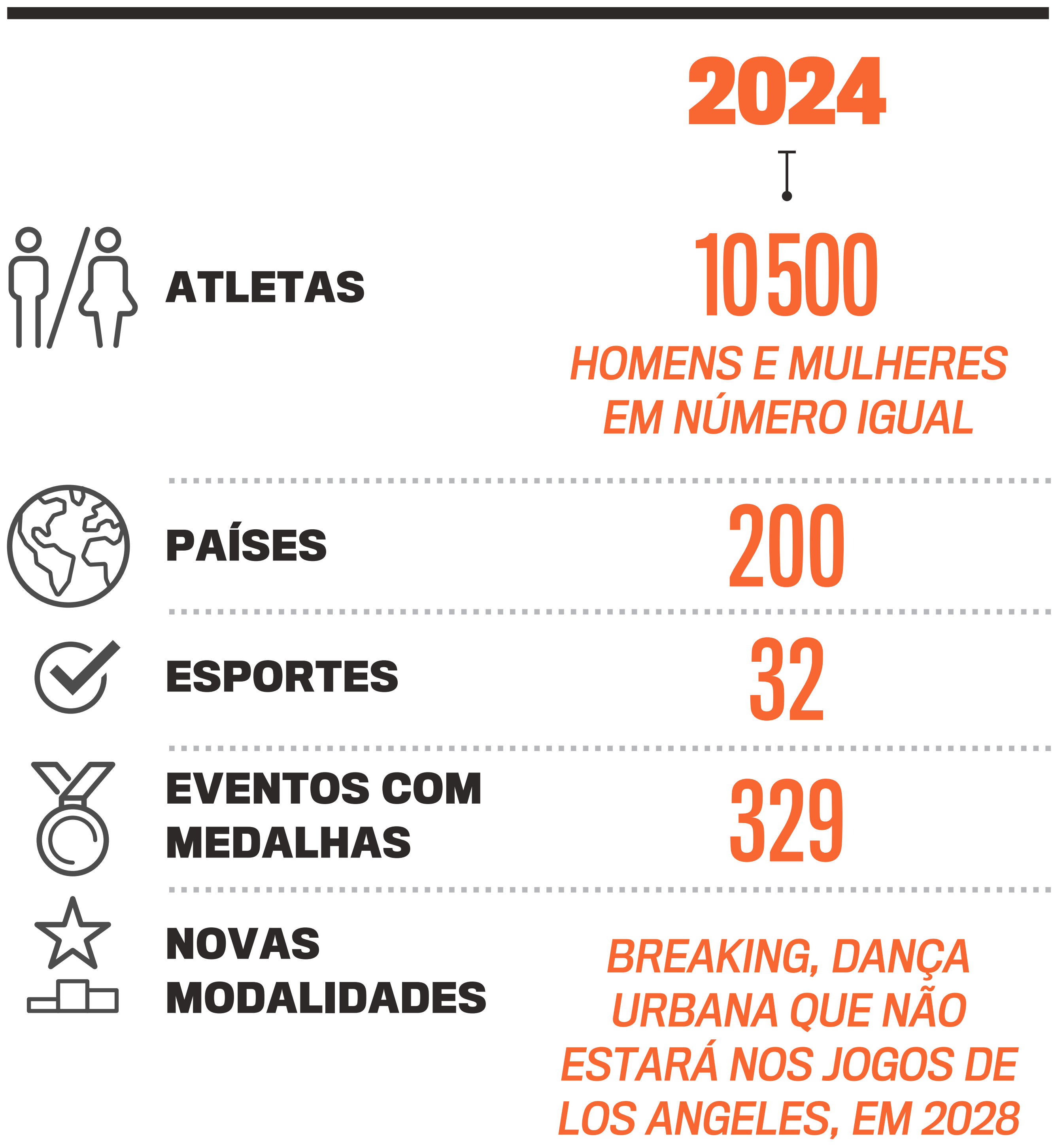


NOVAS MODALIDADES

PELOTA BASCA, BOXE FRANCÊS, CANOAGEM E CANNE DE COMBAT, UMA ARTE MARCIAL FRANCESA

mo tragédia e a segunda como farsa” — é bom pôr as barbas de molho. Alguma dúvida das coincidências? Naqueles dias de um século atrás, a cidade se preparava para abrigar a Olimpíada, a oitava da Era Moderna.

Pois é. Tudo igualzinho a 2024, sem tirar nem pôr — ou quase —, em analogia interessante demais para ser desdenhada. *Vive la France!* “Estaremos prontos para os Jogos?”, indaga-





FESTA Cerimônia de abertura: a pompa em Colombes

va na manchete o *Le Petit Journal*. “Um horror”, reclamava um cidadão ouvido pelo *La Patrie* a respeito da multiplicação exorbitante dos preços dos ingressos. Os donos de hotéis e restaurantes eram acusados de avareza, ao cobrar o impossível pela comida e por quartos minúsculos e calorentos, em um verão canicular. Temia-se o trânsito de carros e charretes. Os sindicatos de condutores de transportes públicos ameaçavam greve.

O torneio fora quase uma imposição de um certo barão Pierre de Coubertin, parisiense de nascimento. A cidade tinha abrigado a Olimpíada de 1900, mas esta fora ofuscada pela Exposição Universal. Na segunda chance, seria diferente, com a criação da primeira vila de atletas, um desfile de abertura grandioso no moderno estádio de Colombes e o despontar das primeiras estrelas brilhantes do esporte, a exemplo do nadador americano Johnny Weissmuller, o futuro Tarzã do cinema, e o extraordinário fundista finlandês Paavo Nurmi, que venceu as provas de 1 500 metros e 5 000 metros numa mesma tarde. Os uruguaaios do futebol venceram todas as cinco partidas — e, campeoníssimos, deram uma volta em torno do campo, que dali para a frente seria olímpica.

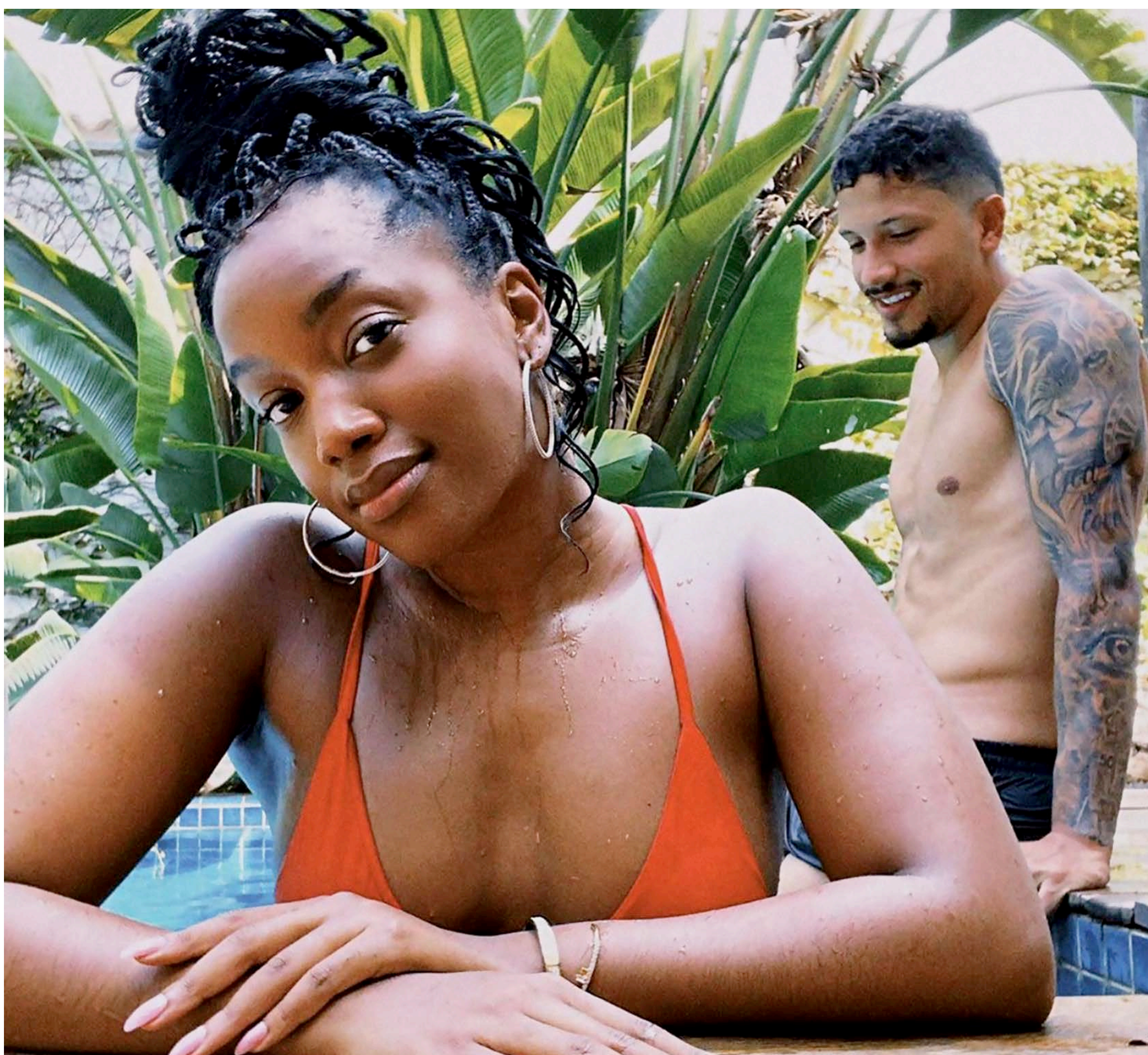
Tudo muito bonito e entusiasmante, não fosse a seriedade cartesiana da competição, um tanto apartada dos humores da Paris daquele tempo — não por acaso, muita gente pôs o pé na estrada naquele julho. Eram os “anos loucos”, como se diria depois. Tempo de hedonismo. De Ernest Hemingway e F.Scott Fitzgerald, de Picasso e Man Ray, de Henry Miller, da nudez provocante de Kiki de Montparnasse. O bairro de Montparnasse, aliás, recendia a “gasolina, café, álcool, suor, perfume, ambição, tabaco, poluição de cavalos e de motores, frivolidade, pólvora e sexo”, anotou um morador. Era toada que colidia com o conservadorismo retrógrado de Coubertin. O mundo precisava mudar e ele não queria. Para o cartola, ter mulheres numa Olimpíada era decisão “impraticável, desinteressante, inestética e, não hesitamos em acrescentar, incorreta”. Em 1924, foram 135 atletas do sexo feminino ante 2 954 homens. Agora, em Paris, um século depois, haverá igual quantidade delas e deles. Não há melhor exemplo da mudança de humores e de avanços, em 100 anos da aventura olímpica na cidade. Disse o escritor italiano Edmondo De Amicis, do final do século XIX: “Nunca vemos Paris pela primeira vez. Sempre a vemos de novo”. Por isso é fundamental beber do jazz de 1924 para entender os passos do breaking de 2024. ■

LEIA DURANTE A OLIMPÍADA O BLOG *100 LOUCOS ANOS*,
A COSTURA DOS JOGOS DE 1924 COM OS DE 2024



TRAÍDAS E PODEROSAS

Reviravolta na dinâmica da relação a dois: mulheres que se deparam com a infidelidade do parceiro, em vez de esconder e se culpar, contam tudo nas redes **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



INSTAGRAM @YURILIMA94

ELOGIOS Iza (ao fundo, Yuri): mensagens de apoio após anunciar em vídeo a traição e a separação



TEMA RECORRENTE de filmes e livros, a traição amorosa, sobretudo masculina, costuma ser o segredo mais conhecido do mundo: as pessoas em volta sabem, ou ficam sabendo, mas ninguém toca no assunto. Os dissabores da companheira enganada foram magistralmente dissecados em *A Mulher Desiludida*, conto em que a francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) narra a história da dona de casa Monique, que descobre um caso extraconjugal do marido. Mergulhada em dúvidas existenciais e sofrimento, ela se sente responsável por salvar o casamento e reconquistar o parceiro. Angústia, aceitação e culpa foram, durante muito tempo — e ainda são, na maioria das uniões —, o roteiro natural da reação feminina à pulada de cerca deles. Agora, contudo, impulsionada pela nova percepção de sua força e relevância, uma parte das mulheres, ao se defrontar com a infidelidade, está pondo a boca no trombone, denunciando a decepção aos quatro ventos — uma inversão de constrangimento alimentada pelos depoimentos de famosas traídas que não escondem sua revolta, em postura valente.

A mais recente explosão de sinceridade partiu da cantora Iza, 33 anos, grávida de seis meses, que, no início do mês, anunciou em suas redes sociais o fim do namoro com o jogador de futebol Yuri Lima. O motivo: deparou-se no celular com conversas virtuais entre ele e uma amante. Sem medo de se expor, a artista postou em vídeo: “Ele me traiu. Não acredito que eu estou falando isso. Mantinha



MAURICIO SANTANA/GETTY IMAGES

AO VIVO E EM CORES Luísa Sonza: namorado infiel exposto na TV

conversas com uma pessoa (*com quem*) já tinha ficado (...). Isso já é uma quebra de confiança muito grande”. A reação foi positiva e Iza se viu ovacionada, principalmente por mulheres que elogiaram sua firmeza. Antes dela, em setembro passado, outra cantora, Luísa Sonza, 25, tinha revelado em um programa ao vivo na TV que o então namorado, o influenciador Chico Moedas, 28, a havia traído em

um banheiro de bar. “É insuportável que a traição, a quebra de combinado, respeito, confiança, zelo e cuidado, continue sendo normalizada (...). Eu vou viver o amor, só não vai ser com você”, cravou. Semanas depois, foi a vez de Preta Gil, 49, desabafar nas redes sobre ter sido abandonada e traída durante sete meses pelo marido Rodrigo Godoy, 35, com quem foi casada por nove anos, enquanto tratava um câncer. “Logo que acontece você fica se questionando: ‘Meu Deus, o que aconteceu? O que deu errado?’ (...). Faço questão de falar isso porque é a realidade de várias mulheres do Brasil”, afirmou na época.

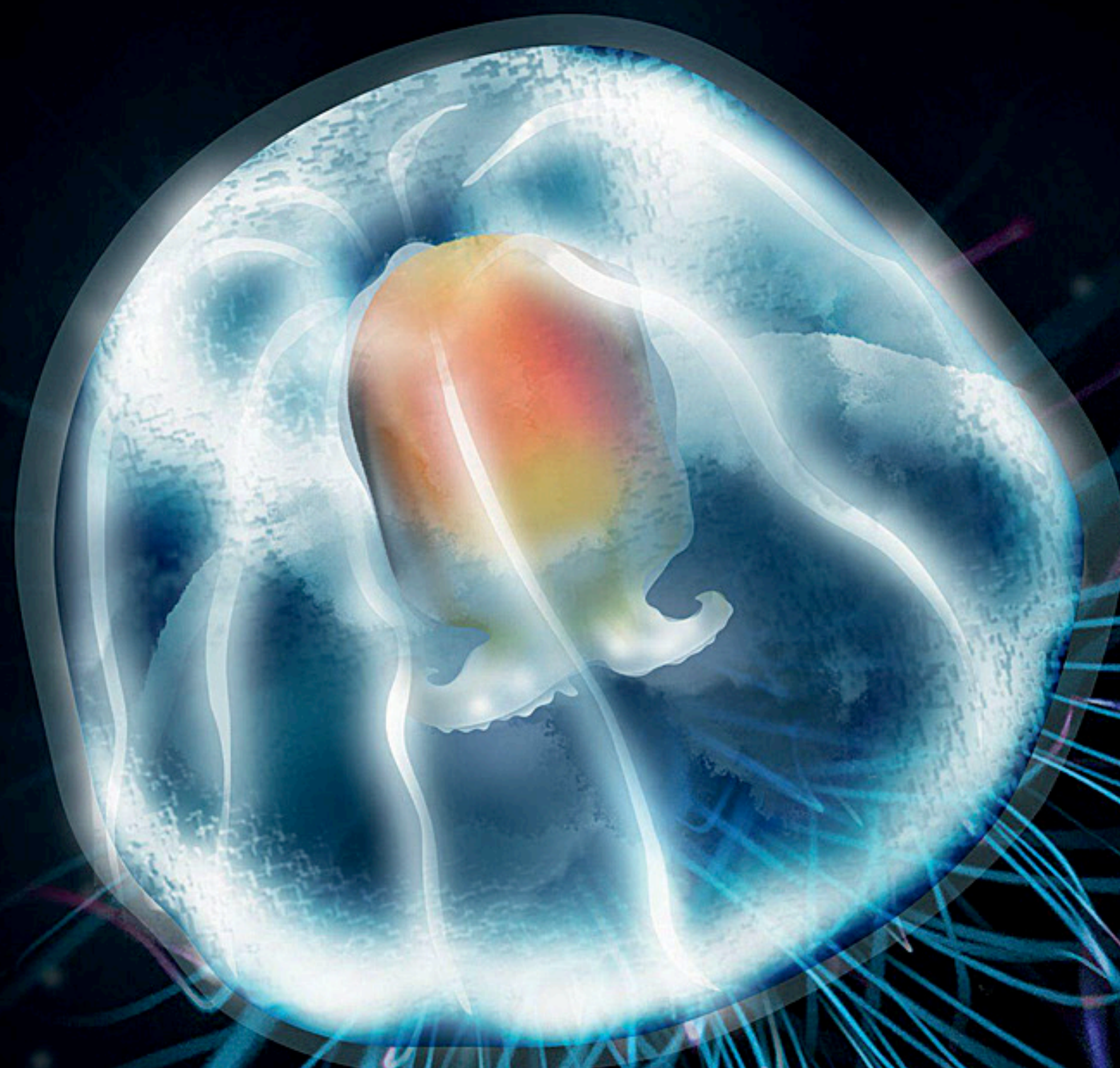
Fora do Brasil, Shakira e Taylor Swift expuseram situações de infidelidade em suas músicas, enquanto a atriz Natalie Portman, mais sutilmente, comentou a dor da separação, pelo mesmo motivo, do marido há onze anos, o coreógrafo francês Benjamin Millepied. A precursora, nesse departamento, foi uma das mais conhecidas traídas, Diana, mulher do então príncipe Charles: em entrevista em meio ao drama da separação, pronunciou a célebre frase: “Somos três neste casamento”. São, todas elas, seres humanos, demasiadamente humanos, que derrubam uma dinâmica amorosa construída há milênios, na qual o homem tem liberdade para ter outras parceiras enquanto a mulher deve jurar exclusividade. “A distinção se consolidou com a criação da propriedade privada. Eles precisavam ter certeza da paternidade para garantir herança aos filhos, e a monogamia passou a ser uma exigência para elas”, diz a psicanalista Regina Navarro Lins.

O crescimento exponencial das redes sociais turbinou essa situação, abrindo um leque de possibilidades de traição (não só para eles, aliás): flertes por mensagem, *likes* com segundas intenções e até sexo virtual são novas formas de aprontar. Em contrapartida, a internet também facilita a exposição dos traidores e cria uma rede de apoio para a vítima, como aconteceu no caso de Iza. “Vocês me fazem forte mesmo quando eu não preciso ser. Obrigada por tantas mensagens, flores, textos, diálogos, vídeos e desabafos. Podem ter certeza de que realmente estou me sentindo abraçada”, disse a carioca. “É novidade falar abertamente sobre o assunto. Quando ela torna pública a traição, sai do lugar de recatada e do lar, que aceita tudo, e passa a responder à altura”, afirma o sociólogo Fabio Matos, da Universidade Federal do Piauí.

Apesar dos avanços, sair de relacionamentos em que há quebra de confiança nem sempre é fácil. “A gente cresce ouvindo que o homem procura na rua o que não tem em casa. Por isso, a mulher sente que precisa se esforçar mais”, ressalta a psicóloga Marta Souza. “Ela precisa estar com a saúde mental em dia para não tentar justificar o erro do parceiro e perceber que não merece aquela situação”, completa. Ao adicionar a seu cardápio de relações domésticas altas doses de autoestima e independência, as mulheres trocam a condição de coitadinhas pela de donas de seu destino. É um avanço e tanto, muito bem-vindo. ■

LIÇÕES ANIMAIS

Se a humanidade quiser viver mais tempo, deve aprender com a natureza. É o que expõe um novo livro repleto de criaturas que impressionam por sua resiliência e longevidade **DIOGO SPONCHIATO**



MEDUSA IMORTAL

A água-viva *Turritopsis*:
poder de rejuvenescer
ao estágio de pólipos para
se livrar de ameaças

QUEM ALIMENTA a ideia de criar um elixir da longa vida — sonho que acompanha a humanidade desde que ela se entende por gente — precisa mergulhar nos mares gelados do Hemisfério Norte ou escavar o solo da África Oriental. É nesses ambientes que moram dois animais dotados de um feitiço do tempo biológico. Esbanjam anos e anos em sua biografia e resiliência diante de doenças. Não por acaso, o tubarão-da-groenlândia e o rato-toupeira-pelado são alguns dos protagonistas do recém-publicado *As Águas-Vivas Envelhecem ao Contrário* (Editora Rocco), do cientista dinamarquês Nicklas Brendborg. A obra faz um tour pela natureza para colher descobertas e inspirações sobre a longevidade, oferecendo ensinamentos que poderão ajudar nossa espécie a prolongar sua expectativa de vida, seja por meio de novos hábitos, seja por meio de ferramentas da medicina.

As águas-vivas que estampam o título são um tipo conhecido popularmente como “medusa imortal”. Pequeninas, as *Turritopsis* nadam pelos oceanos ostentando um superpoder — o “prêmio de maior truque de envelhecimento”, segundo Brendborg. Se elas se sentem ameaçadas, realizam um *reset* e rejuvenescem ao estágio de pólipos. “Esse estado é semelhante ao de uma borboleta voltando a ser lagarta, ou a você quando tem um dia estressante no trabalho e decide voltar ao jardim de infância”, compara o autor. Seria uma criatura realmente imortal? Bem, só até um predador devorá-la.

Mas as lições promissoras para o ser humano vêm de bichos mais próximos da gente na história evolutiva. Com

mais de 6 metros de comprimento, o tubarão-da-groenlândia parece viver em regime de hibernação ou câmera lenta — seu nome científico (*Somniosus microcephalus*) evoca um “sonâmbulo de cérebro minúsculo”. Especialistas estimam que alguns exemplares passam dos 400 anos, coroando-os como os vertebrados mais longevos da Terra. Podem flunar com eles as baleias-da-groenlândia, os mamíferos mais velhos do planeta, superando duas centenas de anos de vida. Esses animais exemplificam um fenômeno comum na natureza: os seres de maior tamanho tendem a encarar mais anos pela frente. No entanto, por uma lei ainda mal com-

REPRODUÇÃO



PROEZAS

Tubarão-da-groenlândia
e rato-toupeira-pelado:
campeões em longevidade

ISTOCKPHOTO/GETTY IMAGES

preendida, quando focamos numa espécie em si — os cães, por exemplo —, as raças menores invertem a regra e deixam os grandes para trás.

Os tubarões e baleias dos mares frios têm uma capacidade fisiológica de lidar com um processo absolutamente normal, porém limitante: a senescência das células. Em algum momento de nossa existência, as unidades que formam o organismo passam a se degenerar, criando problemas para o corpo que vão da liberação de substâncias indesejadas à formação de tumores. E é aí que deparamos com o rato-toupeira-pelado, um bicho esquisito que habita tocas e, pelos padrões de roedores pequenos — um adulto pesa 35 gramas —, chega a incríveis 30 anos, deixando “parentes” como camundongos, com seus máximos 4 anos, vendo velas de aniversário. Esses animais são estudados há décadas, sobretudo por se resguardarem do câncer. “Eles são praticamente imunes à doença, mesmo quando tentam induzi-la de forma artificial”, afirma Brendborg, fazendo referência aos experimen-



AS ÁGUAS-VIVAS ENVELHECEM AO CONTRÁRIO,

de Nicklas Brendborg

(tradução de Tiago

Lyra; Editora Rocco;

272 págs.; 69,90 reais e

34,90 reais em e-book)



LAÇOS SOCIAIS Comprovado em bichos... e humanos: segredo da vida longa

tos de laboratório. Cientistas investigam de que maneira suas células se blindam de tumores — e como esse trunfo poderá se converter no futuro em medicamentos capazes de esticar a vida de outras espécies, como a nossa.

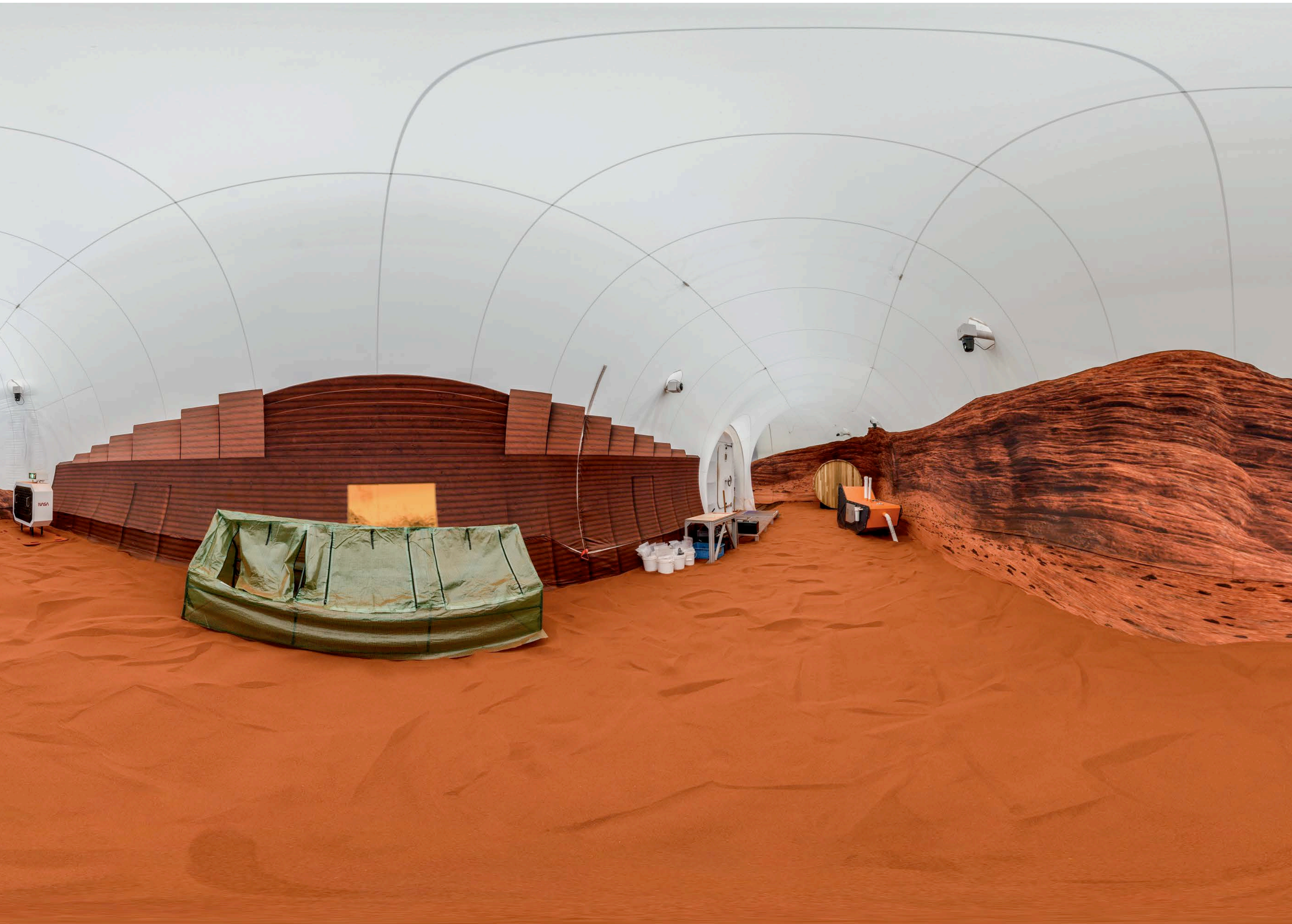
A habilidade de pausar o tempo biológico e escapar de suas armadilhas está ligada a algumas circunstâncias que

compartilhamos com outros animais. Uma delas é a formação do que o autor dinamarquês chama de “células zumbis”, unidades que, em vez de serem descartadas, perambulam e causam confusão pelo organismo. A outra é o encurtamento dos telômeros, os pezinhos dos cromossomos onde está empacotado nosso DNA. O grande desafio é conseguir, de uma forma segura e eficiente, intervir nesses alvos e moldá-los. Um jeito de obter esses efeitos já conhecemos de cor: é não fumar, abandonar o sedentarismo, comer com equilíbrio...

Na verdade, o envelhecimento saudável depende de uma combinação entre a influência dos genes e o impacto dos hábitos. Pesquisas recentes do Centro de Estudos do Genoma Humano da USP sugerem que o estilo de vida é um fator ainda mais imponente para atingir a casa dos 80, mas os centenários parecem guardar no DNA segredos para ir mais longe. Se por um lado não dá para mudar esse destino — pelo menos ainda—, por outro nunca é tarde para transformar a rotina. E, nesse sentido, Brendborg diz que os estudos com babuínos e também com humanos deixam uma lição: fugir da solidão e forjar laços sociais são alguns dos ingredientes do elixir da longa vida. ■

O FUTURO POSSÍVEL

Em ambiente que simula superfície de Marte, astronautas da Nasa testaram condições para explorar o planeta em segurança daqui a duas décadas **LUIZ PAULO DE SOUZA**



ESPELHO Simulação do ambiente marciano: tentativa de antever as dificuldades



NA PRIMEIRA metade do século XIX, antes da era espacial, reputados cientistas popularizaram a ideia da existência de canais em Marte, sugerindo a presença de água e até de vida inteligente no planeta. E por que não? Os possíveis seres extraterrestres eram chamados de marcianos. Não demorou para que o engano geológico fosse percebido, já que as linhas escuras observadas eram apenas reflexos de imperfeições das lentes do telescópio. A possibilidade, porém, virou semente na imaginação de escritores como H.G. Wells, de *A Guerra dos Mundos*, e posteriormente de agências espaciais empenhadas em desbravar o nosso vizinho de sistema solar. Marte, depois da Lua, é natural, virou ímã de interesse da humanidade.

Em preparação para as primeiras viagens, planejadas para a década de 2030, a Nasa acaba de encerrar a fase inicial de um experimento que durou exatos 378 dias, com o intuito de simular uma missão humana naquelas bandas do cosmo. Durante esse tempo, quatro astronautas — a comandante Kelly Haston, o engenheiro Ross Brockwell, o médico Nathan Jones e a microbiologista Anca Selariu — fizeram parte do projeto Chapea (sigla em inglês para Análogo de Exploração de Saúde e Desempenho da Tripulação) e enfrentaram os desafios de uma missão tripulada no planeta vermelho — só que aqui mesmo, na Terra. Isolados em uma casa de 150 metros quadrados no Centro Espacial Johnson, em Houston, eles foram meticulosamente monitorados ao longo do teste. Entre distancia-



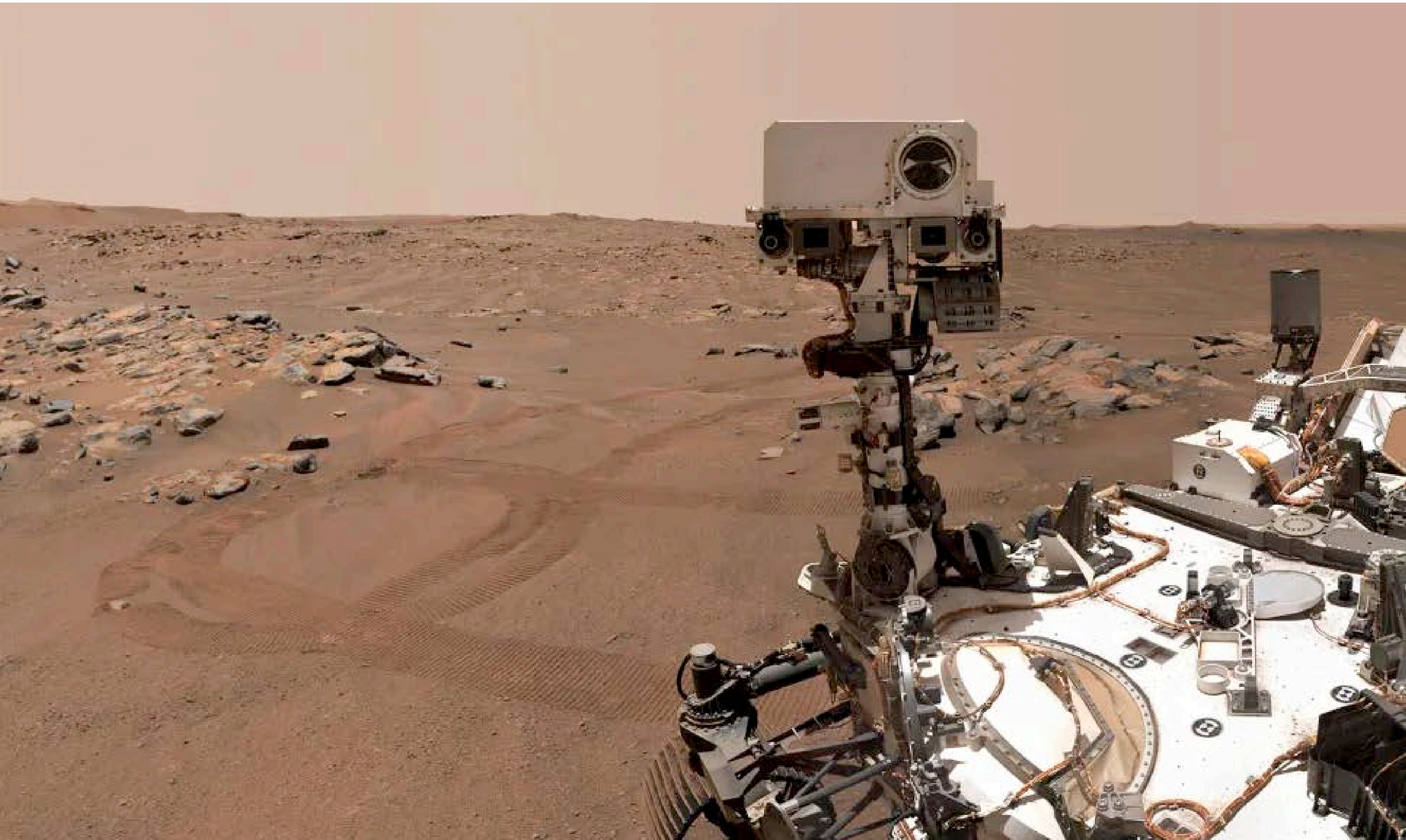
JOSH VALCARCEL/NASA

EX-ISOLADOS A trupe “de volta”: Selariu (à esq.), Brockwell, Haston e Jones

mento social, suprimentos limitados, silêncios de comunicação com a base e o desafio de semear a própria comida, o principal objetivo dessa etapa inaugural foi investigar como a alimentação restrita afetaria o desempenho dos tripulantes. “Devemos utilizar os recursos na mesma velocidade em que eles se renovam e produzir resíduos na mesma velocidade em que podem ser transformados em novos recursos”, disse Brockwell ao deixar a casa.

O desenvolvimento de tecnologias que permitam a plantação de nutrientes no terreno inóspito de Marte é uma das grandes ambições dos cientistas — aliás, a Em-

NASA



ROBÔ O Perseverance: descobertas abrem caminho para futura exploração

presa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em parceria com a Agência Espacial Brasileira, dedica-se ao tema com afinco e respeito entre seus pares internacionais. “O transporte de 1 quilo de carga para Marte custaria em torno de 1 milhão de dólares”, diz Douglas Galante, astrônomo do Núcleo de Pesquisa em Astrobiologia da Universidade de São Paulo (USP). “Seria inviável, portanto, levar alimento suficiente para um ano.”

Como a tripulação não queria só comida, mas também rir, chorar e viver, um outro capítulo fundamental foi o do estudo comportamental. No passado, projetos seme-

lhantes foram interrompidos por conflitos entre os participantes. Saber como se relacionam os seres humanos, enfim, é vital. Se um dia chegarmos lá, apenas as viagens, de ida e de volta, consumiriam cerca de nove meses cada — sem direito a fugir para espairecer. Portanto, é essencial entender como diferentes perfis respondem a tamanho estresse.

Nos próximos três anos, duas outras etapas do Chapea serão realizadas no mesmo centro para avaliar outros aspectos da missão e revelar dificuldades ainda não contempladas. Enquanto isso, outros esforços estão em andamento. Nasa e SpaceX, por exemplo, trabalham para projetar os foguetes mais poderosos já construídos, ao mesmo tempo que robôs como o Perseverance pesquisam recursos no solo de lá. Cientistas de vários países desenvolvem tecnologias de reciclagem de ar, proteção contra radiação, produção eficiente de combustíveis, purificação de água e aproveitamento de rejeitos humanos.

O sonho é rubro, pôr os pés na vermelhidão, como há mais de cinquenta anos a ambição era lunar, mas é tudo atalho para melhorar a vida na Terra. Convém não esquecer os desafios que temos por aqui — entre fome, violência e mudanças climáticas. Anca Selariu, uma das duas mulheres da trupe isolada na simulação, resumiu a beleza da ideia. “Por que ir para Marte?”, indagou, ao deixar o confinamento. “Porque é possível. Porque o espaço pode nos unir e trazer o que temos de melhor.” Partiu Marte. ■





MINHA FILHA INTENSIFICOU TUDO

O apresentador Pedro Andrade, 45 anos, fala da emoção de ter Isabel, nascida de barriga de aluguel



A VONTADE DE SER PAI antecede quase tudo na minha vida. Antes mesmo de escolher a profissão, entender minha orientação sexual ou me mudar para Nova York, tinha esse plano. Lembro que na primeira vez que saí com meu marido — o americano Benjamin Parker Thigpen —, há dezesseis anos, o assunto surgiu no jantar. Ele compartilhava do mesmo desejo. Só que para um casal gay não existe gravidez acidental, é preciso muito planejamento. Como estávamos sempre ocupados e viajando, adiávamos o projeto. Na época em que participava do *Manhattan Connection* e fazia o *Pedro pelo Mundo* (GNT), passava até 250 dias no ano fora de casa. Inúmeros homens têm filhos aos 60, 80 anos, mas, na minha matemática particular, queria antes. Há três anos decidimos que era hora. Minha filha, Isabel, nasceu de uma barriga de aluguel no dia 26 de janeiro, no Havaí.

A opção pelo processo ganhou ainda mais força quando gravei um programa sobre o tema. Pude conhecer agências, entrevistar mulheres que gestaram filhos assim e ajudar a desmistificar o preconceito. Embora a prática seja proibida em vários países (no Brasil, é autorizada se a barriga solidária tiver parentesco com um dos parceiros), nos Estados Unidos é legal e segue leis draconianas. Para carregar no útero o bebê de outra família, a candidata precisa passar por três avaliações psicológicas, estar trabalhando e ter tido, no mínimo, duas gestações. No acordo firmado, é definido como será o acompanhamento da gravidez e se manterão contato após o nascimento. É uma jornada emocionante, cheia de etapas, cara — de 50 000 a 250 000 dólares —, mas que compensa cada centavo.

Quem trouxe a Isabel ao mundo foi Whitney Caskey, uma veterinária havaiana de 34 anos, casada, dois filhos, uma pessoa que quero ter por perto pelo resto da vida. Na gestação, acompanhamos todos os ultrassons e nos aproximamos. É uma mulher forte, inspiradora e de uma generosidade ímpar. Como a Whitney relatou em uma série que estamos gravando para a Max sobre estruturas familiares pelo mundo, ela é movida por um poder emocional. Sente-se recompensada só de saber que se tornou fundamental para transformar a vida de outras pessoas. E, por mais que alguns estranhem, tem o apoio incondicional da família. Na hora do parto, estávamos o Ben, o marido dela e eu. Todos tomados por uma emoção enorme. Meu olho enche d'água só de lembrar.

Por mais que tenha lido, ouvido podcasts e conversado com pessoas, nada se compara àquele momento. Ali tive a certeza de que tudo que fiz até aqui me preparou para ser pai. A Isabel intensificou tudo na minha vida. Os momentos alegres viraram explosões de felicidade e as micropreocupações, ataques de pânico. Dois dias depois de chegar em casa, corremos para o pediatra porque ela, na minha cabeça, dormia demais. Hoje acho graça, mas estávamos preocupados. Ela não tinha nada, apenas era o sono normal de uma recém-nascida. Como nós não temos ninguém da família por perto, no início contamos com uma babá em tempo integral e hoje temos uma pessoa que nos ajuda durante o dia.

Sei que ter uma filha gestada assim gera curiosidade. A imagem que as pessoas têm de que a mulher pode querer ficar com a criança é fruto de desinformação. Em solo americano, é impossível: quem participa não tem ligação genética com o bebê. Nós recorremos a um banco de óvulos para a fertilização *in vitro*, com sêmen do Ben e meu, e a intenção era ter gêmeos. Só um embrião vingou. Sabemos de quem é o material biológico, mas, por enquanto, não temos a intenção de revelar. Existe uma ideia absurda de que um é mais ou menos pai por isso, mas, para nós, é nossa filha e ponto. Estamos completamente realizados com a Isabel, mas planejamos ter mais filhos. Com a ajuda de outra barriga de aluguel, com certeza. ■

Depoimento a Sofia Cerqueira

TESTE DE RESISTÊNCIA

Os populares eventos de Endurance, em que o desempenho e a durabilidade dos carros são postos à prova, servem de laboratório para novas tecnologias **ANDRÉ SOLLITTO**



RETORNO As 6 Horas de São Paulo: evento voltou depois de dez anos de interrupção

NO AUTOMOBILISMO, é adequado valorizar não apenas o talento individual dos pilotos que desafiam os limites das máquinas nas pistas, mas também o trabalho de equipe. Além de quem está atrás do volante, há os projetistas dos carros, os líderes dos times e todos que atuam nos boxes, trabalhando velozmente para não desperdiçar um segundo que seja. Em nenhuma outra categoria essa união é tão clara quanto no Endurance. O nome faz referência às provas que testam os limites de resistência dos veículos, dos condutores, que se revezam, e dos técnicos, que precisam manter tudo funcionando. A mais conhecida disputa dessa família, as 24 Horas de Le Mans, acontece anualmente na França desde 1923. Mas há outras corridas relevantes, como as 6 Horas de São Paulo, de volta à capital paulista na semana passada, depois de dez anos. É um evento esportivo, sem dúvida, mas serve de campo de testes para avanços na tecnologia, depois incorporados aos carros de passeio dirigidos diariamente.

A história da aventura é longa. Há registros de disputas realizadas desde o início do século passado. Algumas eram feitas até com o charme de travessias transatlânticas, como a viagem de Nova York até Paris em 1908. O trajeto seguia pelos Estados Unidos, em direção ao Alasca, e incluía um trecho de navio pelo Estreito de Bering, até chegar à Sibéria e, dali, seguir por terra até a França. Apenas três dos seis veículos competidores conseguiram terminar a jornada. Outras baterias, disputadas em circuitos fechados, também remontam a mais de 100 anos. O

Brasil tem tradição na organização de corridas similares, como as Mil Milhas, criada em 1956. Hoje, além de São Paulo e Le Mans, o calendário oficial do World Endurance Championship (WEC), o campeonato mundial da categoria, inclui bandeiradas nos Estados Unidos, Catar, Itália, Bélgica, Japão e Bahrein.

O modo mais interessante de acompanhá-las é entender como as soluções criadas para aumentar a eficiência e a resistência dos veículos foram usadas pelo comum dos mortais. A injeção direta de combustível, por exemplo, invenção da Mercedes em 1955 para seu modelo 300 SL, valentão do Endurance, hoje é norma. Os onipresentes freios a disco também apareceram primeiro em Le Mans, em 1953, equipando carros da Jaguar. Os motores turbo, quase inevitáveis em boa parte dos modelos de hoje, surgiram nos intermináveis giros em autódromos e estradas em meados da década de 1970, filhos de modelos invocados da Porsche.

Hoje, a categoria dos hipercarros ajuda a impulsionar ainda mais a tecnologia. Vistos de fora, parecem absolutamente distantes da realidade das ruas, com um design esportivo e aerodinâmico. Mas são fundamentais, especialmente na era da eletrificação. “Eles são híbridos, o que é diferente da Fórmula 1”, diz a CEO da Peugeot, Linda Jackson, que esteve no Brasil para acompanhar o desempenho da equipe (*leia mais no quadro*). “Usamos os hipercarros como um laboratório de inovações que serão implementadas na linha de produção”, afirma. A empresa francesa não é a única

KEYSTONE-FRANCE/GAMMA-KEYSTONE/GETTY IMAGES



MÍTICO As 24 Horas de Le Mans: realizada anualmente desde 1923

interessada em explorar o potencial desse tipo de competição. Há catorze montadoras inscritas, da alemã Porsche e da italiana Lamborghini à americana Cadillac e à japonesa Toyota. Os fãs agradecem a chance de ver o confronto global de perto. Em São Paulo, o público passou de 75 000 pessoas, nos três dias de evento. As 24 Horas de Le Mans atraem mais de 250 000 entusiastas. Para além da velocidade e da tensão, é fundamental entender que o aprimoramento da segurança e do desempenho de veículos do dia a dia passa pelo ronco e pelo suor do Endurance. ■

JULIEN DELFOSSE/DPPI/ALAMY/FOTOARENA



DE PERTO Jackson, da Peugeot:
visita aos boxes em São Paulo

“O FUTURO É ELÉTRICO”

Em visita ao Brasil, a CEO global da Peugeot, Linda Jackson, falou sobre como a empresa testa tecnologias nos carros e como vê o mercado de carros híbridos e os de tomada nos próximos anos.

Como tecnologias usadas nos hipercarros são adaptadas para a linha de produção? Nesses carros, por exemplo, temos uma bateria de 9 volts com um sistema de recarregamento muito rápido. Não digo que teremos baterias assim em carros de passeio, mas o dispositivo de recarga pode ser adaptado. No nosso modelo, usamos ainda um bioetanol que pode ter um papel relevante em um mercado como o brasileiro.

Por que a Peugeot decidiu retornar às provas de Endurance? Temos uma longa história no esporte e vencemos em algumas ocasiões. Depois da Fórmula 1, é a categoria mais popular. Além disso, por ter carros híbridos, faz sentido como um laboratório de tecnologias.

Há impacto direto nas vendas após um evento como Le Mans ou São Paulo? Fazemos eventos e promoções na mesma época, então temos picos de venda. Mas não posso dizer que é só por causa da competição.

O que atrai os fãs nesse tipo de evento? Muitas coisas. Talvez em toda a história do WEC, o campeonato mundial de Endurance, a disputa nunca foi tão parelha, e isso significa que tudo pode acontecer e qualquer um pode sair vencedor. É um evento familiar. E quem tem prazer em dirigir gosta de ver carros sendo guiados impecavelmente.

Como vê o futuro da eletrificação da frota? Cada lugar está em um estágio diferente. Na Europa, os elétricos dominam o mercado. Na América do Sul, o momento é dos híbridos. O objetivo é a eletrificação total, mas isso depende de muitos fatores, como a infraestrutura e a procura.

BONEQUINHAS DE LUXO

Cada vez mais diversas e elegantes, as *fashion dolls* ganham espaço e movimentam o mercado de ávidos colecionadores, que pagam caro (muito caro) pela exclusividade **SIMONE BLANES**



É COISA SÉRIA. Criadas para serem vestidas de acordo com as tendências de estilo que brotam das passarelas, das ruas e das telas do cinema e do streaming, as *fashion dolls* — as bonecas de moda — ganharam renovado fôlego. Elas sempre exerceram fascínio, mas nos últimos anos, dada a variedade de modelos, de gêneros e etnias, deram um salto. Luxuosas, reproduzem grifes de renome, que não raro incentivam a produção das roupinhas. Vive-se o apogeu da brincadeira de gente pequena adorada pelos grandões. A estatística ajuda a iluminar o fenômeno: as vendas desse segmento refinado aumentaram 25% em 2023. Representam, hoje, 42% de um mercado global, o de figuras que reproduzem seres humanos, de 10 bilhões de dólares. Mas,

ESTILOSAS

Barbie de Yves Saint Laurent (à esq.) e Integrity Toys: brincadeira de crianças e adultos



afinal, qual o segredo da magia que atravessa gerações? Colecionadores as apreciam não apenas pela beleza, mas também pela raridade, exclusividade e valor artístico e histórico, como se fossem pequenas obras de arte — e muitas são mesmo.

A febre cresce em progressão geométrica desde o remoto 1959, quando a americana Ruth Handler criou a icônica Barbie, para permitir que sua filha Barbara pudesse de fato trocar as roupas da boneca, aperfeiçoando o que ela já fazia de modo simbólico com brinquedos de papel. A roda nunca mais parou de girar. Recentemente, atrelada ao sucesso do blockbuster estrelado por Margot Robbie, ganhou tração. Foi a senha para que não apenas a mocinha inicialmente loira da fabricante Mattel acelerasse a procura por peças de coleção — outras marcas pegaram carona, como a Integrity Toys e a Mizi, além das franquias de princesas da Disney, a Monster High e — sim! — a brasileira Susi, relançada pela Estrela. E dá-lhe o desfile de edições especiais com etiquetas Christian Dior, Chanel, Versace, Givenchy, Carolina Herrera e Giorgio Armani. No Brasil, Alexandre Herchcovitch e Glória Coelho cederam os traços de suas criações.

Um truque para mantê-las sempre na ribalta é beber de Hollywood, coladas a nomes como Cher, Jennifer Lopez ou Barbra Streisand, colecionadora assumida. Outro caminho é descer a minúcias, como duas linhas da Integrity Toys, a Fashion Royalty e a Poppy Parker, que im-

pressionam pelo artesanato, com rostos pintados a mão e formas realistas.

Se houvesse alguma dúvida da relevância econômica da onda, um atalho é o extraordinário resultado do leilão de uma boneca customizada pelo designer de joias australiano Stefano Canturi, vendida pela Christie's de Nova York por 302 000 dólares, o equivalente a 1,7 milhão de reais, recorde dos recordes. “A exclusividade faz das peças itens valiosíssimos”, diz Luiz Schmit, fundador da Doll Collector, site dedicado a colecionadores. Servem também como registro de passagem dos anos, como se fossem fósseis de um tempo passado, em exercício de nostalgia. E moda, reafirme-se, é história, um modo arqueológico e lúdico de conhecimento, de investigação de maquiagens, expressões e posturas que já não existem no mundo real. “Por isso tudo, esse tipo de colecionismo pode ser bastante saudável”, diz Danielle Admoni, psiquiatra e pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

A diversão com bonecas, enfim, pode ser uma experiência rica e valiosa que contribui para o desenvolvimento integral das crianças e pode trazer benefícios (e muito dinheiro) para os adultos. A atriz e modelo britânica Twiggy, símbolo charmoso dos anos 1960, disse ter se inspirado em uma de suas bonecas para trabalhar os cílios grandes tanto na parte de baixo quanto na parte de cima dos olhos. E vale o chavão... a arte imita a vida, e vice-versa. ■

**LUCILIA DINIZ**

FLANAR EM PARIS

Na cidade olímpica, caminhar
é quase um esporte amador

EM POUCOS DIAS, todos os olhos estarão voltados para a Olimpíada de Paris. Também eu vou dirigir meu interesse ao evento. Afinal, ele une dois aspectos que me são muito caros. De um lado, o apreço pela atividade física; de outro, a admiração pela Cidade Luz. Nada traduziria melhor a ideia de “mente sã em corpo sã”.

Jogos à parte, Paris vem fazendo um esforço para se tornar mais verde e saudável, e uma de suas metas mais ambiciosas é diminuir a dependência do automóvel. Recentemente, uma pesquisa atestou o resultado: os habitantes da cidade usam hoje mais a bicicleta do que o carro. Autoridades comemoraram destacando a boa coincidência com a proximidade do evento esportivo.

Apesar de ser muito positivo que só pouco mais de 4% dos parisienses prefiram o carro, foi outro dado que me chamou a atenção na pesquisa, encomendada por um consórcio de empresas públicas e privadas: mais da metade da população escolhe se deslocar a pé! Prova, mais uma vez, de que os franceses sabem honrar uma tradição.



Em Paris, andar é um esporte amador que todos praticam. E tinha mesmo de ser, pois foi lá que o “flanar”, o hábito de vagar ao acaso por caminhos não planejados, foi inventado. Essa coisa de “zanzar por aí” decorreu da intensa modificação urbana sob Napoleão III. Antes disso, Paris era bem diferente. O século XIX já ia pela segunda metade, mas a região central tinha contornos medievais, marcada por vielas tortas e malcheirosas. Das obras comandadas pelo Barão Haussmann, nasceram espaços arejados: jardins, parques e os famosos bulevares.

As novas avenidas tinham a medida certa para acomodar a multidão, no meio da qual o artista moderno buscava refúgio, segundo Baudelaire. Foi o poeta quem sacramentou na cultura ocidental a figura do *flâneur*, esse andarilho sem destino.

**“Além da flânerie,
há outra tradição
parisiense a zelar:
a do bem viver,
mas sempre
com moderação”**

Tudo convida ao passeio. As calçadas bem desenhadas, pontuadas por comércios tradicionais e cafés com terraço, coroadas por edifícios ordenados. A surpresa com os sutis tons de verde-acinzentado do Sena, surgindo após voltas sinuosas por vielas desconhecidas. Paris se orgulha de ter inventado, a partir do traçado urbano, uma forma de viver que valoriza a rua. Daí o apreço dos habitantes pelo desfilar cotidiano em suas vias. Hoje, a cidade se reinventa mais uma vez. Quando Paris ganhou as feições que conhecemos, havia uma preocupação, de um lado, sanitária — para conter epidemias — e, de outro, política — as vias tortas e calçadas com pedras tinham sido fechadas em barricadas durante revoltas anteriores.

Já os planos atuais miram conter a mudança climática. A arborização, que já havia sido incentivada no século XIX, vem se intensificando. E, além de novas ciclovias, ruas para pedestres têm sido implantadas, o que só deve reforçar as características que há 200 anos fazem de Paris a cidade caminhável por excelência. Claro que, em se tratando da França e, particularmente, de sua capital, além da *flânerie* há outra tradição a zelar: a do bem viver. Entre tantas particularidades marcantes da cultura local, está a de não se negar prazeres, com moderação. Percorrer, sim, quilômetros a pé, mas terminar o passeio com um aperitivo, sem culpa. Manter o corpo e a mente sãos atravessando ruas bem cuidadas é o que se pode esperar da Paris reinaugurada. ■

SABOR DE MEMÓRIA

Os tradicionais livros de receita deixaram de ser apenas práticos apanhados de dicas e ingredientes para se tornar ferramentas de preservação de culturas **ANDRÉ SOLLITTO**



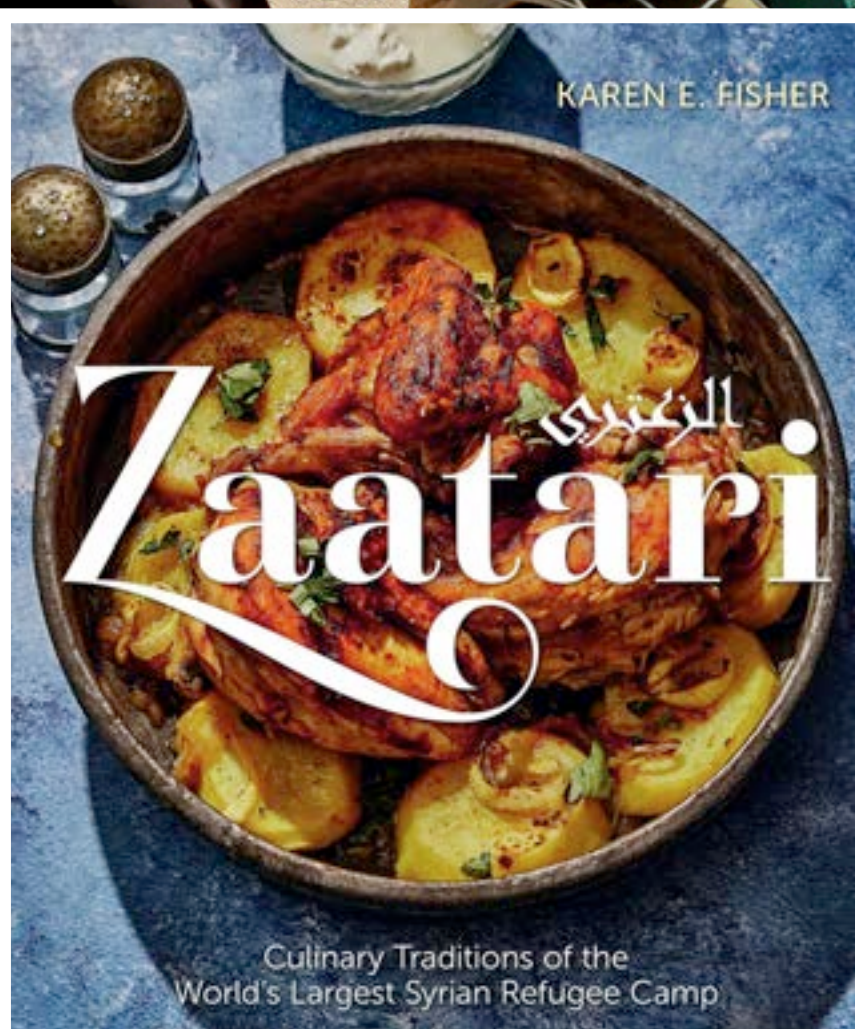
PÁGINAS DE HISTÓRIA Os volumes queridos pelas famílias: mais do que guias úteis, são instrumentos de sabedoria

FOI-SE O TEMPO em que os livros de culinária eram apenas volumosos compilados de receitas, feitos para ajudar quem se aventurava pela cozinha. Publicações como *Dona Benta Comer Bem*, editada pela primeira vez em 1940 e desde então reimpressa e ampliada de forma consistente, um clássico querido, tiveram — e ainda têm — papel fundamental. Não à toa, estão presentes em muitos lares brasileiros. Brota, agora, um fascinante movimento: a profusão de livros com o passo a passo e ingredientes, mas uma intenção paralela admirável, a de preservar a história de diferentes tradições regionais. Ajudam a ampliar repertórios e apresentam gastronomias locais ou de parcelas marginalizadas da população para público mais amplo. Além de oferecer pratos saborosos, o que é fundamental, são produções culturais de enorme valor, resgate de memórias do paladar.

É tendência internacional. Um dos principais exemplos recentes de livros dessa linha arqueológica vem do Oriente Médio. Na fronteira entre Síria e Jordânia, o acampamento de refugiados de Zaatari, o maior do mundo, foi criado em 2012 para receber a população que fugia do conflito civil que assolava a Síria. Desde então, o campo cresceu e agora, doze anos depois, abriga mais de 80 000 pessoas. Para os refugiados, preparar os pratos que comiam em casa é uma forma de manter vivas as lembranças domésticas. Durante oito anos, a etnógrafa Karen E. Fisher trabalhou na região pesquisando como viviam os moradores daquele canto e coletou dezenas de receitas,



KHALIL MAZRAAWI/AFP

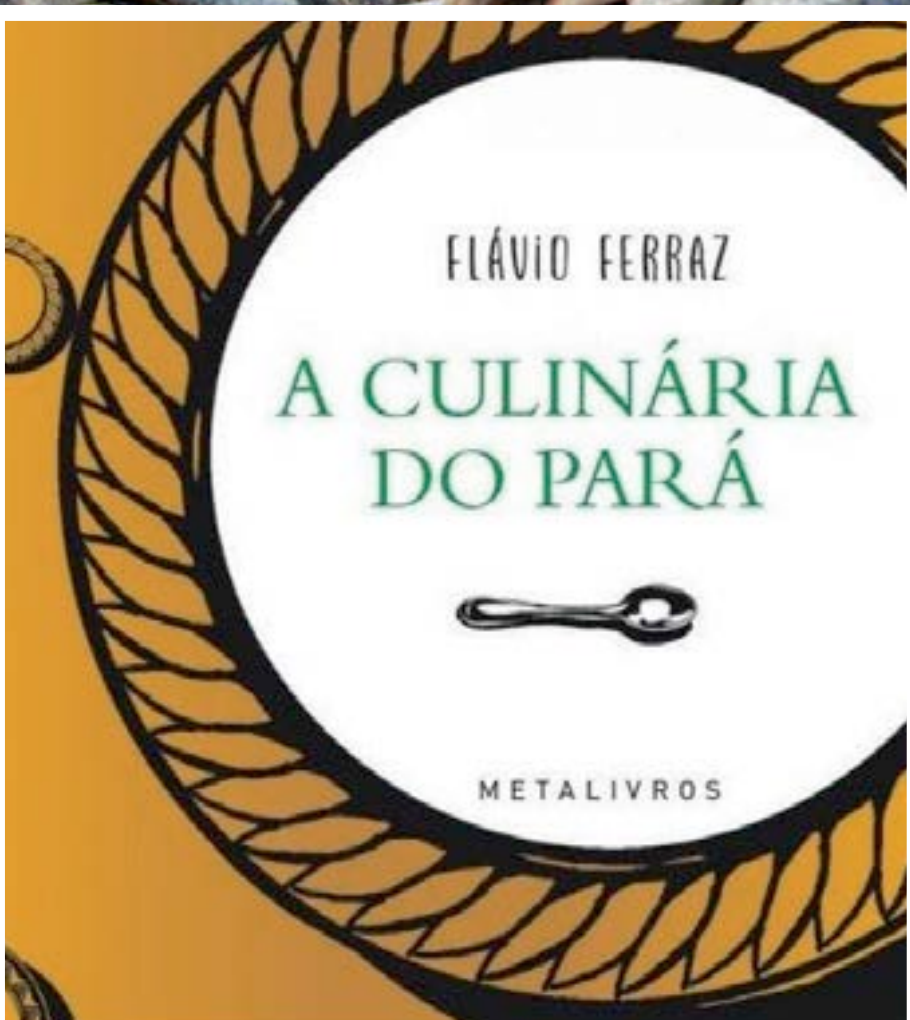


PRESERVAÇÃO O campo de refugiados Zaatari, na Jordânia: para os sírios que fugiram de seu país, a comida é uma forma de manter viva uma tradição

reunidas em um livro lançado neste ano no mercado americano. Virou best-seller. Não é o único, claro. No fim de maio, a autora Karla Tatiana Vasquez publicou *The Salvi-Soul Cookbook*, o primeiro dos Estados Unidos dedicado apenas à cozinha de El Salvador. Como filha de imigrantes, Vasquez trabalhou desde 2015 para coletar as dicas de outras mulheres que deixaram seu país em busca de melhores condições de vida nos Estados Unidos. Graças a seu esforço, a herança gastronômica foi transformada em manifesto de diversidade.



OSWALDO FORTE/FOTOARENA



PALADAR NORTISTA

O Mercado Ver-o-Peso, em Belém, no Pará: culinária local esmiuçada em obra do pesquisador Flávio Ferraz

O Brasil, com sua vasta extensão, merece especial espaço à mesa, dada a variedade de grupos, de aprendizados de geração para geração. Louva-se a comida de Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul, por exemplo. Outras, como a do Pará ou de Roraima, um tantinho à sombra, pedem passagem. “A culinária dos estados do Norte deveria ser mais divulgada”, diz Flávio Ferraz, renomado psicanalista e que, já há alguns anos, dedica-se a pesquisar o forno e fogão que o Brasil manteve em fogo brando. Ferraz — mineiro de nascimento radicado em São Paulo — escreveu uma série de sete

volumes sobre os sabores regionais pela Editora Metalivros. O mais recente é dedicado ao Pará. Um outro, sobre o Amazonas, está no prelo. “Embora existam vários ingredientes em comum nessas regiões, há muitas diferenças de produtos, de geografia, de métodos de preparo”, diz ele. De forma geral, as técnicas ficam restritas à tradição oral. Com os guias, o alcance cresce. “Mais do que divulgar, os livros de receitas oficializam um conhecimento”, diz Ferraz.

É fascinante. Em tempo de vale-tudo das redes sociais, em que doses de bobagens sobram, até mesmo as receitas sofrem, e é difícil separar o joio do trigo. Os livros funcionam como fontes confiáveis de sabedoria. Existem, inclusive, premiações específicas voltadas para esse tipo de publicação. A mais reputada é o James Beard Award, criado em homenagem ao escritor, chef e personalidade da televisão dos EUA, James Beard (1903-1985). Além de reconhecer os cozinheiros destacados, há categorias voltadas para volumes de cozinha americana e internacional. Uma seção é dedicada à pesquisa histórica. Em 2023, o vencedor na categoria, *Slaves for Peanuts*, abordou a relação dos escravizados e o plantio de amendoim.

Mas além da pesquisa e de referências do passado, uma boa publicação de culinária deve ter excelentes receitas, testadas à exaustão e bem escritas. Sem isso, corre o risco de morrer nas prateleiras. Com boas sugestões, será usado, anotado, sujo pelos ingredientes de preparo. “Um livro de receitas cheio de emendas e observações é insubstituível”, diz Ferraz. As lindas histórias familiares agradecem. ■



MADUROS E VIGOROSOS

Na etapa americana da turnê *Hackney Diamonds*, os Rolling Stones impressionam pela energia no palco e pela força musical, puxando um bloco de artistas que comprovam: há oxigênio no rock, e com louvor, após os 80

JOSÉ EMILIO RONDEAU, de Los Angeles

PAUL HENNESSY/ANADOLU/GETTY IMAGES



O SHOW CONTINUA Jagger cantando e dançando no palco (à esq.) e com os colegas Wood e Richards: 62 anos na estrada

O hoje oitentão Roger Daltrey, vocalista do The Who, uma das pontas de lança da invasão britânica de bandas de rock no alvorecer dos anos 1960, separa uma parte dos shows de sua atual turnê solo para responder a perguntas do público. No início do mês, numa cidade do estado americano da Pensilvânia, alguém quis saber qual era a banda de rock favorita de Daltrey. O cantor inglês não titubeou: “Só existe uma grande banda de rock’n’roll: os Rolling Stones. Ninguém é capaz de

superar Mick Jagger como *frontman*. Eles eram fantásticos antigamente e ainda são”. A banda que Daltrey tanto admira comemorou na semana passada 62 anos de atividade fazendo o que mais gosta: excursionando por dezesseis cidades americanas, impulsionada pelo elogiado disco lançado no ano passado, *Hackney Diamonds*. Uma turnê, ironicamente, patrocinada pela AARP, associação dos aposentados dos Estados Unidos.

Não importa que Jagger tenha 80 anos e Keith Richards — junto com Mick, o último sócio-fundador ainda restante — também, e que Ron Wood, o guitarrista “caçula”, já some 77 aniversários. Na estrada — ou mesmo no estúdio — o núcleo central dos Stones se mantém ativo com sabedoria de veteranos e vitalidade impensável para sua idade. Assim como os Stones, muitos de seus contemporâneos vêm desafiando a passagem do tempo e suas próprias limitações físicas e criativas. Daltrey e o The Who estão entre aqueles que atravessam os anos com shows lotados — engolindo, curiosamente, as palavras que os consagraram na juventude: “Espero morrer antes de envelhecer”. Paul McCartney, com 82 anos bem rodados, cruza continentes, incansável, lotando estádios — e lá vem ele de volta ao Brasil, no final do ano. Outro Paul — Simon —, do alto de seus 82 anos, lançou em 2023 um dos melhores discos de toda a sua carreira, *Seven Psalms*. Ainda que por vezes cantando versões irreconhecíveis de seus clássicos, Bob Dylan, 83 anos, dá continuação à turnê *Never Ending Tour* (Turnê sem Fim), iniciada em 1988.

ROBERT KNIGHT ARCHIVE/REDFERNS/GETTY IMAGES



PASSADO Os Stones na turnê de 1972: eles já não fazem dois shows por noite, mas mantêm força

Todos, juntos, fazem parte de uma geração de artistas mergulhados num experimento inédito e ainda em andamento: haverá vida no rock depois dos 80 anos? Melhor que ninguém, os Rolling Stones demonstram que sim. Com louvor. Mick Jagger e cia. são profissionais consumados e se preparam bem para a maratona de alta demanda física. Antes da turnê, ensaiaram durante um mês de sessenta a setenta músicas nos Jim Henson Studios, em Los Angeles — o mesmo lugar onde gravaram a maior parte do novo disco. E, ciosos de que precisam apresentar um espetáculo visualmente impactante, que envolva as dezenas de milhares de pessoas que lotam os estádios onde tocam, encomendaram um telão



AMIGOS Os Stones com Paul (*à dir.*) no estúdio: incansáveis

de LED de altíssima definição, medindo 213 metros quadrados, no qual projetam detalhes de imagens vindas de catorze câmeras posicionadas no palco de 55 metros de largura, mais criações audiovisuais da agência londrina Treatment Studio.

Ao vivo, o grupo supera a si mesmo e às expectativas, desafiando a passagem dos anos e qualquer suspeita de obsolescência ou ferrugem. Podem não fazer mais dois shows por noite, como aconteceu até a mítica tour de 1972, para muitos o ponto alto da carreira dos Stones. No entanto, em 2024, são uma versão inacreditavelmente vigorosa e sanguínea daquele grupo que nasceu em 1962.

No primeiro dos dois shows que fizeram no gigantesco SoFi Stadium, em Los Angeles, conferido por VEJA na semana passada, os Stones demonstraram uma força desco-

GARY MILLER/GETTY IMAGES



MENESTREL Dylan: cantor segue firme na Turnê sem Fim

munal. Jagger pode se preservar de algumas notas mais altas, deixando-as por conta de Bernard Fowler, o vocalista de apoio, mas canta talvez até melhor do que na juventude e continua dominando o palco e a plateia como nenhum outro, dançando ou correndo do começo ao fim. Como um homem de 80 anos é capaz de manter essa silhueta e essa forma física — e continuar sendo imbatível como o melhor *frontman* do rock? Keith adotou um estilo ainda mais primal e pesado de tocar. Ron, idem. Os dois formam um rolo compressor humano de riffs que é acachapante. E tudo se torna ainda mais forte e impactante com a pegada de Steve Jordan, o baterista que assumiu as baquetas de Charlie Watts após a morte deste, em 2021. Agora em sua segunda turnê com o grupo, Jordan permitiu-se tocar à sua maneira



IRADOS Os ídolos do The Who: shows lotados pelo mundo

muito dos sucessos que os Stones desfilam no decorrer do show, imprimindo um ritmo que muita gente com a metade da quilometragem dos titulares não consegue acompanhar.

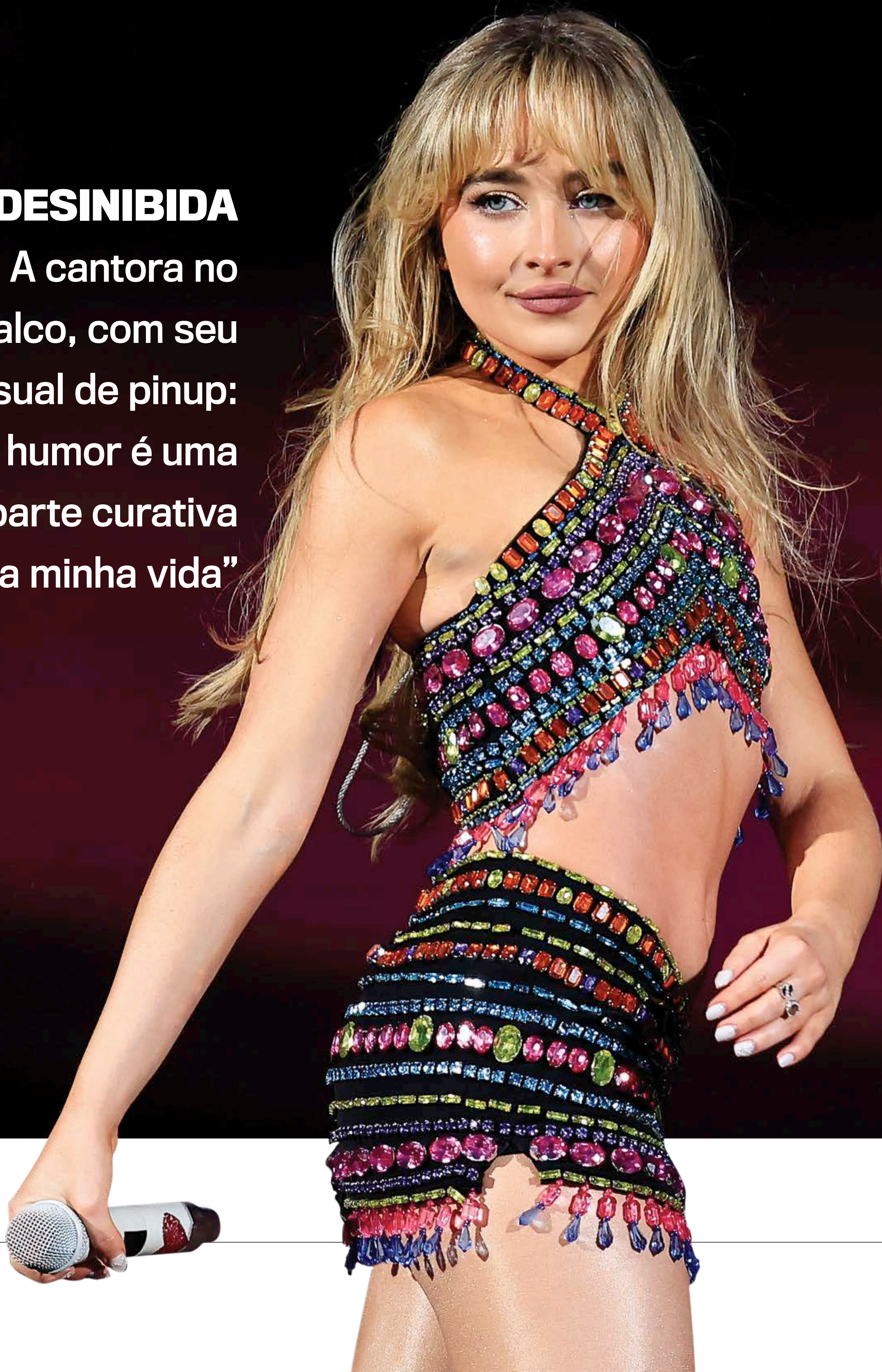
Até quando os Stones vão continuar? A pergunta assombra-os desde 1965. E a estrada percorrida é infinitamente maior que a restante. Esse é um dos elementos mais intrigantes da jornada do grupo. Mesmo assim, não há planos de aposentadoria. Fala-se de mais shows este ano (talvez até uma volta à mesma Copacabana que superlotaram em 2006) e em 2025, junto com um novo disco. Como cantam numa das melhores músicas de *Hackney Diamonds*, *Sweet Sounds of Heaven*, um dos momentos mais fortes da apresentação, os Stones parecem determinados a acreditar que ainda são jovens. Melhor para todos nós que seja assim. ■

PEQUENA NOTÁVEL

Estrelinha em ascensão nas paradas musicais, a americana Sabrina Carpenter coloca em voga uma irreverência sensual e uma corajosa dose de autoironia que andavam em falta no pop

DESINIBIDA

A cantora no palco, com seu visual de pinup: “O humor é uma parte curativa da minha vida”



EM 2009, quando tinha 10 anos, a americana Sabrina Carpenter já despontava como promessa musical: ela ficou em terceiro lugar num concurso promovido pela cantora Miley Cyrus, que estava em busca da próxima revelação infantojuvenil. Embora mais nova que as outras participantes, a menina exibiu uma voz doce e um jeito soltinho difíceis de ignorar. Não deu outra: após a competição, assinou contrato com uma gravadora e fez pontas como atriz, até entrar para o elenco de *Garota Conhece o Mundo*, seriado do Disney Channel. De lá para cá, evoluiu não só em seu trabalho: tornou-se uma bela loira com estampa de pinup clássica. Chama atenção, sobretudo, por ser uma estrela capaz de rir, inclusive de si mesma: batizou seu sexto álbum, que sai em agosto, de *Short n' Sweet* — expressão em inglês equivalente ao nosso “curta e grossa”, uma brincadeira com sua baixa estatura.

Com apenas 1,51 metro de altura, Sabrina rapidamente se firma no topo do mundo pop. As duas canções já lançadas do disco, *Espresso* e *Please Please Please*, alcançaram o primeiro lugar entre as mais ouvidas do Spotify e não saem dos ouvidos da geração Z. A razão de seu apelo é que ela se posiciona de modo curioso na cena musical. Enquanto cantoras como Billie Eilish celebram a diversidade e a onipresente Taylor Swift encampa com seriedade o papel de porta-voz das dores femininas, Sabrina põe em cena uma irreverência que andava em falta. Até ao falar de seus problemas: hoje aos 25, ela canta sobre os dramas da vida

adulta — como relacionamentos frustrados e homens tóxicos — sem se levar tanto a sério. “Aqueles momentos em que sou apenas uma garota com muito desejo são tão reais quanto as horas em que estou com o coração partido e me sinto infeliz”, disse recentemente à revista *Rolling Stone*.

O temperinho picante que ela traz às paradas também é providencial. Trata de temas sexuais sem pudor e recheia suas músicas de versos de duplo sentido. Quando veio ao Rio, em 2023, para abrir os megashows de Taylor, cantou: “Ele está me bebendo como uma caipirinha / Como me excitar, garoto, eu posso te ensinar / Meu novo nome é Ipanema-Brina”. Os versinhos atrevidos viralizaram no TikTok. “O humor é uma parte curativa da minha vida”, já declarou. A fama não veio isenta de polêmicas. Em 2021, ela foi apontada como pivô da separação de Olivia Rodrigo e Joshua Bassett, também ex-atores da Disney. Na canção *Drivers License*, fenômeno na internet, Olivia desabafa sobre um ex-namorado que a deixou por uma mulher loira e mais velha — que os fãs não tardaram a identificar como Sabrina. “Talvez ‘loira’ fosse a única rima”, respondeu a cantora, debochada, na música *Skin*. A pequena notável perde a amiga — mas não a piada. ■

Mariana Carneiro

O DESAFIO DA SOBREVIVÊNCIA

A recente temporada de *O Urso* adiciona mais horrores a seu retrato brutal da alta gastronomia, provando que os ambientes de trabalho tóxicos estão em alta nas séries **AMANDA CAPUANO**



EM EBULIÇÃO *O Urso*: Carmy (Jeremy Allen White) é atormentado por chef carrasco de seu passado



NA MANHÃ SEGUINTE à inauguração caótica do refinado restaurante The Bear, o chef Carmy (Jeremy Allen White) adentra a cozinha sozinho e refaz minuciosamente uma série de receitas que beiram a perfeição — mas à qual, na sua visão exigente, ainda não chegou. Metódico, ele está determinado a conquistar uma estrela Michelin — a maior honraria da gastronomia — e trabalha incessantemente para assegurar o alto padrão do novo estabelecimento. Comidas belas à parte, a terceira temporada de *O Urso*, que acaba de estreiar no Disney+, vê Carmy reviver antigos demônios na ânsia de ser impecável, e há um em especial que o atormenta sempre: o carasco David Fields (Joel McHale), chef que fez de sua vida na cozinha um inferno enquanto ele trabalhava e estudava em Nova York — que, finalmente, vai ser confrontado sobre os métodos abusivos que fizeram de Carmy o chef que ele é hoje, para o bem e para o mal.

Marcada por seu ritmo ansioso, e pelo tilintar irritante das panelas, *O Urso* é exemplar inequívoco de um filão que vem ganhando corpo nas telas nos últimos anos: as séries que mergulham em ambientes de trabalho tão ambiciosos quanto caóticos, geralmente comandados pelo punho de ferro de chefes abusivos. A tendência, vale destacar, não distingue profissões e mostra que sobreviver em qualquer uma delas pode ser um desafio. Além da cozinha de Carmy, que funciona como uma panela de pressão prestes a explodir, produções do gênero mergulham em cenários que não se restringem ao tradicional escritório: transitam da competi-

JAKE GILES NETTER/MAX



BASTIDORES *Hacks*: série expõe a relação difícil de diva do humor com roteirista

ção implacável no mercado financeiro de *Industry*, drama com Kit Harington (*Game of Thrones*) que estreia sua terceira temporada em agosto no Max, ao nada glamoroso bastidor do show business em *Hacks*, também da plataforma — na qual a relação da comediantes Deborah Vance (Jean Smart) com a roteirista Ava (Hannah Einbinder) oscila do chamego à humilhação. Há ainda a entediante burocracia do MI5, que escanteia agentes desajustados como o vivido por Gary Oldman na série *Slow Horses*, cuja quarta temporada chega em setembro à Apple TV+.

Além da falta de um RH decente, a realidade trabalhista nas telas comunga de uma ambiguidade curiosa: ao mesmo tempo que o ambiente esmaga seus funcionários, deixando o psicológico de muitos deles em frangalhos com os abusos de superiores e a competitividade exacerbada, ele também é



APPLE TV+

AZARÕES *Slow Horses*: Gary Oldman
comanda equipe de agentes fracassados

o objeto de desejo dos protagonistas. Mais que meio de subsistência, eles enxergam o trabalho como prioridade inegociável e almejam chegar ao topo da profissão — mesmo que o preço a pagar seja alto. *Carry* tem Fields como um anti-mentor — alguém que ele vê como exemplo de que tipo de chef não ser. Mesmo assim, explode na cozinha e repete comportamentos de seu carrasco na ânsia de se provar como profissional, levando à loucura também aqueles que o cercam, como a promissora chef Sidney (Ayo Edebiri) — que já chegou a trabalhar sem salário em prol do restaurante e, a despeito de tudo, titubeia diante da chance de se livrar das garras do Urso quando tem a chance.

Mas nem só de protagonistas ambiciosos vive o trabalho nas telas: produções como *Succession* e *The White Lotus* expõem um lado mais dramático da situação: os super-ricos

NICK STRASBURG/HBO



SELVA Harington (à dir.) em *Industry*:
competição extrema no mercado financeiro

que exploram e humilham seus funcionários. Exemplo disso são os faz-tudo da família Roy e os serviços dos resorts de luxo de *White Lotus*, que ouvem todo tipo de barbaridade dos clientes de nariz em pé que frequentam as suítes portentosas. Em um extremo distópico, há ainda *Ruptura*, série da Apple TV+ cuja segunda temporada chega à plataforma em janeiro de 2025. Na trama de ficção científica, a situação é elevada a um absurdo assustador: para sobreviver e se manter produtivos no emprego, funcionários de uma corporação são submetidos a uma intervenção no cérebro que lhes confere duas personalidades distintas — uma existe apenas no expediente e a outra, fora do trabalho. O corpo é o mesmo, mas um “eu” não sabe da existência do outro, e ambos se lembram só da parte da rotina que lhes cabe. A sobrevivência na selva trabalhista é uma receita desafiadora. ■

MARATONA PORTENHA

Com *Meu Querido Zelador* e *O Faz Nada*, do Disney+, a Argentina abraça o filão das séries e dá seu toque cinematográfico peculiar a produções divertidas e cativantes **KELLY MIYASHIRO**



ORDEM NO PRÉDIO O zelador Eliseo (Guillermo Francella) e o homem que quer demiti-lo: guerra de ideais – e de classes



ELISEO (Guillermo Francella) ama seu trabalho de três décadas como zelador de um prédio de classe média alta em Buenos Aires — onde também mora numa casinha humilde típica no terraço. Sempre solícito aos moradores e cheio de esquemas escusos para conseguir uma graninha extra, o homem vê sua paz em risco quando o presidente da associação de moradores (Gabriel Goity) inventa de construir uma área de lazer com piscina, academia e sauna no terraço — o que provocaria o despejo e a demissão de Eliseo, que agora seria trocado por uma empresa de limpeza profissional. Esperto, o funcionário decide lutar para manter seu emprego e sua casa pondo em prática planos mirabolantes para convencer os residentes de que sua presença é mais valiosa que uma piscina — mesmo que para isso precise mentir, manipular, chantagear e até causar divórcios em *Meu Querido Zelador*, série argentina que atesta o desejo do país latino em conquistar o filão de séries, após se impor como o melhor cinema autoral do continente. O comportamento peculiar de Eliseo se repete em escalas maiores na segunda e na terceira temporada, recém-chegada ao Disney+, que exhibe igual vigor na guerra de ideais (e de classes) que faz a delícia dos espectadores.

Fruto de uma longa tradição de valorização do audiovisual, amparado por políticas públicas — atualmente na mira do presidente ultradireitista Javier Milei —, o cinema argentino se estabeleceu, com razão, como um dos melhores do mundo ao unir requinte visual e roteiros sagazes. A combinação ganha, nas mãos dos hermanos, um brilho que rara-



RECOMENOS Antonia e Manuel (Luis Brandoni): empregada esforçada e dândi com novos propósitos

mente se vê — é forçoso reconhecer — nos filmes brasileiros: autocrítica, irônica e sem cair na tentação de dar palco a egos inflados, a produção local alfineta os excessos e as breguices dos ricos e poderosos, avacalha todos os lados políticos e não se perde em ingenuidades maniqueístas. O mesmo frescor se reflete em séries como *Meu Querido Zelador* e *O Faz Nada*, outra pérola da Disney+ (que recentemente absorveu o catálogo do extinto Star+). Ambas as séries são criações da dupla Mariano Cohn e Gastón Duprat, que definiram o tom certo da nova safra portenha.

Enquanto Eliseo luta contra pessoas influentes, Manuel (Luis Brandoni) de *O Faz Nada* é um crítico gastronômico esnobe e dândi que facilmente poderia morar no edifício do zelador. Ao contrário deste, porém, seu objetivo é manter a vida metódica e confortável que ostenta há quarenta anos, com a ajuda da fiel governanta Celsa (María Rosa Fugazot). Quando ela morre inesperadamente, o bon vivant a princípio resiste, mas logo joga a toalha: contrata uma paraguaia desesperada por emprego para aprender a cuidar dele. Os dois criam um laço de cumplicidade por meio da única coisa que têm em comum: a paixão por comida boa. Na minissérie de apenas cinco episódios, a fotografia de pratos refinados dá um toque especial às cenas. A cereja no bolo é a participação de Robert De Niro, astro de Hollywood que não gosta de atuar em séries, mas abriu uma exceção a pedido do veterano Brandoni, seu amigo de longa data. Após conquistar oito indicações ao Oscar — vencendo duas, por *A História Oficial* (1985) e *O Segredo dos Seus Olhos* (2009) —, os hermaninhos agora querem ganhar a maratona do streaming. E olha que eles merecem. ■

**WALCYR CARRASCO**

O MUNDO PATOLÓGICO

Saúde mental é um assunto sério
demais para ser banalizado

QUAL É o seu diagnóstico? Você ainda não sabe? Com certeza alguém já enfiou o dedo no seu nariz e apontou algum sintoma psicológico. É fato. Todo mundo subitamente dá diagnósticos e parece entender de sua saúde mental. Não estou dizendo que se deva evitar esses temas, nem mesmo que eu próprio esteja lá essas coisas mentalmente. Diagnóstico é bom para buscar um bom tratamento, se necessário. Agora, tenha a santa paciência! De repente, todo mundo é esquizofrênico, paranoico ou, principalmente, TDAH, que se tornou o diagnóstico mais falado dos últimos tempos — é claro que depois do narcisismo — e até já virou adjetivo recorrente em muitas conversas. Tentei entender do que se trata, não por sede de conhecimento, mas para também diagnosticar quem me cerca, já que hoje em dia parece impossível conviver sem um bom rótulo mental para aplicar à vida alheia. TDAH é, resumidamente, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. Pouco, se lembrarmos que até um tempinho atrás a moda era descobrir quem era psicopata. Antes,



aliás, eu tinha horror a essa palavra, pois me remetia a assassinatos sangrentos. Mas mudei após ler um artigo dizendo que, de acordo com estudos acadêmicos, o transtorno atinge uma em cada 100 pessoas. Só no Brasil seriam de 2 milhões a 4 milhões de psicopatas, nem todos ocupados em assassinar o próximo. Dizem que eles são mais charmosos, espertos e ótimos gerentes, diretores e CEOs, pois não hesitam em demitir 500 pessoas de uma vez, sem dor no coração (apenas como exemplo). Houve uma época em que fui tentar descobrir se era um psicopata. Conferi as características. Mas o primeiro cãozinho que me fez chorar provou que não. TDAH desconfio que eu seja. Minha mente voa para longe de vez em quando e sou do tipo que prefere acreditar que 2 mais 2 são 22. Na minha fala, tenho pausas dramáticas que fazem meus amigos se divertirem. Mas o fato é que nesses casos estou achando a conversa chata e divago pen-

“Em vez de crer num diagnóstico feito a torto e a direito, é melhor procurar um profissional sério”

sando em outras coisas. Sinceramente, você que está me lendo acha que isso é TDAH? Ou tem muita gente enfadonha no mundo, na real?

Muita gente vive dizendo que é paranoica devido a medos, que tem transtorno obsessivo-compulsivo por tomar muitos banhos diariamente, não conseguir pisar em linhas. Eu mesmo já descobri que tenho TOC, mas não conto qual. Muita exposição. Mais fácil posar de sunga no Instagram (e olha que é difícil, devido à minha barriga.)

O fato é que, após a revolução industrial, veio a psicologia. A democratização dos diagnósticos, que fez todo mundo ter o seu. O que me assusta é que boa parte deles elimina a responsabilização. Ninguém mais é ruim. E, quando apronta uma pesada, a culpa é da mãe ou do pai que o traumatizou. Não está nada fácil para ninguém. Mas, em vez de acreditar num diagnóstico feito a torto e a direito, o melhor é procurar um profissional sério para, enfim, enxergar a luz no fim do túnel. ■

APPLE TV+.

TELEVISÃO

A MULHER NO LAGO

(disponível na Apple TV+, com episódios semanais às sextas-feiras)

As vidas de Maddie (Natalie Portman) e Cleo (Moses Ingram) parecem opostas: a primeira é uma mulher branca, judia, de classe média alta, que vive para a família; a segunda é uma jovem negra, pobre, mãe de dois filhos, que trabalha de modelo de vitrine durante o dia e de assistente de um clube suspeito à noite. Em camadas mais profundas, ambas são vítimas das mazelas do machismo e da obrigação de viver em prol dos demais em detrimento de si mesmas. O cami-



SUSPENSE Natalie e Moses na série: crime conecta história das duas mulheres distintas

nho das duas se cruza de forma peculiar: Cleo avisa logo no começo da série que está morta — e seu assassinato vai impactar Maddie por razões pessoais. Baseado no livro de mesmo nome, da americana Laura Lippman, o suspense conecta diversos pontos do submundo do crime, pontuado por questões de classe e raça, e traz atuações primorosas de Natalie e Moses, protagonistas que também são produtoras-executivas da trama em sete capítulos.

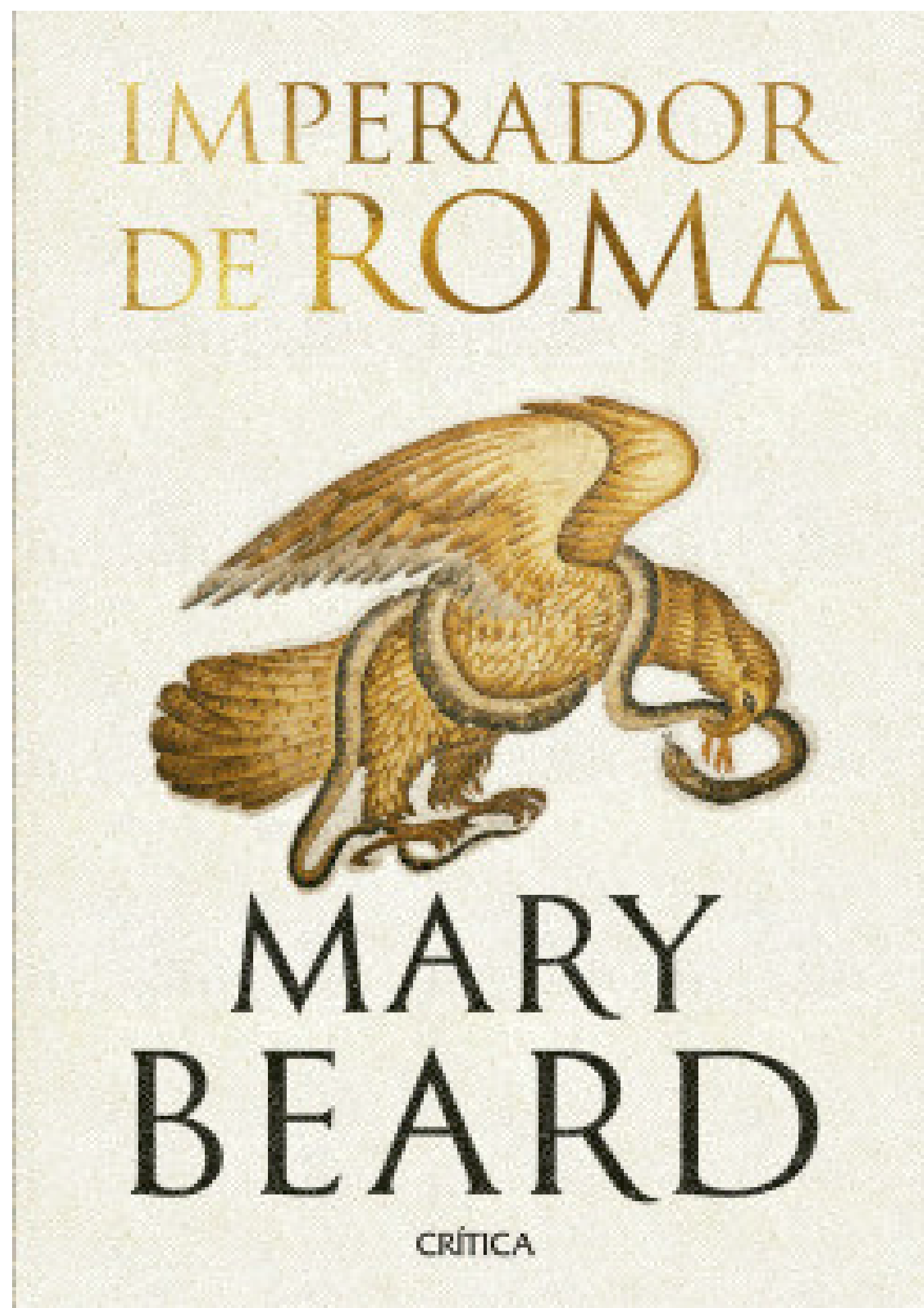
COBRA KAI – SEXTA TEMPORADA

(disponível na Netflix)

Surgido no embalo da nostalgia pelos filmes de ação dos anos 1980 propulsionada pelo streaming, *Cobra Kai* imaginou como os personagens do filme — e clássico de uma geração — *Karatê Kid* estariam atualmente. Deu tão certo que a atração, criada como série de baixo orçamento no YouTube, chega como sucesso triunfal à sua sexta e última temporada na Netflix, dividida em quinze episódios, que serão lançados ao longo deste ano e de 2025. A rixa entre Daniel (Ralph Macchio) e Johnny (William Zabka) finalmente foi posta de lado e a dupla se alia contra dois inimigos em comum: o perigoso Terry Silver (Thomas Ian Griffith) e John Kreese (Martin Kove).



VENCEDORES Os heróis de *Cobra Kai*:
temporada final da série chega à Netflix

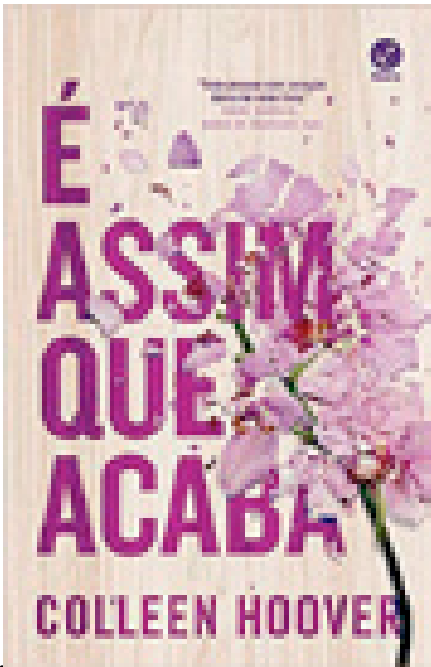


LIVRO

IMPERADOR DE ROMA,
**de Mary Beard (tradução
de Claudio Carina; Crítica;
480 pág.; 129,90 reais)**

Época que causa fascínio, o Império Romano foi palco de mandatários que marcaram a história — muitas vezes, por razões hediondas. Nero e Calígula que o digam: ambos foram eternizados como psicopatas violentos e afeitos a depravações sexuais. Movida por critérios menos fantasiosos, a historiadora Mary Beard traçou um instigante retrato dos imperadores que atuaram entre os séculos I a.C. e III d.C., de curiosidades peculiares (como um que comprou seu período no poder) à tradição política que ainda ecoa no mundo hoje. ■

FICÇÃO



1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 147#] GALERA RECORD

2 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 106#] BERTRAND BRASIL

3 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [8 | 22#] SUMA DE LETRAS

4 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 84#] GALERA RECORD

5 **VERITY**
Colleen Hoover [2 | 117#] GALERA RECORD

6 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [5 | 7#] BUZZ

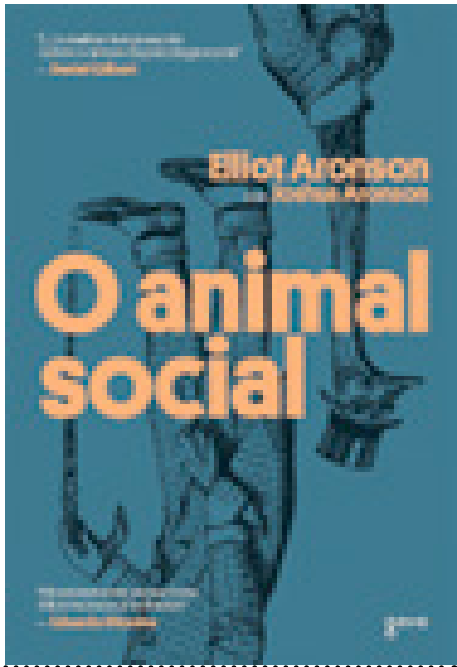
7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [6 | 94#] RECORD

8 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [7 | 27#] FARO EDITORIAL

9 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [0 | 17#] ARQUEIRO

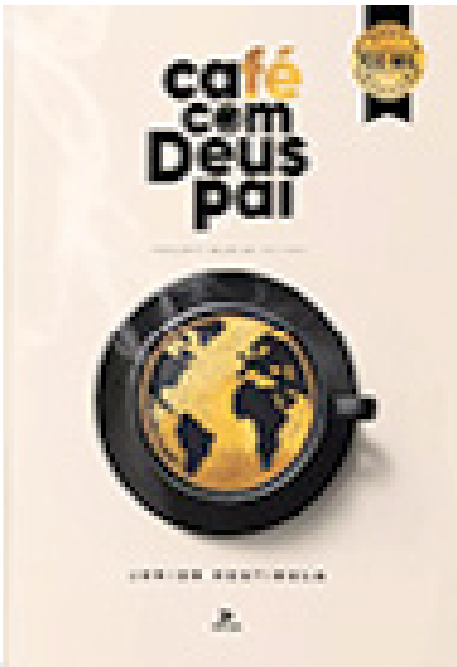
10 **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [0 | 30#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1	O ANIMAL SOCIAL Joshua Aronson [1 5#] GOYA
2	O PRÍNCIPE Nicolau Maquiavel [3 55#] VÁRIAS EDITORAS
3	NAÇÃO DOPAMINA Dra. Anna Lembke [2 48#] VESTÍGIO
4	MEDITAÇÕES Marco Aurélio [0 48#] VÁRIAS EDITORAS
5	SOCIEDADE DO CANSAÇO Byung-Chul Han [4 65#] VOZES
6	SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ? Graziela Gonçalves [5 20#] PARALELA
7	MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS Clarissa Pinkola Estés [7 196#] ROCCO
8	A PRATELEIRA DO AMOR Valeska Zanello [10 6#] APPRIS
9	AS SEIS LIÇÕES Ludwig von Mises [6 7#] LVM EDITORA
10	O PACTO DA BRANQUITUDE Cida Bento [8 22#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



- 1

CAFÉ COM DEUS PAI 2024

Junior Rostirola [1 | 30#] VÉLOS
- 2

AS 48 LEIS DO PODER

Robert Greene [3 | 27#] ROCCO
- 3

O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

George S. Clason [5 | 177#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 4

HÁBITOS ATÔMICOS

James Clear [6 | 57#] ALTA BOOKS
- 5

A PSICOLOGIA FINANCEIRA

Morgan Housel [4 | 43#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 6

OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA

T. Harv Eker [9 | 462#] SEXTANTE
- 7

COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS

Dale Carnegie [8 | 126#] SEXTANTE
- 8

MAIS ESPERTO QUE O DIABO

Napoleon Hill [10 | 252#] CITADEL
- 9

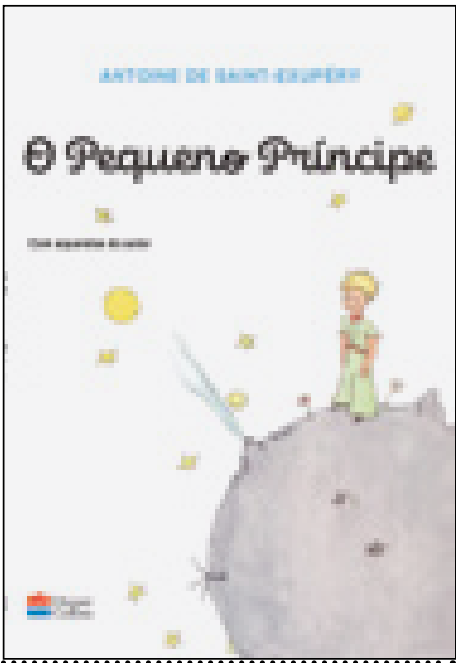
A GENTE MIRA NO AMOR E ACERTA NA SOLIDÃO

Ana Suy [0 | 5#] PAIDÓS
- 10

MUNDO MAIS CONSCIENTE

Leo Chaves, Vivian Dias e Maurício Dias [2 | 2] NOVO SÉCULO

INFANTOJUVENIL



- 1

O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry [1 | 427#] VÁRIAS EDITORAS
- 2

ASSISTENTE DO VILÃO

Hannah Nicole Maehrer [0 | 2#] ALT
- 3

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

J.K. Rowling [2 | 433#] ROCCO
- 4

AS AVENTURAS DE MIKE

Gabriel Dearo e Manu Digilio [4 | 36#] OUTRO PLANETA
- 5

O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA

Maidy Lacerda [5 | 17#] OUTRO PLANETA
- 6

EMOCIONÁRIO

Cristina Núñez Pereira [7 | 15#] SEXTANTE
- 7

AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON

Gabriel Dearo e Manu Digilio [6 | 23#] OUTRO PLANETA
- 8

O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO

Maidy Lacerda [8 | 11#] OUTRO PLANETA
- 9

O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS

William Bennett [0 | 19#] NOVA FRONTEIRA
- 10

DIÁRIO DE UM BANANA

Jeff Kinney [9 | 36#] VR

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba**: Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blook, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blook, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul**: Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklyn, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

**JOSÉ CASADO**

SEM VIDA FÁCIL

FALTAM DEZ semanas para as eleições municipais e, apesar da dissimulação, não há político ou eleitor mais preocupado do que Lula. Suas alternativas para a disputa presidencial de 2026 dependem dos resultados das urnas em outubro.

Nessa etapa do jogo, o problema está na coincidência das pesquisas sobre o essencial: a tendência é a derrota do governo e do Partido dos Trabalhadores nas 100 maiores cidades do país, entre elas 25 capitais.

Nesse grupo, as sondagens do último trimestre indicam chance real do PT em apenas oito metrópoles, em três casos com prefeitos bem avaliados na tentativa de reeleição (Contagem e Juiz de Fora, em Minas, e Diadema, em São Paulo). Nas capitais, a liderança dos candidatos petistas está restrita a Teresina e Porto Alegre, onde há perspectiva de segundo turno.

A oposição ao petismo lidera no mapa nacional de intenções de voto. Em posição dominante estão os partidos de centro e de direita que se agrupam no Congresso no bloco conhecido como Centrão.

À margem, e com destaque, está o Partido Liberal, atual



abrigo de Jair Bolsonaro. Tende a se consolidar como a mais eloquente expressão da direita brasileira. Está à frente, por exemplo, em Belém, Goiânia, Palmas, Maceió e Aracaju.

Numa ironia política, é real a chance de um radical do bolsonarismo governar a partir de janeiro a capital paraense, que vai sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em novembro. Com um histórico de violência na corregedoria da polícia, o ex-delegado Éder Mauro é deputado federal do PL e militante estridente das bancadas da bala e do garimpo há mais de uma década.

Sem nova “onda vermelha”, como ocorreu nos governos anteriores de Lula, o PT está limitado às alianças com partidos-satélites — parte destes já se vê em risco de perder representação no Congresso em 2026, ficando sem acesso à propaganda eleitoral em rádio e televisão e aos fundos públicos.

Essa circunstância condimenta a crise silenciosa do petismo, cuja bancada no Congresso emagreceu, para 13% dos votos no plenário, e hoje não governa nenhuma capital — controla apenas 4,3% dos 5 569 municípios, dois terços com menos de 50 000 habitantes.

Haveria algum alento no panorama traçado nas pesquisas atuais, que sinalizam chance de dobrar o total de prefeituras em outubro. Paradoxalmente, até mesmo o melhor cenário não tem sido capaz de reverter a melancolia prevalecente no partido, que é o mais organizado e venceu cinco das nove disputas presidenciais realizadas nas últimas três décadas.

“Alternativas de Lula dependem das urnas, e a tendência é de derrota do governo”

Nas reuniões internas já não se discutem os erros do passado, apenas as aflições no horizonte pós-eleições municipais. “Nós não aguentamos um tranco da direita como nós estamos, e a direita vai nos dar um tranco”, tem insistido José Dirceu. Ex-presidente do partido, ele diz aquilo que a maioria petista receia: “Se nós formos derrotados neste ano, eles vão tomar mais um naco do governo”. Por “eles” ficam entendidas as forças de centro e de direita amontoadas no Centrão, que receberam ministérios e cargos relevantes nas empresas estatais em troca de apoio em votações legislativas.

O cenário atual das eleições municipais condiciona as alternativas de Lula para a disputa presidencial de 2026 e, principalmente, um eventual quarto mandato. No governo e na oposição considera-se que, fortalecidos nas maiores cidades, partidos do Centrão tendem a dar prioridade à sobrevivência no Congresso. Por essa lógica, dificilmente,


PP, União Brasil, Republicanos, MDB e PSDB embarcariam em nova aliança eleitoral capitaneada por Lula.

Há uma novidade pouco percebida no ambiente político, ressaltava Leonardo Barreto, da consultoria i3P Latam: “Pela primeira vez, os partidos estão mais preocupados com a moldagem da sua identidade eleitoral, à direita e ao centro. E isso acontece em meio a um problema de imagem de Lula, do PT e do governo que não está solucionado, como se verifica na divisão das avaliações, quase empatadas, nas maiores cidades do Nordeste”.

Esse quadro torna essencial para Lula a vitória, na cidade de São Paulo, do aliado do PSOL, Guilherme Boulos. Vencer na maior e mais rica capital pode atenuar os efeitos de um fiasco eleitoral no restante do país e criar condições, como defendem líderes do PT, entre eles José Dirceu, para tentar a reconstrução de uma “frente” eleitoral em 2026 — com Lula candidato ou em torno do substituto por ele escolhido (hoje, o mais evidente é Fernando Haddad, ministro da Fazenda e ex-prefeito paulistano). Em qualquer cenário, não haverá vida fácil. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

seleção

CASACLAUDIA &  **FRACALANZA**

Since 1884



Seleção Casa Claudia

*Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza*

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para
conferir toda a
seleção de
produtos e
saiba onde
encontrá-los.

A Fracalanza é uma marca exclusiva da Full Fit.

 fullfit_oficial  fullfitimport  Full Fit Importação

CASACOR / SÃO PAULO

DE PRESENTE,
O AGORA



COMPRA
AQUI

ÚLTIMAS SEMANAS!
Compre seu
ingresso

ATÉ 28 . 07

CONJUNTO NACIONAL
AV PAULISTA, 2073

PATROCÍNIO MASTER

deca

PATROCÍNIO

Coral

BANCO OFICIAL

BRB

PATROCÍNIO LOCAL

duratex

PATROCÍNIO DE
TECNOLOGIA

LG

CARRO OFICIAL

PEUGEOT

APOIO LOCAL

portinari

FORNECEDOR
OFICIAL

natura
BOTÂNICA

FORNECEDOR
OFICIAL

JBS

MEDIA PARTNER
OFICIAL

veja

HOTEL OFICIAL

MELIÀ

SEGURO OFICIAL

Potencial

CLUBE DE

REVISTAS



Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!